



SERGIO PEREIRA COUTO



DESVENDANDO A MAÇONARIA



MAÇONARIA MISTA | LUGARES SAGRADOS | MAÇONARIA PARA MULHERES
MAÇONS FAMOSOS | ARQUITETURA E TEMPLOS MAÇÔNICOS
GRANDE ORIENTE DO BRASIL E MUITO MAIS...

UNIVERSO DOS LIVROS





Começaremos a viagem conhecendo os lugares maçônicos, a história da construção, detalhes arquitetônicos, fatos curiosos e históricos. Visite os locais na Europa e no Brasil que se tornaram símbolos importantes para o mundo maçônico. Depois desse passeio, entraremos em um dos maiores tabus da maçonaria atual: você sabia que existe Maçonaria para mulheres? Aqui você encontrará as discussões que dividem o mundo maçônico. Afinal, as mulheres são aceitas ou não nos rituais dessa sociedade secreta? Saiba sobre os rituais femininos, as lojas e a história da Maçonaria mista. A Maçonaria é muito mais do que uma sociedade secreta. Ela está por detrás dos acontecimentos mais importantes da História e para isso tem como representantes homens e de fé e de luta. Capítulo a capítulo, você irá conhecer um pouco da história desses homens que construíram a Maçonaria no Brasil e no mundo. Vamos verificar a ligação entre esses santos, guerreiros e a maçonaria. Prepare-se para um mergulho nas profundezas do conhecimento maçônico.

ÍNDICE

ÍNDICE

CAPÍTULO 1

A CASA DO TEMPLO (HOUSE OF THE TEMPLE), WASHINGTON

NOÇÕES MAÇÔNICAS

STEPHEN MORIN

O SEGUNDO CONSELHO SUPREMO AMERICANO

O RITO ESCOCÊS

CAPÍTULO 2

A BIBLIOTECA E O MUSEU DA FRANCO-MAÇONARIA, LONDRES

O MUSEU

A BIBLIOTECA

A GRANDE LOJA DA INGLATERRA

MULHERES MAÇÔNICAS

CAPÍTULO 3

SALÃO DOS MAÇONS (FREEMASONS' HALL), LONDRES

PONTOS DE DESTAQUE

O BRASÃO DE ARMAS DA GRANDE LOJA UNIDA DA INGLATERRA

RELACIONAMENTO COM O BRASIL

CAPÍTULO 4

GRANDE ORIENTE DO BRASIL

O GRANDE ORIENTE DO BRASIL

MUSEU MAÇÔNICO

CAPÍTULO 5

O QUE É MAÇONARIA MISTA?

FUNCIONAMENTO

OPINIÕES

CAPÍTULO 6

HISTÓRIA DA MAÇONARIA MISTA

A EXCLUSÃO

OUTRAS LOJAS

CAPÍTULO 7

AS LOJAS MISTAS

INICIAÇÃO E TRABALHO MAÇÔNICO

REQUISITOS PARA SE TORNAR UM MAÇOM MISTO

PARTICULARIDADES

CRIAÇÃO DE UMA LOJA MISTA

CAPÍTULO 8

GRANDE LOJA MAÇÔNICA MISTA

UM NOVO COMEÇO

INFORMAÇÕES

CAPÍTULO 9

A MULHER E A MAÇONARIA

[MAÇONARIA FEMININA](#)

[MAÇONARIA DE ADOÇÃO E EGÍPCIA](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[MAÇONARIA FEMININA](#)

[A ANTIGUIDADE](#)

[LOJAS FEMININAS](#)

[RITUAIS](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[ORDENS MISTAS PARAMAÇÔNICAS](#)

[PARÓDIAS](#)

[ESTRELA DO ORIENTE E SANTUÁRIO BRANCO DE JERUSALÉM](#)

[ORDEM DE AMARANTH E HONORÁVEL FRATERNIDADE DA ANTIGA FRANCOMAÇONARIA](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[AS GRANDES LOJAS FEMININAS](#)

[GRANDE LOJA FEMININA DE PORTUGAL](#)

[O RITO FRANCÊS OU MODERNO](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[JOÃO, O EVANGELISTA](#)

[BIOGRAFIA](#)

[TESTEMUNHA DA PAIXÃO E MARTÍRIO](#)

[RAÍZES ESOTÉRICAS](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[SÃO JOÃO BATISTA](#)

[BIOGRAFIA](#)

[VIDA DE PASTOR](#)

[COMEÇO DAS PREGAÇÕES E MORTE](#)

[CURIOSIDADES](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[JOSÉ BONIFÁCIO](#)

[BIOGRAFIA](#)

[A VOLTA](#)

[JOSÉ BONIFÁCIO E A MAÇONARIA](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[SIMON BOLÍVAR](#)

[BIOGRAFIA](#)

[O COMEÇO DO FIM](#)

[DESENTENDIMENTOS](#)

CAPÍTULO 1

A CASA DO TEMPLO (HOUSE OF THE TEMPLE), WASHINGTON

Não há nada que chame mais a atenção de um profano que passar em frente a uma Loja Maçônica. Por menor que ela seja, a quantidade de símbolos e os diferentes formatos que as fachadas de tais edifícios apresentam sempre atraem os mais curiosos e fazem que aqueles que não estão acostumados com as filosofias e as histórias da Maçonaria imaginem o que de fato acontece entre aquelas paredes.

Pelo mundo todo, temos exemplos de belos templos maçônicos que se tornaram por si mesmos atrações turísticas. Alguns guardam em si histórias que chamam a atenção e revelam que a tolerância com a Maçonaria sempre esteve numa dança estranha entre a tolerância e o perigo iminente. A partir deste capítulo, veremos alguns desses lugares, bem como histórias a eles ligadas.

Nossa primeira parada, como não poderia deixar de ser, é o território dos Estados Unidos. Isso porque, em termos de belos templos maçônicos, esse país está muito bem servido. Alguns deles, inclusive, já serviram de inspiração para que autores best-sellers, como Dan Brown, usassem esses locais como cenários para histórias de intriga e conspiração, como o caso de *O símbolo perdido*, anteriormente chamado de *A chave de Salomão*, que é a continuação de *O código da Vinci*.

Um desses lugares fica em Washington, capital. É chamado de The House of The Temple, que traduzido seria a Casa do Templo. Trata-se de um templo maçônico que serve de quartel-general para o Rito Escocês

Maçônico, sobre o qual se falará daqui a pouco. Seu nome oficial completo é

Home of The Supreme Council, 33º, Ancient & Accepted Scottish Rite of

Freemasonry, Southern Jurisdiction, Washington D.C., U.S.A. (Casa do

Supremo Conselho, 33º, Rito Escocês Antigo e Aceito da Franco-Maçonaria, Jurisdição Sul, Washington D.C., E.U.A.). Fica na esquina da Rua 16 com a Rua S, na seção noroeste da cidade. A denominação oficial do tal Conselho que comanda o templo é The Supreme Council – Mother Council of the World – of the Inspectors General Knights Commander of the House of the

Temple of Solomon of the Thirty-third degree of the Ancient and Accepted

Scottish Rite of Freemasonry of the Southern Jurisdiction of the United

States of America (Supremo Conselho – Conselho-Mãe Mundial – do

Comandante dos Cavaleiros Inspetores Gerais do Templo de Salomão do Trigésimo Terceiro Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito da FrancoMaçonaria da Jurisdição Sul dos Estados Unidos da América).

Seu endereço exato é 1.733 Sixteenth Street, NW, em pleno distrito de Columbia. É a sede do Supremo Conselho desde 1915. O templo foi construído para que reproduzisse o formato do Mausoléu de Halicarnasso, uma das sete maravilhas do mundo antigo, e foi projetado por John Russell Pope, (1874–1937), arquiteto mais conhecido por seus projetos para o Memorial de Jefferson (que foi completado em 1943) e o Prédio Oeste da Galeria Nacional de Arte (concluído em 1941), ambos em Washington D.C.

Os trabalhos para sua construção começaram em 31 de maio de 1911 e a pedra fundamental foi assentada em 18 de outubro daquele mesmo ano. A Grande Loja do Distrito de Columbia foi quem colocou a pedra fundamental. Cinco anos depois o prédio foi entregue.

Para pesquisadores da obra arquitetônica de Pope, como Steven McLeod Bedford, autor de *John Russell Pope: Architect of Empire* (John Russell Pope: Arquitetura do Império, inédito por aqui), de todas as obras do arquiteto, é justamente a House of the Temple que será lembrada pelos próximos vinte anos. A publicação especializada *The London Architectural Review* escreveu que “pode-se dizer sobre essa composição monumental que ela alcançou a marca mais alta da arquitetura nas novas interpretações do estilo clássico no qual a moderna arquitetura americana está intimamente identificada”.

Quando Pope aceitou fazer esse projeto, tinha apenas 36 anos e nem poderia imaginar que este se tornaria seu primeiro projeto grande naquele distrito.

Pope foi premiado com uma medalha de ouro da Liga dos Arquitetos de Nova York em 1917. O arquiteto francês Jacques Greber o descreveu em seu livro *L'Architecture aux Etats-Unis*, de 1920, como “um monumento de uma suntuosidade notável [...] o conjunto é um estudo admirável de arquitetura antiga, estampada com uma poderosa dignidade”.

O historiador de arte, Fiske Kimball, escreveu em sua obra, *American*

Architecture (Arquitetura Americana), que o prédio podia ser citado como um exemplo de “simplicidade e grandeza impressionantes”, uma obra que marca o triunfo do estilo clássico nos Estados Unidos.

Tal prédio fez tanto sucesso entre os admiradores, que Pope obteve um lugar na edição de 1928 de uma das publicações especializadas mais conceituadas norte-americanas, a *História da arquitetura no método comparativo* (*History of Architecture on the Comparative Method*). Até os historiadores considerados mais propensos a serem modernistas, como Lewis Mumford (1895-1990), concordam que a Casa do Templo é um excelente exemplo de arte clássica.

No final da década de 1920, um grupo composto pelos companheiros de profissão de Pope selecionou e publicou plantas do Templo como representação do que eles consideraram como um dos três melhores prédios públicos daquele país; os outros dois foram o Capitólio do Estado de Nebraska, de Bertram Goodhue (1920-1932) e o Edifício da União PanAmericana, de Lincoln e Paul Cret (1907-1910), em Washington, D.C. Em 1932, um grupo de arquitetos ligados ao governo federal ainda mantinha o prédio na lista dos dez melhores edifícios do país.

Poucas alterações estruturais foram feitas desde que a obra foi acabada. A Casa do Templo foi aberta à visitação pública, por meio de visitas com guia, desde 1915. Lá é possível verificar, numa parte do prédio, o túmulo com os restos mortais do general confederado e ex-grande comandante supremo, Albert Pike (1809-1891), advogado, militar e escritor, reconhecido como gênio (já que falava dezesseis idiomas diferentes) e líder da Maçonaria norte-americana entre 1859 e 1891. Ele é o autor de *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry* (Moraís e Dogma do Rito Escocês Antigo e Aceito da Franco-Maçonaria), considerado a obra clássica da Maçonaria moderna. Esse livro descreve os 33 graus da Maçonaria em detalhes e ainda fala sobre as histórias e os ensinamentos de cada grau, os rituais a eles ligados e outros procedimentos de loja. A Casa do Templo possui ainda a maior coleção de livros maçônicos e minutas dos Estados Unidos, com cerca de 250 mil títulos cadastrados.

NOÇÕES MAÇÔNICAS

A apresentação do monumento maçônico traz apenas os aspectos físicos e até turísticos do prédio. Como todos sabem, os significados, porém, são bem mais profundos. Por exemplo, muita gente ainda não entende por que o prédio é conhecido como sede do Supremo Conselho do REAA. O que exatamente significa isso?

Começemos por analisar o rito em si, que continua a educação ministrada ao maçom quando este se inicia nos três graus básicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre). Esta é apenas uma de várias organizações que existem por lá nesse sentido. Dentre outras que podem ser citadas está a The Shrine, que pretende aos chamados Shriners ou

Shrine Masons, membros da Ordem Árabe Antiga de Nobres do Altar Místico (em inglês, Ancient Arabic Order of the Nobles of the Mystic Shrine ou AAONMS). Trata-se de uma fraternidade internacional de aproximadamente 500 mil membros que atua também no Canadá, México e na República do Panamá. Foi fundada na cidade de Nova York em 1872 e é composta por mestres maçons.

Outro exemplo é a Grotto (Gruta), ligada ao Rito de York, um grupo social para mestres maçons fundado em 10 de setembro de 1889 por Leroy Fairchild. O nome oficial é Ordem Mística dos Profetas Secretos do Reino Encantado (Mystic Order of Veiled Prophets of the Enchanted Realm), embora sua denominação inicial fosse Comitê de Diabrura Fairchild (Fairchild Deviltry Committee). Originou-se de uma série de encontros informais, nos quais mestres maçons se juntavam para relaxar e rir, motivo pelo qual colocaram a denominação de “diabrura”. Hoje há “grutas” por todo o território norte-americano e no Canadá, que se dedicam a ajudar crianças que sofrem de paralisia cerebral.

Voltemos ao nosso verdadeiro objeto de estudo. O prédio se chama Casa do Templo, porque a designação está tradicionalmente associada à palavra Heredom, um termo altamente significativa nos altos graus da Maçonaria. A melhor explicação para o termo vem de Joaquim Gervásio de Figueiredo, que diz:

Na Escócia, os Ministérios secretos do Oriente e Ocidente foram transmitidos de geração em geração em vários centros,

dos quais o principal foi a ilha sagrada de Jônia, denominada Heredom pelos iniciados nos ritos dos monges Caldeus. Na tradição maçônica se diz ser Heredom uma montanha mística, o que é alegoricamente certo, pois o monte tem sido tomado na antiguidade como símbolo de Iniciação. Outro centro secreto na Idade Média foi a Abadia de Kilwinning, originando-se daí serem os ritos desses centros derivados parcialmente dos Caldeus, mas sempre denominados de Kilwinning e de Heredom, e também de Perfeição. O Rito de Heredom consta de 25 graus que foram incorporados ao Rito Escocês Antigo e Aceito pelo Conselho dos Imperadores do Oriente e Ocidente em 1758.

Heredom também pode ser interpretado como uma derivação do termo grego *hieros-domos*, que significa *Santa Casa*, referindo-se ao Templo de Salomão, peça central da Maçonaria e de seu simbolismo.

Em meus outros livros sobre Maçonaria, já se falou exaustivamente a respeito do REAA, mas vale a pena fazer uma retrospectiva breve, principalmente quando a visão apresentada pode diferir ligeiramente da maioria dos livros consultados. As descrições dos graus abaixo são fornecidas pelo próprio site da Casa do Templo e refletem um pouco o que eles pensam sobre o Rito e as obrigações maçônicas.

Quando a primeira Grande Loja foi formada em Londres, em 1717, a Maçonaria tinha apenas dois graus: Aprendiz e Companheiro/Mestre. Apenas oito anos mais tarde, em 1725, encontramos evidências da criação de um terceiro grau, o de mestre maçom – o primeiro “alto grau” acrescentado às cerimônias básicas maçônicas. Essa adição ao Rito Maçônico foi confirmada em 1730, com o livro de autoria de Samuel Prichard, *Maçonaria dissecada (Masonry Dissected)*.

Sobre esse livro, vale a pena citar uma parte interessante. A primeira edição do livro de Prichard, que ingressou na Ordem com o exclusivo propósito de conhecer seus segredos e poder fazer o livro, resultou em um estrondoso sucesso. Em 11 dias, teve três edições. Consta que até 1737 foram vendidos nada mais nada menos que sete edições e já havia traduções em alemão, francês e holandês.

Por que este sucesso todo? Simplesmente porque, naquela época, era proibida a impressão dos rituais maçônicos, coisa que hoje em dia é até comum de encontrar. A obra, mais que um simples registro sobre os costumes maçônicos, tem enorme valor para investigações sobre o tema e também contribuiu para uniformizar os Ritos.

O livro foi também a primeira obra que deu maiores detalhes sobre o grau de Mestre Maçom. Assim, o grau começou a adicionar profundidade filosófica à Maçonaria em si.

Como muito da história maçônica em si, as origens dos graus além do terceiro estão envolvidas em mistério. Há evidências de que no começo de 1730, na Inglaterra, havia “Maçons Escoceses” ou “Mestres Maçons Escoceses”, um passo depois do grau de Mestre Maçom e, aparentemente, sem relação com a Escócia.

Em 1742, em Berlim, havia boatos de uma “Maçonaria Escocesa de Alto Grau”. No ano seguinte, a Grande Loja da França adotou um regulamento limitando os privilégios dos supostos “Mestres Escoceses” nas Lojas. Está claro, por essas menções, que havia algo por trás dessa denominação, mas ninguém conseguia ter certeza do que era.

Isso tudo acontecia ao mesmo tempo em que o Arco Real ainda estava em preparação, pouco antes de seu aparecimento oficial, em 1754. É mesmo possível que essa variação da Maçonaria e a versão dita escocesa tenham vindo das mesmas fontes. O que os próprios pesquisadores maçons podem afirmar, com certeza, é que os chamados altos graus encontraram terreno fértil quando foram introduzidos na Maçonaria Francesa.

Em 1745, dois anos depois de restringir as prerrogativas dos Maçons Escoceses, a Grande Loja da França deu-lhes privilégios especiais. A partir de então, cada vez mais privilégios e autoridade conseguiram, de 1747 a 1755. Em contraste, o Arco Real apareceu primeiro em Lojas da Virgínia, nos Estados Unidos, em 1753, e na Inglaterra, em 1758, com pouco destaque das respectivas Grandes Lojas. Em 1756, com a publicação francesa do livro *Os maiores mistérios secretos dos altos graus da Maçonaria*, soube-se que uma sequência elaborada de altos graus ou Maçonaria Escocesa estava em funcionamento na França.

STEPHEN MORIN

Em agosto de 1761, Stephen Morin recebeu uma patente originária da

Grande Loja da França, que o autorizava e o empossava para que “estabelecesse a perfeita e sublime maçonaria em todas as partes do mundo”.

Morin era um comerciante de vinhos de Bordeaux, na França, que buscou se estabelecer em Santo Domingo, onde

hoje é a República Dominicana, no Caribe. Morin é pouco lembrado por suas habilidades como comerciante de vinho, mas sim pelas suas atividades maçônicas, que lhe renderam fama.

Demorou o equivalente a quinze meses para que ele fizesse a viagem entre a França e Santo Domingo. Chegou em janeiro de 1763 porque seu navio havia sido capturado pelos ingleses e levado para a Inglaterra. Embora se saiba que ele chegou com plenos poderes para o estabelecimento dos graus superiores, não sabemos exatamente sobre quem ou quantos ele realmente podia comandar.

Lá ele encontrou um mercador holandês, Henry Andrew Francken, e o tornou um Assistente de Inspetor Geral, entre 1763 e 1767. Francken, por sua vez, viajou para Albany, em Nova York, e criou lá a Loja de Perfeição (nome dado para a continuação da evolução do Mestre na Ordem, na qual este adquire os conhecimentos necessários para se desenvolver por meio de estudos filosóficos) em 1767.

Além de criar a Loja de Perfeição de Albany, Francken copiou pelo menos três vezes os seus conhecimentos sobre os graus em livros: em 1771, em 1783 e numa versão sem data especificada. Os chamados Manuscritos Francken contêm as primeiras versões em inglês dos 21 graus; a partir do quarto, o de Mestre Secreto, ao 25º, O Segredo Real ou os Cavaleiros de Santo André, os fiéis guardiões do Tesouro Sagrado. Era um sistema de 25 graus com os três primeiros conferidos em Lojas Azuis.

Isso estabeleceria que Morin trabalhava com um sistema de 25 graus. Mas há provas de que qualquer que seja o grau que Morin tenha recebido quando ainda estava na França, ele o remodelou para que se tornasse a Ordem do Segredo Real (às vezes chamada de Rito de Perfeição) e criou graus adicionais conforme eram necessários.

O documento governamental chamado Constituições de 1792, foi descoberto pelo pesquisador maçom Alain Bernheim como uma versão levemente modificada da Constituição da Grande Loja da França. Morin, aparentemente, agiu com o intuito de criar um novo corpo maçônico, com ele próprio atuando como Grande Inspetor.

Entretanto, a Ordem do Segredo Real, com seus 25 graus, mostrou-se bastante popular. Esses alto graus franceses, diferentemente do Ritual York Americano, foram levados por inspetores que viajavam e os conferiam com o pagamento de uma taxa. Não era necessário esperar muito para receber esses graus mais altos e para que esses fossem aplicado num capítulo. Portanto, o Inspetor Itinerante poderia tomar conta de tudo assim que chegasse a seu destino.

Oito corpos do Segredo Real foram formados na América antes de 1800, de Nova Orleans a Albany. A fraqueza da Ordem provou ser o ponto frágil dos Inspetores Gerais, já que cada um poderia conferir os graus de Mestre Maçom, estabelecer corpos locais e criar novos Inspetores – tudo por uma taxa apropriada. Não haviam linhas mestras no custo, limitações nos números e restrições em quantos inspetores um deles poderia criar.

Em 1800, havia cerca de 80 Inspetores Gerais e o sistema estava à beira do caos. Em maio de 1801, o Supremo Conselho do 31º grau, o que seria o organismo mundial, declarou sua existência com o lema “*Ordo ab Chao*” (Ordem do Caos). Foi anunciado um novo sistema de 33 graus que incorporava todos os 25 da Ordem do Segredo Real e adicionava outros oito, incluindo o 33º, Grande Inspetor Geral Supremo. Essa nova organização declarou controle dos altos graus maçônicos na América.

O novo Conselho Supremo tinha uma constituição escrita e um plano para organizar e gerenciar os corpos administrativos. O problema que enfrentaram foi como reinar sobre os inspetores que mais desafiavam a nova ordem que outra coisa. A solução foi tornar-se dependentes desses senhores para convencê-los a alegar fidelidade voluntária. Qualquer Inspetor do 25º grau teria autoridade até o 32º grau (os sete graus extras iriam tornar o “produto” mais atrativo). A condição imposta era que ele concordasse em seguir as ordens do Supremo Conselho. Essa estratégia teve sucesso razoável e alguns Inspetores independentes logo desapareceram.

O SEGUNDO CONSELHO SUPREMO AMERICANO

O segundo desses corpos administrativos apareceu com o nome de Supremo Conselho de Charleston, em Nova York, no ano de 1813. Foi organizado de acordo com a chamada Grande Constituição do 33º grau, escrita propositalmente por Frederico II ou Frederico, o Grande, da Prússia (1713-1781). A constituição era fornecida por um Conselho Supremo em cada país, exceto o dos Estados Unidos, que vieram de dois. A decisão de criar um segundo conselho foi algo totalmente inesperado para os maçons norte-americanos.

Antoine Bidaud, um membro do Conselho Supremo de Santo Domingo, foi a Nova York para escapar da revolta

escrava que acontecia na ilha. Enquanto esteve lá, encontrou cinco franceses interessados nos altos graus.

Por uma taxa de 46 dólares em 1806 (o equivalente a 565 dólares em 2000), ele conferiu os graus para seus colegas e formou com eles um Consistório (nome dado originalmente a uma reunião de Cardeais para dar assistência ao Papa nas suas decisões) do grau 32, tudo sem que soubessem sobre o Conselho de Charleston.

No mesmo ano que Bideau criava esse Consistório, Joseph Cerneau, um joalheiro francês, mudou de Cuba para Nova York. Lá, obteve a patente de inspetor da Ordem do Segredo Real que lhe deu limitados poderes em Cuba, mas que não o impediu de criar seu próprio Consistório em Nova York.

Emmanuel de La Motta, o grande Tesoureiro do Conselho de Charleston, chegou a Nova York em 1813 e, examinando as duas facções concorrentes, decidiu por Cerneau. Motta regularizou o grupo vencedor e o tornou o Segundo Conselho Supremo para a América.

Essas e outras informações constam em documentos originais arquivados na Casa do Templo e que são de acesso limitado ao público, justamente por se tratarem de documentos históricos. Isso não significa que é necessário ser um maçom para se ter acesso aos papéis, mas sim que basta ter um cuidado que as pessoas, de modo geral, não possuem. Assim, apenas algumas das obras da biblioteca são disponíveis ao público, mesmo aqueles que são neófitos.

O RITO ESCOCÊS

Para terminar, vale a pena falar um pouco sobre o Rito Escocês em si. Segundo Joaquim Gervásio de Figueiredo, o REAA, é o mais seguido no mundo e é composto dos seguintes graus conforme o quadro a seguir. Para maiores detalhes sobre o REAA, recomendo a leitura do meu livro *Sociedades Secretas – Maçonaria*, já editado:

DENOMINAÇÃO DOS GRAUS	COMPOSIÇÃO
Graus Simbólicos (1º ao 3º)	Aprendiz, Companheiro e Mestre
Graus Inefáveis (4º ao 14º)	Mestre Secreto, Mestre Perfeito, Secretário Íntimo, Preboste ou Juiz, Intendente dos Edifícios, Mestre Eleito dos Nove, Mestre Eleito dos Quinze, Sublime Cavaleiro Eleito, Grão-Mestre Arquiteto, Cavaleiro do Real Arco, Grande Eleito da Abóbada Sagrada ou Sublime Maçom
Capítulos ou Oficinas Vermelhas (15º ao 18º)	Cavaleiro do Oriente ou da Espada, Príncipe de Jerusalém, Cavaleiro do Oriente e do Ocidente, Cavaleiro Rosacruz
Aerópagos ou Oficinas Filosóficas (19º ao 30º)	Grande Pontífice ou Supremo Escocês da Jerusalém Celeste, Venerável Grão-Mestre de Todas as Lojas Regulares ou Mestre ad Vitam, Noaquita ou Cavaleiro Prussiano, Cavaleiro do Real Machado ou Príncipe do Líbano, Chefe do Tabernáculo, Príncipe do Tabernáculo, Cavaleiro da Serpente de Bronze, Escocês Trinitário ou Príncipe da Mercê, Grande Comendador do
	Templo, Cavaleiro do Sol, Grande Escocês de Santo André, Grande Eleito Cavaleiro Kadosh ou Cavaleiro da Águia Branca e Negra

Graus
Administrativo
(31º ao 33º)

Tribunais (31º) – Grande Inspetor Comendador;
Consistórios (32º) – Sublime Príncipe do Real
Segredo; Supremo Conselho (33º) – Soberano
Grande Inspetor Geral

CAPÍTULO 2

A BIBLIOTECA E O MUSEU DA FRANCO-MAÇONARIA, LONDRES

Nossa próxima parada está do outro lado do Oceano Atlântico, na ilha onde se localiza o Reino Unido. Mais precisamente, na Inglaterra. Por, justamente, ser uma terra onde, em cada pedaço, há uma história diferente, é de se esperar que uma Ordem tão antiga quanto a Maçonaria tenha um lugar por lá que se destaque e que possa ser, ao mesmo tempo, uma fonte de informações que não se encontra nos milhares de livros e artigos publicados sobre o assunto.

Esse lugar existe, claro. É a chamada Biblioteca e Museu da FrancoMaçonaria, localizada na 60 Great Western Street. Trata-se, claro, de uma biblioteca, arquivo e museu registrado que é voltado exclusivamente para a preservação da história maçônica inglesa e europeia.

É um dos lugares mais interessantes para se visitar da Grande Londres. Em 2007, a coleção do museu foi reconhecida pelos demais organismos reguladores dos museus britânicos como sendo “possuidora de uma qualidade incrível e de uma importância tanto nacional quanto internacional”.

O museu é aberto ao público em geral de segunda a quinta e funciona das 10h às 17h, a entrada é gratuita. Possui uma coleção de objetos maçônicos de decoração, incluindo relógios, mobília, trabalhos em vidro e porcelana, vestes de gala e prataria. Dentre os itens em exposição estão pertences de maçons famosos como o rei Eduardo VII (1841-1910) e, claro, o mais conhecido dos maçons britânicos, sir Winston Churchill.

Turnês diárias pelo prédio saem de hora em hora e incluem uma passagem pelo Grande Templo, já que o museu é ligado à Grande Loja Unida da Inglaterra, sobre a qual se falará daqui a pouco. Há cinco turnês diárias que começam às 11h, 12h, 14h, 15h e 16h. Aos sábados, os passeios devem ser marcados com antecedência e há apenas uma turnê completa que se inicia às 10h30, pela qual os interessados pagam a quantia de £1 (R\$ 3,18 aproximadamente, pela cotação no fechamento deste livro) por pessoa.

A biblioteca é aberta ao público para consultas e os usuários devem ser registrados. Ela possui uma coleção extensa de livros impressos e manuscritos sobre cada fase da Franco-Maçonaria ou que enfoquem tradições místicas e esotéricas.

Além de suas coleções maçônicas, o museu ainda possui uma seleção de itens relacionados com outras sociedades secretas coligadas, como a Oddfellows, uma sociedade que data do começo do século XVIII, que age como uma espécie de fraternidade dedicada a ajudar e conservar seus membros e as respectivas atividades; e a Fraternal Forestry (Floresta Fraternal), outra fraternidade que existe até hoje, inclusive nos Estados Unidos e no Canadá, e que se dedica a ajudar filantropicamente comunidades carentes. É mencionada pela primeira vez na Magna Carta de 1219. Além dessas duas, há outras sociedades secretas cujos itens estão lá expostos, tanto de grupos que ainda estão na ativa quanto daqueles que já pararam há muito tempo. Além disso, há também uma quantidade impressionante de livros publicados por essas fraternidades e por outros grupos.

O museu ainda fornece um serviço de pesquisa genealógico. Não possui, porém, um índice alfabético completo de maçons. Em compensação, o estabelecimento organiza dias de estudo regulares, nos quais é possível fazer pesquisa individualmente ou estudar com o auxílio de uma pessoa do local. Todos os anos, o museu realiza uma exposição de verão, bem como outras exibições menores durante todo o ano.

O MUSEU

Vamos, agora, analisar cada componente do complexo separadamente. O museu contém uma coleção de objetos que variam de mobílias requintadas até objetos dos maçons de renome, além de possuir um vasto acervo de gravuras e fotos, muitas delas extremamente raras. Os guias ajudam os visitantes que desejam saber mais sobre cada objeto e respondem perguntas pessoalmente, por telefone ou por escrito (cartas ou e-mails).

Mas são mesmo as coleções que roubam a cena. Afinal, observar os objetos separados é uma coisa, mas quando estão juntos, fornecem uma oportunidade incrível de ver a evolução do grupo em si, das funcionalidades, do *design* e até dos costumes, já que cada objeto é ligado a uma época com seus próprios meios de utilização.

É possível extrair muitos dados sobre os maçons apenas com o que se aprende nessas exposições. Dentre as coleções já expostas, temos as descritas abaixo:

Aventais Maçônicos – Os aventais, um dos acessórios da vestimenta maçônica que mais chama a atenção, são uma espécie de distintivo para eles. Simboliza o avental protetor usado pelos Maçons

Operativos e em sua forma original tinha exatamente essa função. Diz um texto do próprio museu que “quando um membro se une (à Ordem), ele completa três cerimônias ou ‘graus’”. Após completar o primeiro, ele recebe um avental liso e branco e, quando completa o segundo, o avental é substituído por outro com rosas azuis nos cantos inferiores. O de Mestre Maçom possui bordas azuis e rosas, um sinal claro de que seu usuário completou os três graus básicos. A exposição ainda explica que, se um maçom avança nos graus, o avental se torna mais elaborado, com um T de ponta-cabeça que substitui as rosas (Mestres de Lojas) ou toma uma cor azul-escuro e dourado para as posições mais acima. Estas possuem dois aventais, um ricamente decorado com detalhes dourados e outro em seda azul, também decorado para uso normal.

Jóias de Caridade – Ao contrário que muitas organizações afirmam por aí, é um costume dos maçons praticar a caridade, um costume que remonta aos primeiros dias da Ordem. Na Inglaterra, principalmente, há os chamados Festivais de Caridade, que se originaram de uma doação transmitida depois de um banquete realizado no final do século XVIII. Nessa cerimônia, os membros que doavam uma quantia em dinheiro, tornavam-se “diretores” por um ano e podiam carregar uma medalha ou “jóia maçônica”. Estas eram fabricadas em grandes quantidades, com fitas vermelhas para a Real Instituição Benevolente Maçônica (Royal Masonic Benevolent

Institution), brancas para a Real Instituição Maçônica para Garotas

(Royal Masonic Institution for Girls) e azuis para a Real Instituição Maçônica para Rapazes (Royal Masonic Institution for Boys). A cada ano o *design* era diferente, mas, em geral, era baseado no brasão de armas do diretor eleito para aquele ano. Se um membro serviu duas vezes como diretor para diferentes atos de caridade, era elegível para a medalha da Grande Loja, existente em grande variedade, mas que geralmente trazia a imagem de um maçom que auxiliava um paciente sob o olho vigilante do Grande Arquiteto do Universo (Deus). As jóias ou medalhas mais recentes são a da *Grande Caridade* (com faixas nas cores branco/azul/branco), a da Real Instituição Benevolente Maçônica para Garotas e Rapazes (com faixas na cor vermelha) e a do Novo Fundo Samaritano Maçônico (faixa verde com uma listra central amarela).

Medalhas Centenárias – Quando uma loja completa cem anos de atividade contínua, ela se candidata a uma espécie de “certificado de centenário”, e seus membros podem usar uma medalha centenária. Uma barra decorativa é acrescentada nos bicentenários. As primeiras medalhas eram diferentes para cada Loja, mas, em 1865, um padrão foi estabelecido que mostrava uma cobra mordendo seu rabo, símbolo da eternidade, combinado com um nó de corda sem fim e uma letra C, que representa a denominação latina para o Centenário (o número romano para cem), com uma borda azul que traz o nome da Loja. Houve apenas uma ou duas variações da medalha desde que ela entrou em uso, por volta de 1860.

Outras Sociedades Secretas – De longe, é a exposição que traz mais curiosos e que atrai mais gente. Como já foi explicado antes, as fraternidades (em geral, grupos que fazem questão de se fazer conhecidos, são um tanto restritas na admissão de seus membros) podem ser consideradas como sociedades secretas, embora não sejam tão bem organizadas quanto uma seita ou alguma sociedade mais popular, como a Rosacruz ou a própria Maçonaria. Seus trabalhos de caridade, porém, são muito apreciados no mundo todo e conhecidos, principalmente, na Europa e na Ásia. Assim, nada mais óbvio que trazer para o público objetos que tenham pertencido a

essas sociedades menores e que mostram que a caridade não necessita ser colocada em prática por uma nação, uma raça ou um tipo específico de pessoas. Essas Ordens variam de sociedades beneficentes a ordens fraternais. Todos esses grupos usaram objetos próprios e conduziam suas próprias cerimônias. Algumas delas incluem clubes pequenos como a Antiga Ordem dos Sopradores da Bafo (Ye Ancient Order of Frothblowers) que foi estabelecida na Inglaterra na década de 1920 como um clube de bebida com objetivos caridosos, e outras bem conhecidas como a Grande Ordem dos Ratos D'Água (Grand Order of Water Rats), formado por personalidades do *show business* em 1889 e que continua a existir até hoje como organização de caridade.

O museu possui uma das maiores coleções desses objetos, que serve como testemunho de que eles existiram e atuaram pelo bem da humanidade, embora a biblioteca não possua registros dessas Ordens (em alguns casos,

duvida-se se há mesmo registros ou se estes teriam de alguma maneira sobrevivido). O quadro abaixo traz algumas delas, cujos itens participaram dessa mostra:

ORDEM	NOME ORIGINAL	DEFINIÇÃO
Real Ordem Antidiluviana dos Búfalos	The Royal Antediluvian Order of Buffaloes	Criada na década de 1820 por um empresário do teatro. É uma Ordem fraternal, que ainda existe, com objetivos filantrópicos. Há vários subgrupos ou “Bandeiras”. Os membros passam por quarto graus de associação – Canguru, Primeiro Certificado, Cavaleiro de Mérito e Membro de Honra. Cada um deles possui objetos distintos que incluem aventais, bainhas, colares e correntes. Lojas individuais e a própria Ordem produzem “joias” usadas pelos membros.
Antiga Ordem dos Guardas Florestais	Ancient Order of Foresters	A AOGF foi fundada em 1834 a partir de uma Ordem fraternal mais antiga, os Reais Guardas Florestais (Royal Foresters). Tornou-se uma associação amigável nacional que oferece benefícios aos membros. Admitiu mulheres pela primeira vez no final da década de 1800. Seu paramento era originalmente uma faixa que mostrava dois guardas florestais. Depois foi alterada para incluir uma imagem de uma guarda florestal mulher para refletir sua admissão. A sociedade ainda existe com o nome de Sociedade Amigável dos Guardas Florestais (Foresters Friendly Society).
Os Gregorianos, os Sóis de Jerusalém e os Rapazes	The Gregorians, the Jerusalem Sols and the Bucks	Essas três sociedades cresceram em paralelo com a Maçonaria, por volta de 1700. Seus paramentos eram bem-elaborados e feitos em imitação de ordens nacionais e cívicas.
		Uma sociedade amigável que tem suas origens em tempos antigos e que continua a existir como uma grande sociedade hoje em dia. O ramo britânico chama-se União

		Manchester dos Oddfellows (Manchester Unity of
Oddfellows	Oddfellows	Oddfellows), que vem de uma ruptura dos Oddfellows americanos em 1834. Há uma grande variedade de paramentos, joias e cerâmicas com imagens dessa Ordem. Há ainda uma grande quantidade de graus de associação em que os cinco primeiros são chamados de graus de Iniciação, Branco, Azul, Escarlate e Ouro.
Amigos Unidos Leais	Loyal United Friends	Essa sociedade foi formada originalmente no Leste Europeu, mais precisamente nas comunidades de Londres, no final do século XIX. Seu quartel-general ainda existe no endereço 19 Princelet Street, hoje o Centro de Spitalfields. É possível ver caixas e paramentos com a simbologia desse grupo.
Grande Ordem Original da Total Abstinência Filhos da Fênix	Original Grand Order of the Totally Abstinent Sons of the Phoenix	O nome pode ser completamente estranho, mas a Ordem é real. Ela parece ter existido (ainda existem alguns pontos de divergência) do final do século XIX até pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial (1939). Era uma Ordem moderada, com divisões de homens, mulheres e jovens. Seus paramentos consistiam de uma faixa de ombro e medalhas grandes para seus Mestres de Loja, conhecidos como “grandes nobres”. Estes carregavam um
		centro com uma fênix no topo como distintivo que marcava seus cargos. Houve rupturas na Grande Loja Original que levaram a formação da Ordem Unida e da Antiga Ordem.
A Ordem Independente dos Rechabitas	The Independent Order of	Esta foi a maior Ordem moderada do século XIX. Existe, hoje em dia, como Sociedade Amigável Rechabita, com sede em Manchester. Os paramentos eram

	Rechabites	compostos por aventais, faixas e cerâmica (em especial xícaras de chá) que apresentavam o simbolismo da Ordem.
--	------------	--

A BIBLIOTECA

Para nós, que não temos nada parecido por aqui e que somos interessados em conhecer mais sobre a Maçonaria, a ideia de manter um lugar acessível ao público e que contenha tantos livros e documentos maçons parece até uma lenda urbana. Entretanto, o outro componente desse complexo é algo realmente impressionante.

A biblioteca contém material não apenas sobre a Maçonaria local, mas também sobre como ela se comporta e se expande em outros países. Além dos textos, a biblioteca também mantém vastos acervos de música e de obras poéticas e de literatura. Há volumes inteiros dos séculos XVIII e XIX que podem ser consultados.

O acesso à biblioteca é grátis e ela está localizada no primeiro andar do Salão dos Maçons (Freemasons' Hall), que será focado no próximo capítulo. A biblioteca possui um grupo de funcionários que estão à disposição para responderem as perguntas que os visitantes tenham, além de orientar o uso dos recursos da Biblioteca e do Arquivo. Para ter acesso ao material, o visitante deve preencher um Formulário de Registro de Leitor (Reader Registration Form), que está à disposição via internet no *site* oficial da Biblioteca (www.freemasonry.london.museum/index.php), e fornecer uma foto de identificação quando for fazer a primeira consulta ao acervo. Caso o interessado prefira, pode começar realizando uma pesquisa via internet, encontrar o item que gostaria de consultar pessoalmente (livro, CD, imagem ou mesmo alguns dos objetos do museu) e, de posse dos dados, ir até o local para verificar o item pessoalmente.

Há ainda uma pequena lista com alguns recursos que podem ser úteis numa pesquisa, que vão desde pesquisas genealógicas até lista de abreviações usadas pelos maçons. Tudo isso *on-line*. Uma riquíssima fonte de informações.

A GRANDE LOJA DA INGLATERRA

Esse é um assunto que volta e meia é citado nos livros sobre Maçonaria.

Como já foi exaustivamente mencionado, a Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI em português, UGLE em inglês) é o corpo administrativo mais importante da Maçonaria na Inglaterra e no País de Gales, e também comanda algumas localidades historicamente ligadas à Inglaterra, ainda remanescentes da época do Império Britânico. É a mais antiga Grande Loja do mundo e tem sua origem no ano de 1717. Junto com a Grande Loja da Irlanda e a da Escócia, são chamadas de “Constituições Caseiras” ou “Grandes Lojas Caseiras”.

A Maçonaria moderna está dividida em duas correntes principais. A primeira segue a Grande Loja Unida da Inglaterra, enquanto a segunda mede seus passos pelas ordens do Grande Oriente da França. Para que uma Loja moderna possa se associar à GLUI, deve seguir os seguintes preceitos:

1. A obediência deve ser legalmente estabelecida por uma Grande Loja regular ou por três ou mais Lojas funcionando sob os auspícios de uma Grande Loja regular.
2. A Loja deve ser realmente independente e possuir governo próprio, com autoridade não discutida sobre os graus simbólicos da Maçonaria (Aprendiz, Companheiro e Mestre) sob sua jurisdição e não estar vinculada de nenhuma outra forma ou vir a compartilhar soberania com qualquer outro corpo maçônico.
3. Os maçons no âmbito de sua jurisdição deverão ser exclusivamente homens e tanto ela como suas Lojas não poderão ter contatos maçônicos com Lojas que admitam mulheres.
4. Os maçons, no âmbito de sua jurisdição, deverão crer em um Ser Supremo (Deus).
5. Todos os maçons, no âmbito de sua jurisdição, deverão assumir seus compromissos sobre o Livro da Lei Sagrada (A Bíblia), ou à vista dele ou do livro considerado sagrado, pois, por meio dele, realiza-se o compromisso maçônico.
6. As três “Grande Luzes” da Maçonaria (a Bíblia, o Esquadro e o Compasso) deverão estar expostas quando estiverem abertas, tanto a Grande Loja quanto suas Lojas subordinadas.
7. A discussão sobre religião ou política no âmbito de suas Lojas deve ser proibida.
8. Além do mais, deve-se manter a obediência aos princípios preestabelecidos (dos antigos Landmarks ou “Marcas de referência”) e dos costumes da Maçonaria, devendo-se exigir o seu cumprimento no âmbito das suas Lojas.

À primeira vista, parece estranho que uma Grande Loja mantenha um museu como a Biblioteca e o Museu da Franco-Maçonaria, que chega a realizar exposições sobre as mulheres na Maçonaria, mas não as aceita nem em seus domínios, nem em suas Lojas afiliadas. Vale a pena lembrar que os trabalhos maçônicos adotados pela GLUI e suas afiliadas pertencem à Maçonaria Tradicional e justamente por não serem organizações abertas ao público (como no caso do museu), é mais fácil seguirem seus conceitos tradicionais.

E esse é um ponto em que a GLUI não abre mão. O tempo passa, várias Lojas já aceitam mulheres, mas a resistência do órgão inglês continua. Dificilmente a Maçonaria tradicional passará a aceitar mulheres e isso deixa as Lojas que trabalham com obreiros mistos indignadas. Vejam este trecho de um texto da Grande Loja Arquitetos de Aquário, de São Paulo:

Enquanto proibir a Iniciação e participação da mulher e do deficiente físico, e impor a Bíblia judaico-cristã nas lojas, que fere a universalidade e a isenção da Maçonaria e desrespeita a crença de cada um, a entidade maçônica mais irregular do planeta é a Grande Loja Unida da Inglaterra – GLUI. Alguns de seus critérios e landmarks ferem a essência do humanismo e da democracia, e violam a Constituição de quase todos os países civilizados, assim como os princípios essenciais da ONU, da Unesco e dos Proclamados Direitos

Humanos. É um retrocesso na evolução humana, enfim. Portanto, a GLUI está na contramão da história e portanto não tem moral alguma para ditar regras maçônicas para a humanidade. A Grande Loja Unida da Inglaterra não é a mãe da maçonaria, apenas a instituidora do moderno sistema de Potências ou federação de Lojas. As lojas já existiam há séculos e até milênios se nos reportarmos à civilização egípcia; já existiam no mundo grecoromano, desde Numa Pompílio, com seus “Collegia Fabrorum” (espécie de corporações, guildas ou sindicatos profissionais da época), levados pelas legiões romanas e seus Pontífices para todo o mundo de então, e especialmente para a Inglaterra onde fundaram as várias cidades com a terminação “chester”, e a atual York, denominada Eboracum pelos Romanos.

A polêmica sobre as mudanças dentro da Maçonaria tradicional devem continuar ainda por um bom tempo. O modo como os maçons tradicionais se mantêm fechados a essas requisições só reforça a imagem de durões e intransigentes que eles possuem hoje. Se por um lado eles estão certos em querer manter uma tradição milenar de um tempo em que mulheres não eram mesmo aceitas em grupos assim, por outro não podem deixar de ver os tempos modernos. Mas apenas o tempo poderá dizer com certeza se eles estão certos ou não de se manterem assim.

MULHERES MAÇÔNICAS

Enquanto a polêmica persiste, basta entrar no já citado site do museu e procurar por um recurso no mínimo interessante, a página que mostra algumas exposições *on-line*. Lá, encontramos uma página intitulada *Mulheres e Maçonaria: A Primeira Franco-Maçom dos Tempos Modernos*. Segundo o texto postado, a primeira maçom mulher dos tempos modernos foi Maria Deraismes (1828-1894), autora francesa e ativista dos direitos da mulher.

A página também explica que ela foi iniciada em 14 de janeiro de 1882 “como um membro equalitário numa loja francesa masculina”, conhecida como Os Livre-Pensadores (Les Libres Penseurs), localizada em Pecq, uma pequena cidade nos arredores de Paris.

Maria Deraismes era de uma família parisiense próspera de classe média e se envolveu em várias atividades que promoviam a educação feminina. Curiosamente, a mesma página traz a informação de que quando Marie foi iniciada, a Loja atuou sem o consentimento de seu corpo administrativo, a Grande Loja Simbólica Escocesa da França (Le Grande Loge Symbolique Ecossaise de France). Alguns meses depois, sua afiliação foi suspensa e a Loja voltou a seguir os preceitos da Maçonaria tradicional.

Um outro maçom, doutor Georges Martin, criou uma nova organização maçônica na França em 1893, a Grande Loja Simbólica Escocesa Mista (Le Grande Loge Symbolique Ecossaise Mixte), que considerou Marie como membro fundador. Após a morte dela, em 1894, seu nome foi dado a uma nova Loja.

CAPÍTULO 3

SALÃO DOS MAÇONS (FREEMASONS' HALL), LONDRES

No capítulo anterior, falamos sobre a Grande Loja Unida da Inglaterra (GLUI) e vimos uma amostra dos conteúdos do Museu e Biblioteca da Franco-Maçonaria. Neste, será abordado um outro lugar importante para os maçons mundiais, já que é, ao mesmo tempo, o quartel-general da GLUI e o principal ponto de encontro das Lojas dentro da cidade de Londres.

O nome não poderia ser melhor pensado para impor sua importância: Salão dos Maçons (Freemasons' Hall). O lugar é tão imponente e importante que é facilmente encontrado por uma busca em programas especiais como o Google Earth. O prédio, que por si só lembra uma espécie de igreja encimada por um farol, fica na Great Queen Street, entre Holborn e o Covent Garden. O Salão, que de salão não tem nada já que está mais para um verdadeiro monumento à Maçonaria, é local de encontro dos irmãos desde 1775. É claro que não está assim desde o começo: registros indicam que já houveram nada menos que três prédios anteriores no mesmo local, embora o atual esteja aberto desde 1933.

A página oficial da GLUI diz que o prédio, pertencente ao estilo *art deco* (definido como um movimento popular internacional de *design* que durou de 1925 até 1939 e que afetou as artes decorativas, a arquitetura, o *design* interior e o desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura, as artes gráficas e o cinema), cobre uma área de pouco mais de dois acres (pouco mais de 8.093 metros quadrados). Foi construído entre 1927 e 1933 como um memorial para os vários maçons que morreram durante a Primeira Guerra Mundial. Foi inicialmente conhecido como Memorial da Paz Maçônico (Masonic Peace Memorial), mas terminou com o atual nome quando a Segunda Guerra Mundial eclodiu em 1939.

A história de sua construção é curiosa. Tudo começou em 1775, quando a Grande Loja adquiriu uma casa na atual rua que, na época, possuía, nos fundos, um jardim e uma segunda casa. Foi aberta então uma concorrência para apresentação de desenhos que criassem um Grande Salão ligando as duas casas. A da frente se tornou a Taberna dos Maçons (Freemasons' Tavern) e a de trás foi usada como escritórios e salas de reunião, numa ideia originalmente assinada pelo arquiteto Thomas Sandby. Além dos usos tradicionais maçônicos, o salão concebido por Sandby era um centro importante durante a chamada *London Season*, período em que os membros da elite da sociedade costumavam dar grandes bailes de debutantes e realizar eventos de caridade. Aqui, no caso, eram realizados concertos, bailes, sessões de leitura, de teatro e encontros de muitas sociedades filantrópicas, incluindo a Sociedade Antiescravidão e a Sociedade Bíblica Nacional.

Durante a década de 1820, o Salão de Sandby foi modificado para algumas intervenções feitas por sir John Soane (1753-1837), arquiteto conhecido por seu estilo neoclássico. Mas o trabalho concebido por Soane desapareceu durante a construção do segundo prédio, durante a década de 1860, que trazia os desenhos projetados por Frederick Pepys Cockerill. Um pouco mais de terreno foi adquirido entre o Salão existente e o prédio projetado por Cockerill e o resultado foi a construção de um prédio com estilo clássico, incorporado ao Salão de Sandby. Essa construção sobreviveu até 1930, quando os danos causados pelo incêndio de 1883 agravaram-se e levaram à sua demolição. A maior parte do Salão de Cockerill foi amplamente demolida para dar lugar ao prédio atual, mas seu canto leste sobrevive até hoje.

Em 1925, foi aberta uma concorrência entre os arquitetos para que apresentassem suas plantas e desenhos para o local. Cerca de 110 plantas foram enviadas para o júri, liderado pelo maçom sir Edwin Lutyens (1869-1954), considerado um dos mais arrojados arquitetos de seu tempo. O desenho vencedor era de uma parceria entre Henry Victor Ashley e Winton Newman. A verba para a construção foi levantada pelo Fundo Milhão Memorial Maçônico (Masonic Million Memorial Fund), que ganhou o nome por justamente ter levantado exato £1 milhão (cerca de R\$ 3.205.000,00). É hoje o único edifício do estilo preservado originalmente em Londres e que é usado para seu objetivo inicial.

PONTOS DE DESTAQUE

Como quase todas as atrações maçônicas, esta também oferece uma grande variedade de locais onde os interessados podem perder tranquilamente um dia inteiro somente para explorá-los. A seguir, está uma pequena lista de atrações que podem ser vistas inclusive pelo público neófito:

- a. *Grande Templo*: ponto central do atual prédio, o Grande Templo é o local de encontro da Grande Loja, do Grande Capítulo e dos encontros anuais de um bom número de Grandes Lojas Provinciais. É guardado por maciças portas de bronze, cada uma pesando quase duas toneladas. Elas abrem para uma câmara que mede 37 metros de comprimento, 27 metros de largura e 19 metros de altura, capaz de comportar 1.700 pessoas sentadas. O teto do local é coberto por mosaicos e cheio de figuras e símbolos maçons, incluindo representações das quatro virtudes (Prudência, Temperança, Bravura e Justiça), além de conter as Armas do Príncipe Arthur (1850-1942), Duque de Connaught e Strathearn, que era o terceiro filho da Rainha Vitória. Ele foi Grão-Mestre entre 1901 e 1939 e foi sob sua sugestão que o Memorial da Paz Maçônico foi construído.
- b. *Outros templos*: além do Grande Templo, há pelo menos outros 23 templos maçônicos dentro do prédio. Todos são ricamente ornamentados com vários estilos de *art deco*, mas não há dois idênticos. Entre eles há um em particular que merece destaque, o chamado Templo Número 1, muito grande e que contém uma série de retratos dos antigos Grão-Mestres da Inglaterra e do País de Gales. O Templo Número 10 (onde os arquitetos acrescentaram altura e espaço em razão de sua localização ser embaixo de uma torre de relógio enorme) é construído num estilo que combina arte clássica deco com *design* egípcio e inclui um domo impressionante. O Templo Número 17 possui uma decoração diferente e é mais um espaço como uma antessala (para estoque e trocas) que os demais templos de seu tamanho, e é usado pelas Lojas mais antigas de Londres, incluindo as três remanescentes (das quatro originais) que datam de 1717 e da formação da própria Grande Loja. O Templo Número 23 é o menor, já que comporta apenas 25 pessoas sentadas. Contém uma série de retratos de antigos Grandes Secretários da Inglaterra e do País de Gales. Além desses 23 templos, e do Grande Templo, há vários muito simples e planos reservados para as Lojas de Instrução e as de Ensaio. Diferentemente do Grande Templo, que possui visitas com guias disponíveis diariamente, os outros 23 templos não são normalmente abertos ao público, já que são constantemente requisitados pelas Lojas e Capítulos londrinos para seus encontros regulares.
- c. *Outras facilidades*: além de comportar o Grande Templo e os demais menores, o prédio contém também uma grande quantidade de escritórios administrativos, salas de estoque que são usadas pelas centenas de Lojas que promovem seus encontros no prédio, uma loja de presentes com temas maçônicos (aberta ao público durante o horário comercial), salas de reunião, oficinas, uma alfaiataria e loja de bordados, arquivos, uma sala de desenhos arquitetônicos para membros e um andar inteiro para administração de caridades, onde as quatro maiores entidades maçônicas desse segmento (a Grande Caridade dos Franco-Maçons, o Real Truste Maçônico para Gargas e Rapazes, a Real Instituição Benevolente Maçônica e o Fundo Samaritano Maçom) possuem escritórios e administração.

Grande parte da renda maçônica que ajuda a sustentar o local vem também do aluguel do espaço. O Grande Templo é constantemente liberado para concertos e eventos musicais, graças a sua excelente acústica.

O prédio também é usado como cenário de séries e já participou de filmes para a TV como as adaptações da obra de Agatha Christie. O exterior foi usado como cenário do filme *O guia do mochileiro das galáxias* (de 2005, dirigido por Garth Jennings). Nele, o Salão dos Maçons se tornou o templo onde o povo “Jatravartid” ia rezar pela “vinda do Grande Lenço Branco”. O prédio também apareceu nos filmes *O agente teen 2* (2004), *Johnny English* (2003) e *Asas do amor* (1998).

O BRASÃO DE ARMAS DA GRANDE LOJA UNIDA DA INGLATERRA

O brasão de armas da GLUI é um dos mais conhecidos do mundo maçônico. Para leigos, ou seja, para quem não é do meio, pode soar estranho que um organismo ligado à Maçonaria tenha um brasão de armas. Afinal, para muitos, um símbolo desse tipo estaria ou ligado à tradições familiares ou, como no caso do governo nacional, a órgãos administrativos.

Vamos fazer uma pequena retrospectiva sobre o assunto. Afinal, todos sabem o que é um brasão de armas, mas não conseguem entender suas origens. Antes de mais nada, sim, um brasão está ligado a uma tradição, mas explicaremos agora o tipo exato. Um brasão era originalmente, em termos de tradição medieval, um desenho criado especificamente sob as regras da heráldica (nome dado à ciência/arte de descrever os brasões de armas ou escudos) para identificar pessoas, famílias, clãs, cidades, regiões e até mesmo nações inteiras.

O desenho criado ficava num suporte em forma de escudo que era a arma de defesa mais usada pelos guerreiros

medievais. Assim, quando se atacava uma pessoa, podia-se ver pelo escudo a qual família ela pertencia. Mas não é apenas nos escudos que se podia colocar o brasão, colocavam-se também em bandeiras, peças de vestuário, elementos presentes na arquitetura do lugar, mobiliário, objetos pessoais, entre outros. Era fácil ver a quem pertenciam: pense numa espécie de logomarca que, em vez de identificar uma linha de produtos, o fazia pela família dona do lugar.

A partir dos séculos XIV e XV, os brasões passaram a ser pintados ou costurados em peças de vestuário que iam por cima das cotas de malha, aquelas roupas feitas com milhares de peças de metal entrelaçadas usadas pelos homens como proteção em batalhas. Por isso os brasões também são chamados, por vezes, de cotas de armas.

E o que seria o brasão? Em geral, o termo se refere à descrição do desenho que era inserido no escudo, no entanto, em sentido mais amplo, o brasão pode se referir à descrição do conjunto de armas que inclui, além do escudo e das demais armas carregadas pelo guerreiro, elementos exteriores ou decorativos, como o virol (peça de tecido colocada sobre o elmo e coroa) e o paquife (figura de mantos, capas ou apenas correias, folhagens e plumagens, desenhadas acima e ao redor do elmo e que se espalham pelo escudo).

Ninguém sabe dizer ao certo como a prática dos brasões de arma

começou. O estudo dos brasões é conhecido como heráldica e mostra que estes não eram cedidos a qualquer pessoa. Alguns pesquisadores afirmam que a origem está na realização de “atos de coragem e bravura efetuados por grandes cavaleiros. Era uma maneira de os homenagear e às suas famílias”.

Conforme os anos passaram, como ter um brasão era o mesmo que possuir um grau elevado de *status*, a prática passou a ser conferida às famílias mais nobres com o objetivo de identificar seu grau social. Dessa forma, apenas os considerados heróis e a nobreza possuíam o ícone, que era transmitido para seus descendentes.

Quando a aristocracia começou a cair e a burguesia a ascender, a partir do século XIX, o brasão começou a perder importância. Essa prática só renasceu em pleno século XX, mas aí foi aplicado à simbologia dos municípios, corporações, estados e outros organismos coletivos administrativos. Afinal, desde o século XIX muitos desses grupos chamavam seus distintivos de brasões. Muitos deles, porém, foram identificados como pseudobrasões, já que não obedecem às leis da heráldica, que serão discutidas logo mais. Hoje em dia, é muito comum encontrar brasões autênticos e falsificados, ligados ao condado, freguesia, cidade, município ou região. Muitos clubes esportivos seguiram o mesmo caminho e passaram a adotar um ícone identificador.

As armas da GLUI são uma combinação dos brasões das Grandes Lojas moderna e antiga. A primeira, fundada em 1717, adotou as armas concedidas em 1473 pela Companhia de Londres, que foi uma empresa conjunta estabelecida pelo rei James I da Inglaterra (1566-1625), com o objetivo de estabelecer assentamentos coloniais na América do Norte. O desenho em questão era composto por três castelos e compassos.

Já a Grande Loja “rival” foi formada em 1751 e ficou conhecida como *Atholl* ou *Antient* (formas arcaicas para a palavra *Ancient* – Antiga – em inglês). Ela adotou algumas armas (o homem, o leão, o boi e a águia) que teriam sido desenhadas por Jacob Jehudah Leoni, que teria surgido com o desenho ao final do século XVII.

Os dois brasões de armas foram combinados para refletirem a união das duas Grandes Lojas em 1813, com a adição do baú e das figuras de apoio (dois querubins) que foram tirados do suporte que havia no desenho dos “Antigos”.

A representação das armas se tornou muito diversa e possuidora de uma variedade de desenho e cores que, em 1918, o Colégio de Armas, o repositório oficial dos revestimentos de armas e origens da Inglaterra e do País de Gales, além das famílias do norte da Irlanda, da comunidade e de seus descendentes, ofereceram-se para regularizá-la. Assim, o rei George V (1865-1936) concedeu as armas, ou seja, o desenho – que até aquela ocasião era usado sem permissão – e acrescentou bordas de leões, símbolo das armas da Inglaterra, para marcar a longa e íntima ligação da Casa Real com a Maçonaria.

O símbolo adotado pela GLUI possui algumas peculiaridades, conforme este trecho de um texto retirado da página oficial da Grande Loja Maçônica do estado do Rio de Janeiro:

O Brasão da Companhia de Maçons de Londres, inicialmente conhecida como

The Hole Crafte & Felaship of Masons, já em existência pelo menos desde 1356, foi concedido em 1472, no reinado de Eduardo IV. Sua descrição oficial, na patente assinada pelo Rei d'Armas é: ‘um campo de negro, um chaveirão em prata,

três castelos de prata com portas e janelas de negro. No chaveirão, um compasso de negro’ (Extraído de Freemasons at Work, de Harry Carr). Este brasão figura tanto no timbre da Grande loja Unida da Inglaterra quanto no da Grande Loja da Escócia.

Há outros detalhes em destaque, como os relacionados a seguir:

- O brasão consiste de um escudo dividido ao meio, em cujas bordas encontramos oito leões. Na metade esquerda há três castelos, e entre os dois da parte de cima e o da parte de baixo está a figura de um compasso aberto. Na parte direita há as figuras de um leão, um boi, uma águia e um homem em posição de saudação (em sentido horário). O brasão possui cor vermelha nas bordas e na parte esquerda, sendo da cor amarela e azul na parte direita. Acima do escudo, há uma representação de dois querubins que guardam uma representação da arca da aliança. Guardando o escudo e os querubins, há dois outros querubins, maiores, cujas asas protegem o escudo. Abaixo, está uma faixa com os dizeres AVDI VIDE TACE, que é a tradução em latim da frase “Ouça, veja, silencie”, escrita em letras douradas numa faixa azul.
- A descrição heráldica do escudo é a seguinte: há duas metades. A da esquerda tem a cor vermelha com um *chevron* (divida em forma de V vista nas mangas de militares). A parte direita tem as quatro figuras mencionadas dentro de uma cruz.
- Os querubins na parte de cima do escudo possuem um desenho ainda mais peculiar: a parte superior do corpo é normal e reflete a cor rosa da carne humana, enquanto a inferior mostra as pernas cobertas de pelos marrons. As asas são douradas e sobre elas é possível ver uma frase em hebraico que significa “Santo é o Senhor”.
- Curiosamente, não há maiores explicações sobre essa representação, no mínimo, inusitada dos querubins, o que levou a uma grande quantidade de textos de autoria de evangélicos e afins que acusam a Grande Loja Unida da Inglaterra de utilizar representações de demônios disfarçados de querubins. De fato, o desenho chama a atenção não apenas pelo fato de colocar essas imagens, mas de dar detalhes curiosos a eles, como colocar o que parecem ser cascos de bode nas mesmas figuras.

RELACIONAMENTO COM O BRASIL

Para quem ainda não conseguiu ver a relação entre o Grande Oriente do

Brasil – GOB (que será discutido no [Capítulo 5](#)) e a Grande Loja Unida da Inglaterra – GLUI, é melhor ilustrar que o GOB sempre atuou em suas relações estrangeiras pelas normas estabelecidas pela GLUI, num relacionamento que dura desde o século passado.

O GOB foi a primeira Obediência Maçônica criada na América Latina e por isso obteve o reconhecimento da GLUI em 17 de março de 1880. Segundo texto assinado por maçons, temos a seguinte explicação:

Dentro do princípio de territorialidade observado pela Grande Loja Unida da Inglaterra, desde 1881 o Grande Oriente do Brasil é considerado por ela como a única Potência Maçônica Regular no Brasil. Em 5 de maio de 1935, o Grande Oriente do Brasil e a Grande Loja Unida da Inglaterra firmaram um novo tratado de amizade que vigora até hoje e pelo qual foi autorizado o funcionamento em território brasileiro do Distrito da América do Sul – Divisão Norte da Grande Loja Unida da Inglaterra, com dez Lojas Simbólicas, das quais nove trabalham em idioma inglês e apenas uma em português.

É por isso que a maioria considera importante saber como a GLUI se estabelece em seu próprio país. Como vimos neste e no capítulo anterior, as obras de manutenção dos complexos maçônicos da Biblioteca e Museu da Franco-Maçonaria e do Salão dos maçons são apenas dois exemplos da grandiloquência das obras feitas pela Maçonaria na Inglaterra. E a autoridade da GLUI é importante para que o próprio GOB saiba reconhecer as Obediências Maçônicas espalhadas pelo mundo todo e relacionada com a GLUI. É a política da boa vizinhança em ação, até mesmo no mundo maçônico, sempre disposta a transformar os homens numa enorme fraternidade. Para isso é necessário o reconhecimento de uma entidade que responda pelos novos integrantes. E quem melhor do que aqueles que souberam reconhecer o valor do maçons perdidos nas duas guerras mundiais a ponto de levantar um prédio memorial em sua honra?

CAPÍTULO 4

GRANDE ORIENTE DO BRASIL

A próxima parada na jornada pelos lugares maçônicos traz não apenas mais uma localidade, mas sim um organismo que, por si só, já é um dos mais respeitados símbolos maçônicos existentes. Para entender sua importância, é necessária uma pequena explicação sobre um tema que, com certeza, a maioria dos leitores já deve ter ouvido falar, mas poucos sabem explicar: o Grande Oriente.

O pesquisador Joaquim Gervásio de Figueiredo, em seu *Dicionário de Maçonaria*, define o termo como “um estado-maior ou corporação superior do governo maçônico circunscrito a um só país ou Rito, ou abrangendo vários países ou Ritos”. Há outras denominações; uma delas, encontrada *on-line*, que garante que o termo se refere às “‘cúpulas’ que dirigem e governam as Lojas Simbólicas, de um país, estado ou território”.

Na verdade, o que o leitor desavisado tem de pensar é que a Maçonaria, principalmente a nacional, é um organismo disposto de maneira bastante complexa, com suas despesas, suas receitas, seus associados e suas “filiais” (as Lojas). Assim, nada mais lógico que a opção dos maçons em se estruturarem como se fossem uma espécie de “empresa”. Para tanto, é necessário haver desde contadores, que tomam conta da papelada e burocracia, até os corpos administrativos, que estabelecem as regras e as legalizações de cada “filial”. Nesse cenário, entra o Grande Oriente, que nada mais é do que uma obediência maçônica. Para entender isso, leia a definição dada por Joaquim Gervásio de Figueiredo:

Obediência é uma potência maçônica formado no mínimo de três Lojas federadas. A primeira Obediência data de 1717, quando quatro Lojas de Londres se reuniram para constituir uma Obediência; no entanto, não é aconselhável a multiplicidade de Obediências.

Assim, podemos dizer, com outras palavras, que as Obediências (que podem ter nomes como Grande Oriente, Ordem ou Grande Loja) são entidades que possuem uma certa autonomia para agirem de maneira regular e soberana para congregar as Lojas Simbólicas, células que trabalham com reuniões de maçons.

Um pequeno parênteses antes de continuarmos: as Lojas Simbólicas são denominações das estruturas fundamentais que abrangem os três graus simbólicos ou básicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre). Também recebem a denominação de Lojas Azuis.

Mas voltemos às explicações. As Obediências recebem esse nome, porque pressupõe-se que quando um grupo de maçons é admitido numa loja está sob a jurisdição concedida por uma entidade que regulariza seu funcionamento. Esse poder é dado à loja pela Obediência, que age como se desse uma “permissão” para que ela aja em seu nome.

Pode haver casos em que uma loja para de se identificar com as normas e regras estabelecidas pela Obediência. É comum que lojas troquem de Obediência ou que esses organismos as dispense.

Há algumas observações que os próprios maçons fazem sobre as diferentes designações das Obediências. Por exemplo, para eles, um Grande Oriente é uma federação de Lojas ou Ritos em que “não há a imposição de um Rito ou órgão dominante de reconhecimento e condução”. Apesar dessa falta de imposição, há a necessidade de um novo Rito ter o reconhecimento do Grande Oriente. Dessa forma, a loja que é filiada a essa Obediência terá liberdade de escolher o Rito que pretende praticar, desde que este seja reconhecido oficialmente. Outra particularidade é a existência de uma estrutura de poder semelhante à praticada no universo profano. O Grande Oriente divide-se em três poderes: o Executivo (representado pelo Grão-

Mestre), o Legislativo (executado pela Assembleia Federal) e o Judiciário (composto por juízes eleitorais).

As Grandes Lojas já diferem em alguns atos, como agregar Lojas que seguem um único Rito. Quando isso acontece, como nas Grandes Lojas espalhadas pela América, há um órgão dominante que as reconhece e dá autorização para seu funcionamento. Segundo explicação maçônica, “os Altos Graus dos respectivos Ritos também são parte integrante dos Órgãos centrais da Grande Loja”, diferente do Grande Oriente, que são entidades associadas que dirigem aqueles órgãos ou as Lojas Simbólicas. Nas Grandes Lojas norte-americanas ou mesmo nas nacionais, a autoridade estende-se apenas aos três graus básicos. Os demais são administrados por Supremos Conselhos que são parte integrante de suas estruturas internas.

Numa Grande Loja, não há lugar para Lojas ou Ritos que não possuam a autorização necessária. Já nos Grandes

Orientes isso pode acontecer, com mais ênfase, porém na tomada centralizada das decisões.

Por fim, as Ordens misturam características das duas formas anteriores. São assim chamadas porque não pendem nem para um Grande Oriente nem para uma Grande Loja. O texto abaixo, retirado de uma página maçônica, explica:

Raramente uma organização maçônica multinacional (que tem sob a sua égide Lojas em vários países) será designada por outro designativo que não

Ordem. Essa será seguramente a característica mais distintiva de uma Ordem: a sua Multinacionalidade ou Internacionalidade, embora haja exceções.

O GRANDE ORIENTE DO BRASIL

E assim chegamos ao que realmente nos interessa: conhecer um pouco mais sobre o Grande Oriente nacional. Para isso, é necessário uma pequena retrospectiva histórica, baseada em dados fornecidos pelo próprio GOB.

O papel da Ordem é reconhecido por diversas fontes históricas. Conforme pode ser visto na obra de A. Tenório de Albuquerque, há vários escritores e pesquisadores que ressaltam a importância da Maçonaria no cenários histórico nacional. São pessoas como Pedro Calmon, que em sua *História Social do Brasil, Volume II*, afirmou:

A Maçonaria teve a maior parte das responsabilidades naqueles acontecimentos (históricos desde a Independência). Foi o sigilo maçônico a alma da revolução desde 1789, nos mistérios de sua catequese está a razão de sua coerência, da harmonia, da lógica da facilidade com que se deslocou o Brasil, sem comoções anárquicas, sem experiências temerárias, pela persuasão de uma elite ilustre, do obscurantismo até a civilização liberal, através das vicissitudes do reinado de Dom João VI, das lutas da emancipação, do reinado de Dom Pedro e da regência.

E qual foi o princípio de tudo? A Maçonaria brasileira iniciou-se em 1797, com a Loja Cavaleiros da Luz, criada na povoação da Barra, em Salvador, Bahia, e com a Loja União, em 1800, que deu lugar à Loja Reunião em 1802. No Rio de Janeiro, os maçons só apareceram em 1822, quando a campanha pela Independência estava a todo vapor. É nesse cenário que surge a primeira Obediência, que possuía jurisdição nacional e o objetivo de completar o processo de emancipação política no país.

O Grande Oriente Brasileiro (a primeira denominação da Obediência) foi criado em 17 de junho de 1822 por três lojas cariocas: Comercio e Artes na Idade do Ouro, União e Tranquilidade e Esperança de Niterói, estas duas últimas resultantes da divisão da primeira. Um de seus mais famoso mandatários foi José Bonifácio de Andrade e Silva, cuja vida será exposta em detalhes no Capítulo 19.

Em outubro do mesmo ano, após o sete de setembro, Bonifácio foi substituído pelo Imperador Dom Pedro I, que assumiria o nome de Irmão Guatimozim. O novo governante logo levou em conta que havia uma rivalidade política entre os dois grupos existentes, um liderado por Bonifácio e outro por Joaquim Gonçalves Ledo, que se destacava como um dos principais líderes maçônicos ao lado de José Clemente Pereira e do cônego Januário da Cunha Barbosa. Essa foi a principal causa para que os trabalhos do GOB fossem suspensos em outubro de 1822.

A Obediência só retomaria suas atividades em novembro de 1831, após a abdicação de Dom Pedro I, em abril do mesmo ano. O nome mudou para Grande Oriente do Brasil e desde então continua exercendo suas tarefas.

O GOB é localizado no Palácio Maçônico do Lavradio, no Rio de Janeiro, onde se instalou desde 1842. Possuía Lojas em todas as províncias e não perdeu tempo em se tornar um participante ativo nas grandes conquistas sociais nacionais. Sua própria história acabaria se confundindo com a história do país pós-independência. Assim define o próprio GOB:

Através de homens de alto espírito público, colocados em arcas importantes da atividade humana, principalmente em segmentos formadores de opinião, como as Classes Liberais, o Jornalismo e as Forças Armadas – o Exército, mais especificamente – O Grande Oriente do Brasil iria ter, a partir da metade do século XIX, atuação marcante em diversas campanhas sociais e cívicas da nação. Assim, distinguiu-se na campanha pela extinção da escravatura negra no país, obtendo leis que foram abatendo o escravagismo, paulatinamente; entre elas, a Lei Euzébio de Queiroz, que extinguiu o tráfico de escravos, em 1850, e a Lei Visconde do Rio Branco, de 1871, que declarava livre as crianças nascidas de escravas daí em diante. Euzébio de Queiroz foi maçom graduado e membro do Supremo Conselho da Grau 33; o Visconde do Rio Branco, como chefe de Gabinete Ministerial, foi Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil. O trabalho maçônico só parou com a abolição da escravatura, a 13 de maio de 1888.

O trabalho maçônico se fez presente principalmente quando se iniciou a campanha republicana, que objetivava impedir um terceiro reinado no país. Para tanto, o objetivo era colocar a nação no mesmo patamar que as demais nações centro e sul-americanas. Os maçons foram essenciais na divulgação dos ideais republicanos em lojas e clubes espalhados por todo o país. No final da campanha, quando a república já era uma realidade, havia um maçom famoso que liderava as tropas do Exército, o Marechal Deodoro da Fonseca, mais tarde Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil.

Nos primeiros quarenta anos da nova forma de governo, mais conhecido como Período da República Velha, a participação do GOB se expandiu, já que, além do Marechal Deodoro, haviam outros maçons tão atuantes quanto ele, como o Marechal Floriano Peixoto, Manoel Ferraz de Campos Salles, Marechal Hermes da Fonseca, Nilo Peçanha,

Sobre o período Republicano temos o seguinte trecho, que explica o cenário da época:

A 19 de dezembro do mesmo ano de 1889, pouco mais de um mês após a implantação da República, Deodoro – iniciado na Loja “Rocha Negra” (Rio Grande do Sul), a 20 de setembro de 1873 – era eleito Grão-Mestre do Grande

Oriente do Brasil, tendo, como Adjunto, Josino Nascimento e Silva, iniciado na

Loja “Piratininga”, de São Paulo. Ele só iria tomar posse do cargo, todavia, a 24 de março de 1890, enquanto Josino só assumiria a 18 de agosto do mesmo ano. Deodoro, na realidade, pouco podia se dedicar ao Grão-Mestrado, pois o novo regime necessitava de consolidação e não contava com o consenso de seus artífices, já que, desde os primeiros momentos, havia duas correntes republicanas, com ideias antagônicas: uma queria uma república democrática representativa, enquanto a outra desejava uma ditadura sociocrática do tipo comtista, ou seja, de acordo com a doutrina positivista de Comte (e não se pode esquecer que grandes maçons, expoentes do movimento republicano, como Benjamin, Lauro Sodré e Júlio de Castilhos eram

positivistas). Acabaria vencendo a corrente democrática, sustentada por Ruy Barbosa, seu maior expoente e a cuja diligência deve-se a elaboração do projeto de Constituição Provisória, em decorrência da qual se instalou, a 15 de novembro de 1890, o Congresso Constituinte, que, a 24 de fevereiro de 1891, aprovava e promulgava a primeira Constituição da República, a qual instituiu o presidencialismo e o federalismo. Dois dias depois, eram realizadas as eleições indiretas, com duas chapas concorrentes, ambas compostas por maçons: Deodoro, para presidente, e Eduardo Wandenkolk, para vice; e Prudente de Moraes, para presidente, e Floriano Peixoto, para vice. A vitória foi de Deodoro, por pequena margem, mas, como vice, foi eleito Floriano. Nessa Ocasão, o Grande Oriente do Brasil enviava carta de congratulações ao seu Grão-Mestre, a qual foi respondida a 5 de março.

Anos mais tarde, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o GOB apoiou, desde 1916, a entrada do país no conflito, ao lado dos Aliados. A ideia era difundida pelo então Grão-Mestre, o Almirante

Veríssimo José da Costa. Mesmo antes da entrada oficial, em 1917, o GOB já mandava contribuições financeiras para a Maçonaria da França, que eram usadas para socorrer as vítimas. Essa ajuda está documentada por meio de cartas enviadas da França para o GOB.

Entretanto, nem tudo foi um mar de rosas para a Obediência. Houve uma cisão, em 1927, que originou as Grandes Lojas Estaduais brasileiras. Esse enfraquecimento foi temporário, já que o GOB continuou firme e forte na liderança da Maçonaria nacional, atuando em diversas questões políticas, relacionadas pela própria Obediência. Dentre elas estão:

- anistia para presos políticos, durante períodos de exceção, com estado de sítio, em alguns governos da República;
- luta pela redemocratização do país, submetido, a partir de 1937, a uma ditadura, que só terminaria em 1945; participação ativa, por meio das Obediências Maçônicas europeias, na divulgação da doutrina democrática dos países aliados, durante o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945);
- participação no movimento que interrompeu a escalada da extrema-esquerda no país, em 1964;
- combate ao posterior desvirtuamento desse movimento, que gerou o regime autoritário longo demais;
- luta pela anistia geral dos atingidos por esse movimento; luta pela volta das eleições diretas, depois de um longo período de governantes impostos ao país.

Um ato interessante foi a criação, em 1983, da Ação Paramaçônica Juvenil, uma obra social de âmbito nacional que é destinada ao aperfeiçoamento físico e mental de jovens de ambos os sexos, filhos ou não de maçons.

No cenário atual, o GOB se mostra presente em Brasília, Distrito Federal, onde se instalou desde 1978. Hoje, possui um patrimônio considerável e ocupa um prédio de 7.800 metros quadrados. Conta com cerca de duas mil Lojas, cerca de 61.500 obreiros ativos (segundo dados divulgados em 1999), e é reconhecido por mais de 100 Obediências regulares do mundo. É a maior Obediência Maçônica do mundo latino e tem o reconhecimento oficial da Grande Loja Unida da Inglaterra, de acordo com um Tratado assinado em 1935.

MUSEU MAÇÔNICO

O GOB mantém um museu dedicado a conservar a história maçônica. É chamado de Museu Ariovaldo Vulcano e fica

em Brasília, no endereço SGA Sul - Av. W5, Quadra 913, Conjunto H. Possui visitas agendadas e abertas ao público, que funcionam de segunda a sexta (exceto feriados), das 8h30 às 11h30 e das 13h30 às 17h30.

O museu é subordinado a Secretaria-Geral de Educação e Cultura e foi criado oficialmente (Decreto nº 0016, de 16 de junho de 1995) para as comemorações do 173º aniversário do GOB. Apesar do pouco tempo que teve para se estabelecer, o museu já contou, logo na sua estreia, com duas coleções interessantes: a primeira foi doada pela família do Grão-Mestre Geral Antonio Joaquim de Macedo Soares (que atou no período entre 1891 e 1900) e é composta por “obras e atos sobre a Abolição da Escravatura, além de paramentos pessoais”; a segunda foi adquirida e doada por um grupo de obreiros de São Paulo.

O museu tem se dedicado, desde então, a preservar a memória maçônica como se fosse uma continuidade natural do que já era feito no antigo Museu do Palácio do Lavradio, do Rio de Janeiro. A partir de então, as peças passaram a ser um registro valioso sobre a história das diversas entidades maçônicas que já atuaram no país.

O acervo possui cerca de 3.600 peças que variam entre medalhas, timbres, selos, colares, joias, coleção filatélica, paramentos e outros objetos maçônicos de interesse. Cerca de 40% do acervo vem da Coleção EUREKA, adquirida por Kurt Prober (1909-2008), famoso numismata (pessoa que estuda medalhas e moedas), além de colecionador de antiguidades maçônicas e filatelista. As demais peças vêm do legado que o Grande Oriente do Brasil recebeu nesses anos todos de operação e também de doações de maçons, Lojas e Grandes Orientes Estaduais.

As atuais instalações foram inauguradas em março de 2004. Isso foi necessário porque o espaço físico anterior se tornara pequeno e incapaz de comportar todo o acervo. Para se ter uma ideia, apenas 45% do acervo conseguia ser exibido, enquanto o restante ficava em reserva técnica. Com o novo espaço, a área de exibição foi triplicada e proporciona maior comodidade aos visitantes e à administração do Grande Oriente do Brasil.

Por enquanto, a divulgação do museu ainda é restrita, mas já há um movimento para que o local seja incluído em roteiros turísticos com o aval da Secretaria de Turismo do Distrito Federal. Assim, os interessados poderão visitar também o Templo Nobre do Grande Oriente do Brasil e apreciar a arquitetura do Palácio Maçônico de Brasília, inaugurado em dezembro de 1992 e célebre por ter sido retratado em selos da época.

De qualquer maneira, o que vale a pena é ressaltar que um organismo administrativo como o GOB pode exercer grande influência não apenas sobre seus seguidores, mas também sobre toda a cultura maçônica, a ponto de provocar uma verdadeira enxurrada de curiosos para os quais a própria Maçonaria acaba por abrir as portas de seus prédios e permitir que os maçons se tornem parte integrante da cultura nacional. No fim esse é o verdadeiro espírito nacionalista.

CAPÍTULO 5

O QUE É MAÇONARIA MISTA?

A participação feminina na Maçonaria sempre foi um assunto polêmico e objeto de debates acalorados por parte dos que defendem a entrada das mulheres e dos chamados maçons tradicionalistas, que defendem a conservação da Maçonaria como é, ou seja, totalmente vedada a elas. O tempo, porém, passa e aos poucos são observadas outras tendências que, com a aprovação ou não dos tradicionalistas, ganham terreno e aprovação popular. Duas dessas correntes são conhecidas como Maçonaria Mista (que aceita tanto homens como mulheres) e a Maçonaria Feminina, na qual apenas mulheres entram.

Vale a pena lembrar, antes de mais nada, que a Maçonaria tradicional não reconhece oficialmente nenhuma dessas correntes como sendo sérias. Elas agiriam, portanto, como uma espécie de “maçonaria paralela”, ou seja, são grupos que seguem as tradições e as regras da Maçonaria masculina, mas que não são, de maneira alguma, reconhecidas como parte de um quadro maior maçônico.

As grandes publicações semanais frequentemente publicam alguma matéria sobre o assunto e a opinião pública sempre participa de alguma maneira. Um dos últimos artigos de que se tem notícia saiu na revista *Isto é* e pode ser encontrado *on-line* na página da publicação. Diz ele:

Um dos últimos redutos masculinos, a fraternidade vive um terrível dilema: reconhecer ou não a legitimidade das lojas (templos) femininas e mistas, cada vez mais comuns em todo o mundo. Enquanto o Grande Oriente (poder supremo) da França já se acostumou com a presença do sexo oposto, as brasileiras ainda lutam pela autenticidade de seu trabalho. Assim explica Vera Facciollo, grã-mestra da Ordem Glada (Grande Loja Arquitetos de Aquário), instância máxima da maçonaria mista no Brasil, que administra 19 lojas em todo o território nacional. Nos rituais dessa ordem, os homens são poucos. “Como as mulheres ainda não têm muitas opções de lojas mistas, a maioria de nossos irmãos é feminina”, justifica Vera.

Para a maioria das pessoas, hoje em dia, uma instituição como a

Maçonaria não aceitar mulheres em seu meio é um sinal de retrocesso e até mesmo de machismo. Embora os maçons tradicionalistas defendam esse ponto de vista, afirmando que eles não fazem mais que manter uma tradição que remonta à Idade Média e às guildas de pedreiros de então, que de fato era uma profissão vedada às mulheres, a maioria dos neófitos, principalmente as próprias mulheres, acham que tal atitude é injustificável.

E as críticas continuam firmes e fortes.

Isso não parece ser um empecilho para a Maçonaria Mista ou para a Feminina, que continuam suas atividades, mesmo sem o reconhecimento dos altos escalões maçônicos. Elas respondem a organizações que regularizam seu procedimento, como a GLADA (Grande Loja Arquitetos de Aquário), que é uma das mais conhecidas. A Loja adota dois Ritos, o Moderno ou Francês e o Rito Escocês Antigo e Aceito.

Sobre a GLADA, vale a pena fazer um pequeno aparte. A loja faz parte da União Maçônica Internacional (CATENA), um organismo internacional que visa reagrupar Obediências Maçônicas e Lojas Independentes da Maçonaria Liberal. Desde 1993, a Loja participa desse organismo regulador e é por ele que mantém suas atividades em andamento. A Grã-Mestra da GLADA, Vera Facciollo, foi eleita vice-presidente daquela entidade nas duas últimas gestões, o que coloca a loja numa posição de prestígio, já que é membro ativo e reconhecido do CLIPSAS – Centro de Ligação e Informação das Potências Signatárias do Apelo de Strasburgo, a maior organização de Maçonaria Liberal do mundo, fundada em 1961. A GLADA pertence a esse centro desde 2005.

Para quem é maçom e possui certas dúvidas sobre a atuação da CATENA, vale a pena lembrar alguns de seus princípios básicos, dentre eles:

- Um dos princípios fundadores da Maçonaria Universal é o reconhecimento da existência de uma realidade suprema em que vivemos, movemos-nos e em que acreditamos (Artigo 2 da Constituição Internacional desta organização).
- O primeiro grande princípio é derivado dessa verdade primordial e é a unidade e a igualdade fundamental entre todos os seres humanos, que se expressa na Maçonaria que é uma Irmandade do Amor, que a faz florescer por meio do nosso reconhecimento comum espiritual. O segundo grande princípio, decorrente do primeiro, é o alívio do sofrimento, primeiramente evitando, sempre que

- possível, magoar qualquer ser vivo e secundariamente ajudando a todos os que estão em sofrimento.
- O terceiro grande princípio é a verdade, possuir uma mente aberta e ver as coisas como elas verdadeiramente são, sem enviesamentos. Esse princípio é especialmente relacionado com o autoconhecimento, que é inerente a um maçom.

Não é apenas a GLADA que se destaca entre as Lojas afiliadas. Também são citadas outras como a “Humanitas” Freimaurer Großloge in

Deutschland (na Alemanha), a Großloge “Humanitas Austria” (na Áustria), a Jus Humanum Suecia (na Suécia), a The Order of the Ancient Free Masonry for Men and Women (no Reino Unido), a Grand Lodge “Humanitas Bohemia” (na República Checa) e a Groupement Maconnique de Loges Mixtes et Indépendantes (na França).

FUNCIONAMENTO

Mas, afinal, como trabalha uma Loja como a GLADA? Segundo textos de sua página oficial, ela trabalha com os mesmos recursos de uma Loja tradicional, ou seja, com os mesmos graus simbólicos (Aprendiz,

Companheiro e Mestre) e filosóficos (do 4º ao 33º no Rito Escocês e do 4º ao 10º no Rito Moderno). Possui ainda seu próprio Supremo Conselho, que é independente e foi reconhecido por meio da emissão de uma Carta Patente oriunda da Grande Loja da Itália, que tem um Supremo Conselho de grau 33 que é considerado um dos mais antigos do mundo, pois foi fundado em Milão, em abril de 1805. A ele pertenceu ninguém menos que Giuseppe Garibaldi (1807-1882), guerrilheiro italiano que ganhou a alcunha de Herói de Dois Mundos, pois participou de conflitos tanto na Europa quanto na América do Sul.

O que chama atenção dos maçons mais tradicionalistas é a maneira pela qual a Loja realiza seus recrutamentos. Por exemplo, maçons adormecidos (ou seja, que não participam dos trabalhos, mas que ainda possuem vínculos com sua Loja) ou placetados (que receberam um documento conhecido como *placet* que indica o desligamento oficial do quadro da Loja)

podem pedir filiação para a GLADA por meio de uma Proposta de Filiação/Regularização e do envio de uma carta dirigida à Grande

Secretaria, no escritório central. Essa proposta deverá ser acompanhada de qualquer um dos documentos normais: Certificado de Grau (para Aprendizes e Companheiros), *Quite-Placet* ou Diploma de Mestre (para Mestres), Carteira de Identidade Maçônica ou Passaporte Maçônico, três fotos 3x4 recentes, cópia de RG, cópia de CPF e cópia de documento que comprove residência.

Fora esses casos excepcionais, a rotina de ingresso possui os seguintes passos:

1. Escrever, telefonar ou enviar e-mail para o escritório central solicitando Proposta de Admissão e fazendo constar seu endereço postal convencional.
2. Devolver a proposta preenchida, anexando cópia do RG, cópia do CPF, cópia de documento que comprove residência, taxa de iniciação no valor de R\$ 750,00, em cheque cruzado e nominal à Grande Loja Arquitetos de Aquário, e 4 fotos 3x4 recentes. Tudo mediante carta registrada. Esta taxa vigora por tempo determinado e pode ser

alterada, dividida em parcelas ou reduzida, dependendo de prévia combinação com a pessoa contatada e aprovação pelo GrãoMestrado.

3. Aguardar contato para marcar entrevista pessoal.
4. A proposta, assim como o resultado da entrevista, serão avaliados pela Loja, e, sendo aprovados, o candidato receberá comunicado sobre a data de sua Cerimônia de Iniciação.
5. Caso o candidato não seja aprovado, sua taxa será restituída.
6. Sempre que possível, indicar o nome, endereço e telefone de um maçom que conheça o candidato e possa fornecer referências.
7. Nenhum candidato será admitido sem prévia sindicância, como é de praxe na Maçonaria no mundo inteiro.
8. Candidatos residentes em locais onde não existe ainda Loja da GLADA terão seu caso resolvido individualmente, sob consulta da Sede Central.

Para que o(a) candidato(a) possa se preparar da melhor maneira possível, a própria Loja recomenda as leituras de alguns livros, como *As chaves do teino interno*, de Jorge Adoum (Editora Pensamento) e *Conhecendo o que é a Maçonaria*, de Lutfala Salomão (Editora A Trolha).

Com certeza, apenas os pontos descritos acima já são suficientes para deixar o maçom tradicional com os cabelos em pé. Afinal, não é de hoje que todos sabemos que a Maçonaria tradicional funciona com um rígido sistema de recrutamento que não deixa que a maioria dos neófitos diga em público seu funcionamento. Algumas Lojas, inclusive, chegaram a admitir em público que queriam esconder o método de recrutamento não apenas para proteger a Ordem dos profanos, mas também para impedir que as mulheres tivessem acesso aos seus métodos. A

própria história registra casos antigos de esposas que tentaram entrar na Maçonaria disfarçadas de homens ou espreitando pelos forros das lojas, conforme relatei em meu livro *Sociedades Secretas – Maçonaria*.

Voltemos agora ao já citado artigo publicado pela revista *Istoé*. Em outro trecho lemos o seguinte:

No Brasil, a maçonaria masculina está dividida em três ordens, obedecendo a Grandes Lojas e Grandes Orientes, e nenhuma reconhece a admissão de mulheres. O motivo apontado é um dos artigos da Constituição maçônica compilada em 1723 pelo escocês James Anderson, da Grande Loja de Londres. O 18º landmark (marco), como é conhecido, proíbe o ingresso na maçonaria de escravos, mulheres e aleijados. “Naquela época, as mulheres eram trocadas como se fossem animais. Manter a mulher afastada da maçonaria até hoje contradiz todos os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade”, discursa Vera Facciollo. Seu marido, Antonio Facciollo, grão-mestre adjunto da Glada, concorda com ela. “Seguir princípios datados de 1723 é um absurdo. Mostra o atraso e o conservadorismo da instituição”, diz.

Vimos que os métodos de recrutamento das Lojas Mistas são bem diferentes das Lojas Tradicionais. A imagem de que os tradicionalistas não passam de velhos que se reúnem em clubinhos para fingir que discutem assuntos filosóficos e, por vezes, sociais já foi tão difundida entre os profanos, que hoje é uma imagem mais forte que a que dizia que maçons eram “aqueles que montavam em bodes” ou “bebiam sangue de crianças”. Nos dias modernos, não são as lendas e crendices que ditam a imagem pública, mas sim a maneira como os maçons se comportam em público. E não há nada mais pesado contra eles que essa resistência em aceitar mulheres em seu meio.

O mais estranho é que, mesmo sabendo que há as Lojas Mistas e exclusivamente femininas, os tradicionalistas se recusam a aceitar a hipótese da participação feminina em seus trabalhos. No entanto, a ideia parece já encontrar alguns adeptos nesse meio tempo. Pelo menos é o que se deduz da afirmação do Grão-Mestre do Grande Oriente Paulista (GOP), Arnaldo Faria. Sua instituição cuida de mais de 200 Lojas no estado de São Paulo, mas parece estar se acostumando com a necessidade da mudança. Ele próprio admite que teria de aceitar mulheres como irmãs, no entanto, ainda é da opinião de que o melhor seria estabelecer Lojas separadas e não mistas. Para ele, o conceito de homens e mulheres trabalhando no mesmo espaço é inaceitável, porque resulta em confusão. “Se as lojas ficassem separadas por sexo”, raciocina, “manteria assim o Landmark intacto e acabaria com a discriminação que vai contra a própria concepção da Maçonaria como uma ordem que cultua a igualdade”.

OPINIÕES

A melhor maneira para se conhecer as diferenças entre a Maçonaria Tradicional e a Mista é prestar atenção em seus métodos de trabalho e, ocasionalmente, nos artigos publicados. Por meios da expressão de ideias e opiniões é que podemos tirar algumas conclusões pessoais para saber se vale a pena essa integração e que benefícios poderiam trazer para a sociedade como um todo.

Estaria assim a opinião do Grão-Mestre do GOP errada? O convívio entre homens e mulheres numa mesma Loja seria realmente uma confusão? A verdade é que nas Lojas Tradicionais há realmente uma grande profusão de membros de idade avançada e de pensamento retrógrado, que veem a publicação de livros sobre a Maçonaria nada mais que uma “atividade de goteiras”, ou seja, de pessoas que aprendem seus segredos para depois repassá-los. Enquanto a Maçonaria Mista chega a abrir suas portas para os profanos e mesmo convidá-los para participarem de suas atividades, a Maçonaria Tradicional só permite a presença de quem não é maçom quando o Templo não está em seção. As atividades abertas a não membros são tão poucas e sem atrativos que muitos saem convencidos de que a Maçonaria é, de fato, nada mais que um clube para velhos.

Em artigo na sua página oficial, a Grã-Mestra geral da GLADA, Vera Facciollo, afirma sobre o caráter iniciático maçônico:

Fala-se muito dos segredos iniciáticos na Lojas Maçônicas. Ouvi certa vez um Irmão dizer que era tão profundo o segredo maçônico que já ninguém mais o conhecia – eis porque ninguém jamais o revelava. De fato, a Maçonaria, como herdeira de antiquíssimas tradições, carrega consigo um cabedal inestimável de conhecimentos. Alguns deles se perderam para sempre, em virtude das perseguições, morte dos grandes Iniciados, ausência de Discípulos à altura de receber a sua transmissão, fatores culturais, ignorância, repetidos retornos a períodos de retrocesso histórico, e até de cataclismas naturais. A evolução humana caminha por ciclos de ascensão e queda, e isso afeta a transmissão do saber de uma civilização para outra. É hoje sabido que velhas culturas da Mesopotâmia conheceram a pilha elétrica, e hoje confessamos nossa incompetência atual para construir uma pirâmide igual à de Quéops, apesar do imenso arsenal tecnológico de que dispomos. O Homem já soube mais sobre certos fenômenos do que sabe hoje, e nosso ufanismo tecnológico pouco se justifica. As catedrais góticas foram construídas segundo um sistema acústico notável, sendo cada uma delas governada por uma nota musical e uma forma que ela produz ao ressoar no espaço. Assim, há a catedral na nota dó, a catedral na nota mi, e assim por diante.

A Grã-Mestra continua a discorrer sobre o assunto de maneira fácil e simples que até um neófito poderia assimilar. Afinal, se o segredo supremo da Maçonaria é algo tão antigo que nem mesmo seus membros sabem mais o que era, como fazer para resgatar essa sabedoria milenar? Vera explica que o estudo das cerimônias ritualísticas chegou até nós pelas mãos de místicos rosacruzes ingleses, como o antiquário e astrólogo Elias Ashmole (1617-1692), o ocultista Robert Fludd (1754-1637) e o também astrólogo William Lilly (1602-1681), todos britânicos.

Para Vera, é necessário adentrar a literatura hermética para perceber que esses místicos sabiam de algo que não ousavam revelar a mais ninguém, nem mesmo aos seus irmãos de loja. Eles teriam escrito sobre alguns assuntos no mínimo polêmicos, como maneiras de se tornar invisível, levitar, comunicar-se com seres de outras dimensões e viver algumas centenas de anos. A Grã-Mestra conclui:

Não pode ser coincidência que o Ritual maçônicos – na sua versão do Rito Escocês – seja uma reprodução fiel, sob uma feição dramática, dos procedimentos de laboratório na elaboração da Pedra Filosofal. Retiramos a Pedra Virgem de uma caverna, martelamos reiteradas vezes, purificamos por três vezes usando os quatro elementos, especialmente pela água e pelo fogo [...] Todo o processo se faz na escuridão, até que a Pedra se revela em todo o seu esplendor luminoso [...] Isto para falarmos somente do primeiro grau.

É possível ainda observar alguns aspectos sobre diversos temas nesse artigo, como os três pontos destacados na lista abaixo:

1. Sobre as cerimônias maçônicas atuais:

Nossas cerimônias atuais são uma reprodução pobre das velhas Iniciações, embora produzam certamente seu efeito, despertando no neófito a sensibilidade, operando transformações – às vezes sutis, às vezes profundas – fazendo-o revelar seu interior, trazendo à luz um poder que todo ser humano possui, mas que poucos percebem. Mas é preciso reviver esse conhecimento vetusto, escondido nas imagens das catedrais – verdadeiros livros

esculpidos em pedra – nas cores dos vitrais, nas construções misteriosas de povos já desaparecidos, e numa cerimônia de natureza teatral cujo caráter oculto jaz na prática, e não na simples leitura intelectual e racional de um ritual.

2. Importância do Ritual maçônico:

Ninguém se transforma em maçom apenas por ler um ritual. É preciso bater à porta de uma Loja, ser admitido, e passar pela experiência – absolutamente individual – das provas e das passagens, tudo de acordo com velhos procedimentos, dentro de um círculo de pessoas que já passaram pelas mesmas provas e vivências. É preciso ser a personagem principal do enredo, não basta ir ao teatro assistir a peça. É nisto que reside o poder mágico do Ritual, que transmite ao iniciando uma parte da sabedoria dos antigos.

3. Presença dos jovens nas Lojas:

Vivemos, contudo, num mundo repleto de materialismo, e fica cada vez mais difícil persuadir as mais recentes gerações a buscar o caminho iniciático. Os jovens procuram mais as sensações, as experiências intensas, a velocidade, a adrenalina, e tendem a rejeitar as vivências tranquilas da meditação, da disciplina, do estudo e da busca contemplativa. Por isso, é sempre gratificante encontrar jovens nas Lojas Maçônicas: é um sinal de que ainda existe esperança para a espiritualidade e para as experiências de nível superior. Mas é preciso zelar para que a Maçonaria saiba atrair a juventude não somente através de seus mistérios e experiências espirituais, mas também através de seu programa social e seu engajamento nas magnas questões do mundo que habitamos. Cuidar apenas dos assuntos espirituais sugere alienação e desinteresse pelos temas cruciais que assombram nossa civilização.

Por fim, falta destacar os chamados Princípios Normativos, que por si mesmos já colocam a Maçonaria Mista em um patamar bem diferente da Maçonaria Tradicional, com pontos mais flexíveis e variados:

1. Respeito à liberdade de consciência e total tolerância como condições para todo trabalho maçônico.
2. Respeito à tradição maçônica, tal como expressa no simbolismo operativo dos antigos rituais, obedecendo a divisão nos três graus simbólicos e primando pela qualidade das instruções ministradas em Loja.
3. Aceitação de candidatos de ambos os sexos, sem distinção de raça, credo ou condição social, desde que preenchido o fundamental requisito de serem livres e de bons costumes.
4. Reconhecimento, sob qualquer circunstância, de todo maçom – homem ou mulher – que tenha sido regularmente iniciado(a) numa Loja.
5. Reconhecimento de toda loja que tenha sido regularmente fundada por sete mestres maçons.
6. Respeito aos Princípios Maçônicos de Fraternidade Universal, Liberdade Humana e Igualdade Social, instituindo como um dever de todo maçom lutar incansavelmente pela paz, união, progresso e felicidade da espécie humana.
7. Respeito às leis justas do país, rejeitando qualquer Landmark ou lei maçônica que viole a Constituição Brasileira, especialmente no tocante à igualdade de direitos e às garantias individuais e de liberdade de consciência.

Enfim, não é preciso ser nenhum especialista em Maçonaria ou mesmo iniciado na Ordem para reparar que, enquanto os tradicionalistas se recusam a aceitar ideias mais próprias de nosso século como a convivência de homens e mulheres num mesmo espaço, os adeptos da Maçonaria Mista não apenas são abertos a essas ideias como recebem de braços abertos preceitos bem mais modernos e amplos do que aqueles que seguem a Ordem Oficial. Os métodos de recrutamento podem diferenciar dos tradicionalistas no modo de operação, mas pelo menos tiram o caráter de exclusividade e de *status quo* imposto na Maçonaria Tradicional. Isso só pode levar a erros de julgamento

de caráter que, conforme observa Edna Duarte Dantas, ligada à Ordem Maçônica Mista Internacional Le Droit Humain em artigo na Revista *Isis*:

Consideramos que a maior honra para um ser humano é ser maçom. E reafirmamos: é, igualmente, sua maior responsabilidade. Daí porque José Coelho da Silva, antigo Grão-Mestre do Grande Oriente do Estado do Rio de Janeiro, dizia: “É tão mais difícil expulsar um delinquente da Maçonaria do que impedir o seu ingresso”. Nunca será demais, portanto, o alerta para o perigo de se permitir o ingresso, na Maçonaria, de pessoas desqualificadas ou inadequadas. Deve-se buscar uma sindicância cada vez mais rigorosa na seleção de candidatos. Sempre será preferível a “qualidade” e não a “quantidade”.

CAPÍTULO 6

HISTÓRIA DA MAÇONARIA MISTA

A autora e pesquisadora Esteva Maria Kinski é apenas um dos nomes que liga a história da Maçonaria Mista à luta das mulheres pelo reconhecimento de um lugar na Ordem. Vale a pena relembrar alguns dos pontos colocados por ela em vários textos e artigos, alguns de livros que, até o momento, estão fora de catálogo, mas que podem ser encontrados reproduzidos em algumas páginas na internet.

Ela afirma, dentre outras coisas, que a participação maçônica das mulheres é muito pouco conhecida pelos historiadores modernos, uma vez que há muita dificuldade em comprovar alguns fatos, em razão da destruição de parte dos documentos que seriam provas de que tais participações aconteceram mesmo. Isso porque os maçons, como já foi explicado no capítulo anterior, ainda resistem à ideia de que mulheres possam frequentar seu meio.

Kinski afirma ainda que a relação entre a Maçonaria e o sexo feminino sempre foi marcada por separações e reconciliações, num clima que predominaram a polêmica e a confusão. Para tanto, ela se prestou a tentar levantar uma linha de tempo que, por meio de registros e depoimentos colhidos em diversas épocas, podem registrar um verdadeiro movimento feminista que desafia os conceitos maçônicos tradicionais e mostra que as mulheres podem ser tão boas representantes da Maçonaria quanto os homens.

A pesquisa começa na Idade Média, mais precisamente no final do século XVI. A restrição quanto ao ingresso feminino na Ordem resultava da grande dificuldade de se obter empregos, já que a sociedade daquela época era assolada pela miséria e pela falta de trabalho. Segundo ela, os homens receavam que as mulheres se tornassem operárias e ganhassem um salário melhor, reduzindo assim as oportunidades deles de conquistar um emprego. Para algumas mulheres da hoje Maçonaria Feminina, a proibição das mulheres nos rituais coincidiu com o período de caça às bruxas. Segundo elas, seria um tempo em que “as mulheres só podiam desenvolver o *intelecto* nas labaredas da inquisição”.

Antes dessa época, teria havido um período em que, segundo as tradições prevaletentes nas sociedades secretas, tanto homens quanto mulheres de qualquer posição cultural e/ou social podiam ser iniciados na Maçonaria e em seus mistérios. A única condição para se tornar parte da Ordem era ser puro e manter uma conduta impecável. Diz Kinski:

A perseguição da mulher começou na Inglaterra por influência dos mistérios Judaicos-Mitro-Romanos e algumas agremiações operativas da Idade Média, que viviam na clandestinidade, para escapar das cruéis perseguições eclesiásticas e políticas.

A pesquisadora ainda ressalta que em nenhuma outra escola pesquisada havia algo que proibisse o ingresso de mulheres. Segundo ela, nos antigos mistérios do período operativo, ou seja, quando os maçons eram mesmo constituídos por pedreiros, a mulher tinha uma posição de igualdade com o homem. Quando esses mistérios passaram por uma transformação, assumindo uma forma diluída dentro de diversas religiões, incluindo a Igreja Católica, houve uma espécie de campanha para que elas fossem discriminadas e inferiorizadas. Seria um processo parecido com o que os pesquisadores de esoterismo e de sociedades secretas afirmam que aconteceu quando os discípulos relegaram Maria Madalena a um segundo plano dentro do esquema hierárquico para iniciar o cristianismo. Uma vez inferiorizadas, as mulheres (e o clero feminino em especial) limitaram-se ao papel de prestar serviços para os dirigentes eclesiásticos. As desculpas para tal comportamento baseavam-se na suposta posição de inferioridade feminina por causa da sua fragilidade física.

Kinski cita em sua pesquisa uma espécie de revista maçônica publicada em 1815, onde aparece o texto de um pequeno livro chamado *Manuscrito Poema Régio*, datado de 1730 e descoberto por um antiquário. Essa publicação possui 794 versos, e em nenhum deles está qualquer indicação de que a entrada feminina na Maçonaria devia ser restringida. Alguns trechos incluem:

1. Artigo 10º, versos 203 e 204 – “Que nenhum Mestre suplante o outro, sendo que procedam entre si como irmão e irmã”.
2. Item 9º, versos 351 e 352 – “Amavelmente servimo-nos a todos, como se fôssemos irmão e irmã”.

Aparentemente existe uma proibição, encontrada no verso 154, mas diz respeito a admitir servos como

aprendizes. Além disso, há a citação das ordenações na Loja Corporação de Corpus Christi, no condado de York, localizado na Inglaterra. Lá diz:

Nenhum leigo será admitido na corporação, exceto apenas aqueles que exercem uma profissão honesta, mas todos, sejam clérigos ou leigos e de ambos os sexos, serão bem recebidos se forem de boa reputação e de bons costumes.

Nesse mesmo manuscrito há indicações de que irmãos e irmãs deverão prestar juramento sobre o livro. Há também referências a uma dama, em que, no juramento do aprendiz, este deve jurar obediência “ao Mestre ou à Dama”. Kinski acredita que apenas esses exemplos já são mais do que suficientes para provar que os maçons aceitavam mulheres em seus canteiros de obras.

A EXCLUSÃO

Diante disso, a pergunta que fica é: O que teria levado, afinal, os maçons a excluírem as mulheres? Com certeza havia motivos mais sólidos que um simples ataque de machismo, que é o ponto principal pelo qual as mulheres atacam os tradicionalistas. Para entender isso, é necessário vasculharmos a História mais uma vez.

Em livros anteriores, já expliquei, exaustivamente, o que são os Landmarks da Maçonaria, mas vamos a uma rápida recapitulação: a maioria dos autores maçônicos considera estas as leis mais antigas que regem a Ordem. Dentre outras coisas, estabelecem a crença num ser superior (O Grande Arquiteto do Universo ou Deus), o respeito entre seus membros e a ajuda mútua em caso de necessidade, fator que ainda hoje é o principal responsável pela entrada de muitos na Maçonaria.

Hoje em dia, até os tradicionalistas se dedicam a rever esses Landmarks para que se adaptem à atualidade. Uma das alterações propostas fala justamente do ingresso de mulheres. Há, entretanto, os que levam essas regras a “ferro e fogo” e afirmam que todas as cláusulas são imutáveis e se constituem como os “limites” maçônicos e, como tal, não poderiam sofrer alterações. Outros ainda são da opinião de que alterar esses princípios seria uma tentativa de romper a sintonia maçônica mundial.

Para efeito de registro, abaixo estão listados os 25 Landmarks. Reparem que o último item deixa claro que todos devem se manter inalteráveis:

- I. Os processos de reconhecimento são os mais legítimos e inquestionáveis de todos os Landmarks. Não admitem mudança de qualquer espécie; desde que isso se deu, funestas consequências posteriores vieram demonstrar o erro cometido.
- II. A divisão da Maçonaria Simbólica em três graus – Aprendiz, Companheiro e Mestre – é um Landmark que, mais que qualquer outro, tem sido preservado de alterações apesar dos esforços feitos pelo daninho espírito inovador.
- III. A lenda do terceiro grau é um Landmark importante, cuja integridade tem sido respeitada. Nenhum rito existe na Maçonaria, em qualquer país ou em qualquer idioma, em que não sejam expostos os elementos essenciais dessa lenda. As fórmulas escritas podem variar, e na verdade variam; a lenda do Construtor do Templo de Salomão, porém, permanece em essência. Qualquer rito que a exclua ou a altere substancialmente, deixará de ser um Rito Maçônico.
- IV. O Governo da Fraternidade por um Oficial que é seu presidente, denominado Grão-Mestre, eleito pelo povo maçônico, é o quarto Landmark da Ordem Maçônica. Muitos pensam que a eleição do Grão-Mestre se pratica por ser estabelecida em lei ou regulamento, mas nos anais da Instituição, encontram-se Grão-Mestres muito antes de existirem Grandes Lojas, e, se todos os Regulamentos e Constituições fosse abolidos, sempre seria mister a existência de um Grão-Mestre.
- V. A prerrogativa do Grão-Mestre de presidir todas as reuniões maçônicas, feitas onde e quando se fizerem, é o quinto Landmark. É em virtude dessa lei, de antiga usança e tradição, que o Grão-Mestre ocupa o Trono e preside todas as sessões da Grande Loja, assim como quando se ache presente à sessão de qualquer Loja subordinada à autoridade maçônica de sua obediência.
- VI. A prerrogativa do Grão-Mestre de conceder licença para conferir graus em tempos anormais, é outro importantíssimo Landmark. Os estatutos e as leis maçônicas exigem prazos, que devem transcorrer entre a proposta e a recepção do candidato, o Grão-Mestre, porém, tem o direito de dispensar esta ou qualquer exigência, e permitir a Iniciação, a Elevação ou Exaltação imediata.
- VII. A prerrogativa que tem o Grão-Mestre de dar autorização para fundar e manter Lojas, é outro importante Landmark. Em virtude dele, o Grão-Mestre pode conceder a um número suficiente de MestresMaçons o privilégio de se reunir e conferir graus. As Lojas assim constituídas chamam-se “Lojas Licenciadas”. Criadas pelo Grão-Mestre, só existem enquanto ele não resolva o contrário, podendo ser dissolvidas por ato seu. Podem viver um dia, um mês ou seis. Qualquer que seja, porém, o prazo de sua existência, exclusivamente ao Grão-Mestre a deve.
- VIII. A prerrogativa do Grão-Mestre de criar maçons por sua deliberação é outro Landmark importante. O Grão-Mestre convoca em seu auxílio seis outros Mestres-Maçons, pelo menos, forma uma Loja e sem

uma forma prévia confere os graus aos candidatos, findo o que, dissolve a Loja e despede os Irmãos. As Lojas convocadas por este meio são chamadas “Lojas de Emergência” ou “Lojas Ocasionais”.

- IX. A necessidade de se congregarem os maçons em Lojas é outro Landmark. Os Landmarks da Ordem prescrevem sempre que os Maçons deveriam congregar-se a fim de entregar-se a tarefas operativas e que às suas reuniões fosse dado o nome de “Lojas”.

Antigamente, eram essas reuniões extemporâneas, convocadas para assuntos especiais e logo dissolvidas, separando-se os Irmãos para de novo se reunirem em outros pontos e em outras épocas, conforme as necessidades e as circunstâncias exigissem. Cartas Constitutivas, Regulamentos Internos, Lojas e Oficinas permanentes e contribuições anuais são inovações puramente moderna de um período relativamente recente.

- X. O Governo da Fraternidade, quando congregada em Loja, por um Venerável e dois Vigilantes é um outro Landmark. Qualquer reunião de Maçons congregados sob qualquer outra direção, como, por exemplo, um presidente e dois vice-presidentes, não seria reconhecida como Loja. A presença de um Venerável e dois Vigilantes é tão essencial para a validade e legalidade de uma Loja que, no dia de sua consagração, é considerada como uma Carta Constitutiva.

- XI. A necessidade de estar uma Loja a coberto, quando reunida, é outro importante Landmark que não deve ser descurado. O cargo de Guarda do Templo, que vela para que o local da reunião seja absolutamente vedado à intromissão de profanos, independe, pois, de qualquer Regulamento ou Constituição.

- XII. O direito representativo de cada Irmão nas reuniões da Fraternidade, é outro Landmark. Nas reuniões gerais, outrora chamadas

“Assembleias Gerais”, todos os Irmãos, mesmo os Aprendizes, tinham o direito de tomar parte. Nas Grandes Lojas, hoje, só tem direito de assistência os Veneráveis e Vigilantes, na qualidade, porém, de representantes de todos os Irmãos das Lojas. Antigamente, cada Irmão se autorrepresentava. Hoje são representados pelas Luzes de sua Loja. Nem por motivo dessa concessão, feita em 1817, deixa de existir o direito de representação firmado por esse Landmark.

- XIII. O direito de recurso de cada maçom das decisões de sua Loja para a Grande Loja, ou Assembleia Geral dos Irmãos, é um Landmark essencial para a preservação da Justiça e para prevenir a opressão.

- XIV. O direito de todo maçom em visitar e tomar assento em qualquer Loja é um inquestionável Landmark da Ordem. É o consagrado “Direito de Visitação”, reconhecido e votado universalmente a todos os Irmãos que viajam pelo orbe terrestre. É a consequência do modo de encarar as Lojas como meras divisões da família maçônica.

- XV. Nenhum Irmão desconhecido dos Irmãos da Loja pode a ela ter acesso como visitante sem que primeiro seja examinado, conforme os antigos costumes, e como tal reconhecido. Esse exame somente pode

ser dispensado se o Irmão visitante for conhecido por algum Irmão da Loja, o qual por ele será responsável.

- XVI. Nenhuma Loja pode intrometer-se em assunto que diga respeito a outra, nem conferir graus a Irmãos de outros Quadros.

- XVII. Todo maçom está sujeito às leis e aos regulamentos da jurisdição maçônica em que residir, mesmo não sendo, aí, obreiro de qualquer Loja.

1 inafiliação constitui, por si própria, uma falta maçônica.

- XVIII. Por este Landmark, os candidatos à Iniciação devem ser isentos de defeitos ou mutilações, livres de nascimento e maiores. Uma mulher, um aleijado ou um escravo não podem ingressar na Fraternidade.

- XIX. A crença no Grande Arquiteto do Universo é um dos mais importantes Landmarks da Ordem. A negação dessa crença é impedimento absoluto e irremovível para a Iniciação.

- XX. Subsidiariamente à crença em um ENTE SUPREMO, é exigida, para a Iniciação, a crença numa vida futura.

XXI. Em Loja, é indispensável a presença, no Altar, de um LIVRO DA LEI, no qual supõe-se, conforme a crença, estar contida a vontade do Grande Arquiteto do Universo. Não cuidando a Maçonaria de intervir nas peculiaridades da fé religiosa dos seus membros, o “Livro da Lei” pode variar conforme o credo. Exige, por isso, esse Landmark que um “Livro da Lei” seja par indispensável das alfaías de uma Loja Maçônica.

XXII. Todos os maçons são absolutamente iguais dentro da Loja, sem distinção de prerrogativas profanas, de privilégios que a sociedade confere.

1 Maçonaria a todos níveis nas reuniões maçônicas.

XXIII. Este Landmark prescreve a conservação secreta dos conhecimentos havidos pela Iniciação, tanto os métodos de trabalho como suas lendas e tradições, que só devem ser comunicados a outros Irmãos.

XXIV. A fundação de uma ciência especulativa, segundo métodos operativos e uso do simbolismo e a explicação dos ditos métodos e dos termos neles empregados com o propósito de ensinamento moral, constitui outro Landmark. A preservação da Lenda do Templo de Salomão é outro fundamento deste Landmark.

XXV. O último Landmark é o que afirma a inalterabilidade dos anteriores, nada lhes podendo ser acrescentado ou retirado, nenhuma modificação podendo ser-lhes introduzida. Assim como de nossos antecessores os recebemos, assim os devemos transmitir aos nossos sucessores –

Nolumus est leges mutari.

A exclusão feminina começa a partir dos Landmarks, que por si só parecem contradizer parâmetros de tradições e sociedades secretas mais antigas. A primeira menção sobre a proibição aconteceu por meio de um texto assinado pelo presbítero escocês James Anderson (1679-1739), ele mesmo um maçom. E Anderson também resolveu focar sua atenção em escravos e deficientes físicos, proibindo suas participações na Maçonaria, conforme artigo 18 da Constituição datada de 1723.

Maçons diversos já se manifestaram como tendo suspeitas sobre quais seriam as reais intenções não apenas desta mas também da Constituição de 1738, ambas organizadas por Anderson. No entanto, foram essas duas versões as adaptadas e aceitas para a formação da base das leis adotadas pela, então, recémformada Primeira Grande Loja de Livres e Aceitos Maçons da Inglaterra.

Kinski afirma que Anderson adulterou as constituições para conseguir fazê-las atuar legalmente dentre os maçons. O presbítero teria alegado que quase todos os documentos relativos à Maçonaria haviam sido destruídos pelos reformadores, em 1717. Há quem afirme, inclusive, que Anderson não era maçom e que, portanto, não há por que seguir seus preceitos, já que até os maçons húngaros já admitem a mulher como colaboradoras. Assim, um presbítero (que hoje em dia seria um padre comum) teria tirado das mulheres um direito que seria normal a elas.

Esse sentimento também foi registrado por tradicionalistas. Sete anos depois da adoção da constituição de Anderson, em 1730, foi criado na França um movimento chamado de Maçonaria de Adoção, que era destinada às mulheres. Foram então fundadas a Ordem da Fidelidade, que tinha apenas quatro graus, e a Ordem dos Cavaleiros e Heroínas da Âncora e dos Cavaleiros e Ninfas da Rosa, sendo que esta última, embora não aceitasse mulheres, aceitavam suas presenças e as reconheciam.

Embora a proibição ainda estivesse em voga, outras sociedades secretas, algumas com mais e outras com menos ligação com a Maçonaria, continuaram a passar por cima dessa convenção. Por exemplo, duas dessas ordens eram a Ordem de Moisés (Alemanha, 1738) e a Ordem dos

Lenhadores (Itália, 1747). Nesta última, inclusive, há muitos elementos que vieram dos Carbonários (discutidos em detalhes em meu romance, *Sociedades Secretas*). Os lenhadores em questão se reuniam na chamada

Corte Florestal, eram conhecidos como “Pedreiros da Floresta” e seu GrãoMestre tinha o título de Pai-Mestre, com os membros (homens e mulheres) tratados como primos e primas. A História registra uma grande aceitação dessa ordem, principalmente entre as senhoras da França.

Outras ordens similares se seguiram, como a Ordem do Machado e a Ordem da Felicidade, que abriam as portas para as mulheres da sociedade e combatiam o exclusivismo masculino da Maçonaria Tradicional.

OUTRAS LOJAS

O interesse em recrutar mulheres para fazer parte de seus quadros de associados continuou em outras lojas, algumas tidas como espúrias (ou seja, não genuínas). O Grande Oriente da França, como já foi citado, criou em 1774 o Rito de Adoção, com regras que estabeleceriam o vínculo entre as Lojas de Adoção e as tradicionalistas, entre elas a imposição de que cada Loja de Adoção “estivesse sob o jugo de uma Loja Maçônica regularmente constituída, e que o Venerável desta última, ou seu deputado, fosse o oficial que presidisse acompanhado da presidente da Loja de Adoção”.

No ano seguinte, foi estabelecida em Paris uma Loja, chamada de Santo Antônio, que tinha como presidente a Duquesa de Bourbon, que também assumiu como Grã-Mestra do novo rito. Outras duas Lojas, Candura e Nove Irmãs, foram fundadas no mesmo esquema. Três anos depois surge uma nova Loja, a Estrela do Oriente. Nessa época, o Rito de Adoção era composto por apenas quatro graus: Aprendiz, Companheira, Mestra e Perfeita Mestra.

Pouco tempo antes, em 1786, um iniciado na Maçonaria tradicionalista, o famoso Conde de Cagliostro (para mais informações, consulte o livro *Sociedades Secretas*) funda a loja chamada Maçonaria Egípcia, para homens e mulheres. Ele próprio defendia a entrada das mulheres porque, segundo ele, elas eram admitidas normalmente nos antigos mistérios e, portanto, não havia um motivo especial para mantê-las à parte.

Com a rápida expansão que a Ordem de Moisés obteve pela Prússia, o rei Frederico I (1657-1713) viu-se obrigado a adotar o grupo sob sua proteção, pois queria com isto mantê-las sob segurança. A Ordem cresceu e chegou à França, onde adotou a forma de Maçonaria de Adoção.

Há mulheres que ajudaram na evolução da Maçonaria Feminina (e por tabela, da Mista) e outras que atrapalharam. Entre as que ajudaram está uma senhora chamada Beaton que, de acordo com relatos orais, escondeuse no forro de madeira de uma loja de Norfolk, na Inglaterra, e observou os rituais de um buraco no teto. Foi descoberta, mas os maçons terminaram por iniciá-la. Ela, em compensação, guardou segredo das atividades maçônicas até sua morte, em 1802.

Entre as que atrapalharam estava a arquiduquesa Maria Tereza da Áustria (1717-1780) que, em 1764, proibiu a Ordem de funcionar em seus domínios depois de ter sido impedida de participar dos rituais secretos. E ao que parece a Rainha Elizabeth I da Inglaterra (1533-1603) também teria agido contra a Maçonaria pela mesma razão que Maria Tereza.

Após a Revolução Francesa, os aventais femininos foram novamente postos no limbo. Isso teria continuado até o final do século XIX, quando Marie Deraisme, uma escritora, jornalista e feminista francesa, foi iniciada, em janeiro de 1892, na loja Les Libres Penseur, em Pec, na Normandia. No mesmo dia recebeu os graus de Companheira e Mestra. O fato desagradou a Grande Loja da França que optou por expulsar não apenas a Loja como seu Venerável Mestre. Assim, o maçom George Martin, um senador republicano que trabalhava em prol da admissão das mulheres na Maçonaria, persuadiu o Mestre expulso a se juntar a Marie e fundar a primeira escola de obediência oficial, com o nome de a Grande Loja Simbólica Escocesa Mista “O Direito Humano”.

A nova loja espalhou suas ideias por outros países, como Suécia,

Inglaterra, Holanda, Itália e Argentina, vindo parar no Brasil em 1919, onde recebeu o nome de Ísis.

A Maçonaria Mista ainda precisa de muita experiência para obter um grau de desenvolvimento satisfatório, mas, a julgar pelo tamanho de repercussão de suas ideias e pela grande quantidade de maçons homens que começam nas Lojas Tradicionalistas e as largam para se transferirem para as mistas, o primeiro passo da jornada já foi dado.

CAPÍTULO 7

AS LOJAS MISTAS

Uma consulta a qualquer livro de autoria de maçons tradicionalistas revelará que a maioria deles tem conhecimento da existência das Maçonarias Mista e Feminina. A diferença é que insistem em dizer que estas não são legalmente reconhecidas, que são espúrias, entre outras desculpas. Mas muitos deles não perdem tempo e até reconhecem essas vertentes, que têm um nome próprio para eles.

A Comaçonaria, como é referida nos livros tradicionalistas, é também chamada de Ordem Mista Internacional “O Direito Humano” (*Le Droit Humain*). É citada no *Dicionário de Maçonaria* escrito por Joaquim Gervásio de Figueiredo, ele próprio um maçom de 33º grau. Lá, sabemos que essa ordem, composta por 33 graus, distingue-se “do resto do mundo maçônico”, segundo sua descrição, pela admissão de mulheres em nível de igualdade dos homens.

Sua sucessão deriva dos Grandes Inspetores Gerais do 33º grau que, segundo Figueiredo, vem “de certos membros pertencentes ao Supremo Conselho da França”, e por sua vez foi fundado pelo Conde de Grasse-Titty em 1804, seguidor do Rito Escocês Antigo e Aceito.

Por volta do ano 1880, um grupo de Lojas Simbólicas, que estava sob sua direção, fundou a Grande Loja mais conhecida como A Grande Loja Simbólica Escocesa da França (La Grande Loge Symbolique Ecossais de

France). Esse novo organismo tinha por objetivo controlar apenas as Lojas Simbólicas, independentemente do controle do Governo Supremo. Muitas dessas Lojas tinham ideias progressistas, inclusive a de liberar a frequência para as mulheres. Em 1882, a loja Os Livres Pensadores (Les Libres Penseurs) iniciou Marie Deraismes, cujo caso foi citado no capítulo anterior. Foi a partir desse episódio que a fundação da Comaçonaria aconteceu, já que as lojas envolvidas estavam em grandes dificuldades graças às pressões externas que sofriam do mundo maçônico.

Portanto, essas Lojas e seu corpo governante, juntamente com a Grande Loja, foram absorvidas na Grande Loja da França, que era uma Obediência recém-formada pelas demais Lojas Simbólicas seguidoras do REAA e ainda existente. Em 1893, Marie, com a ajuda do doutor George Martin, fundou a então Grande Loja O Direito Humano, que mais tarde foi ampliada e transformada num Supremo Conselho Internacional. Hoje, essa Grande Loja está estabelecida em vários países, onde mantém Federações de Lojas que possuem seu próprio governo, todas sob a jurisdição do mesmo Supremo Conselho Internacional.

Entre os países que abrigam a Comaçonaria estão África do Sul,

Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Bulgária, Burkina

Faso, Canadá, Chile, Chipre, Colômbia, Congo Brazzaville, Costa do Marfim,

Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Estônia, Finlândia, França, Grécia,

Guiné Equatorial, Holanda, Ilha Maurício, Islândia, Itália, Israel,

Luxemburgo, Mali, Madagascar, México, Noruega, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, República Checa, Reino Unido, Romênia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Uruguai e Venezuela.

Na Inglaterra, a primeira Loja desse tipo foi fundada em 1902, em

Londres, com o nome de Responsabilidade Humana (Human Duty). No

Brasil, a primeira foi instalada em 1919, no Rio de Janeiro, com o nome Ísis, que hoje conta com uma Federação de Lojas, Capítulos e Aerópagos (Lojas que atribuem os graus do 19º ao 30º no REAA) em diversos estados. A seguir está a reprodução da Declaração de Direitos:

Artigo 1 – A Ordem da Comaçonaria Internacional “Le Droit Humain” afirma a igualdade essencial dos dois seres humanos, o Homem e a Mulher. Ao proclamar “Le Droit Humain” (“O Direito Humano”), a Ordem deseja que em todo o orbe venham eles a gozar de maneira igual a justiça social, numa Humanidade organizada em Sociedades livres e fraternais.

Artigo 2 – Composta de Franco-maçons de ambos os sexos, fraternalmente unidos, sem distinção de raças, de religiões, de filosofias, a Ordem prescreve, para atingir o seu objetivo, um método ritualístico e simbólico, por meio do qual seus membros edificam seu Templo à perfeição e à glória da Humanidade.

Artigo 3 – Seus membros, respeitando todas as crenças relativas à eternidade ou não eternidade da vida espiritual, visam sobretudo realizar na terra e para todos os seres humanos, o máximo do desenvolvimento moral e intelectual, condição primária da felicidade que a todo indivíduo é possível atingir numa Humanidade fraternalmente organizada.

Artigo 4 – A Ordem da Comaçonaria Internacional “Le Droit Humain” não professa nenhum dogma. Seu propósito é a busca da Verdade. Eis porque, em suas Lojas, as discussões ou debates atinentes a questão sociais ou religiosas não poderão, em nenhum caso, ter outra finalidade senão a de esclarecer os membros e lhes possibilitar cumprir, com melhor conhecimento de causa, seus deveres de Franco-maçons.

Artigo 5 – Os princípios e métodos de trabalho adotados pela Ordem da

Comaçonaria Internacional “Le Droit Humain” são os das Grandes Constituições Escocesas de 1786 Era Vulgar, revistas pela Convenção dos nove Supremos Conselhos de países diferentes do globo que foram representados no Zênite da Lausana, Suíça, em 22 de setembro de 1875 Era Vulgar. A Constituição, rituais, telhador geral e regulamentos gerais do 1º ao 33º grau incluso, adotados pela Convenção Internacional de 9 a 15 de agosto de 1920 Era Vulgar, foram adaptados ao trabalho das Lojas mistas de todos os graus simbólicos e administrativos da Ordem.

Artigo 6 – Podem ser autorizadas pelo Supremo Conselho Lojas dos diversos graus praticados pelas Maçonarias nacionais, cujos rituais deverão ser adaptados ao trabalho das Lojas Comaçônicas.

Artigo 7 – As Lojas da Ordem da Comaçonaria Internacional “Le Droit Humain” trabalham “À Perfeição da Humanidade”, ou “À Glória do Grande Arquiteto do Universo”.

INICIAÇÃO E TRABALHO MAÇÔNICO

Uma das primeiras dúvidas que surgem na cabeça dos interessados, sejam eles homens ou mulheres, é entender as diferenças entre a metodologia de uma Maçonaria Mista e uma Tradicional. Vamos analisar adiante o que se sabe sobre a iniciação numa Comaçonaria.

É de conhecimento geral que a Franco-Maçonaria, de um modo geral, admite aqueles que buscam se aperfeiçoar. Portanto, o objetivo maior não é criar uma elite de intelectuais, mas sim contribuir para que pessoas de ambos os sexos possam se aperfeiçoar individualmente. De acordo com vários textos básicos da Maçonaria Mista, o pedido de ingresso por escrito pode ser apresentado por qualquer um que não seja iniciado, enviando uma carta diretamente ao Presidente de uma loja escolhida ou para a Sede da Ordem Mista, que hoje está em Paris e no Brasil. Esse procedimento é suficiente para colocar temerosos os tradicionalistas, pois termina com o caráter elitista que dita que apenas aqueles que são convidados por maçons podem entrar.

Apesar dessa diferença, o processo de avaliação de um possível membro permanece o mesmo: ele (ou ela) será examinado(a) e, depois de um tempo, receberá a aprovação, a recusa ou o adiamento da decisão.

Caso o candidato seja aceito, passará pela Iniciação, que adota um ritual específico e característico de cada Loja e seu Rito. Segundo Figueiredo:

Em nossos dias, porém, o candidato passa apenas por diversas cerimônias simbólicas, sem sentido para a maioria, e maçonicamente fica iniciado na categoria solar de Hirão Abiff, o “filho da viúva”.

Após passar por essa cerimônia, o(a) candidato(a) se torna um(a) aprendiz. Começa então uma disciplina que entra em contato com certos ensinamentos dos quais deverá extrair o máximo de seu aprendizado. Esses rituais não possuem gurus ou qualquer tipo de adoração pessoal, mas fazem que o(a) novo(a) maçom busque sempre a Verdade. Segundo texto próprio:

A Ordem Maçônica Mista Internacional “Le Droit Humain” exige de seus membros um respeito mútuo. Empenhado numa jornada que é, ao mesmo tempo pessoal e coletiva, o Aprendiz progredirá ao longo do caminho iniciático e poderá ascender aos diferentes graus conferidos pela Ordem.

Como na Maçonaria Tradicional, o trabalho maçônico acontece em reuniões nas Lojas, mais precisamente no Templo. Todo trabalho se desenvolve de acordo com um método ritualístico e simbólico com raízes na tradição Maçônica Universal. Durante tais reuniões, os(as) maçons se integram num contexto que os afasta da agitação do mundo exterior. É permitido que cada membro se expresse com calma, franqueza, total liberdade e com a mais completa confiança, após pedir a palavra. Os Aprendizes, no caso, estão sujeitos a uma Lei do Silêncio, que equivale a um período de reflexão.

A Maçonaria Mista também possui trabalhos em federações. Nestas, os membros participam de estudos de questões anuais, sociais e simbólicas, cujos resultados obtidos podem ser divulgados mundialmente. Todas as Lojas são, em dado momento, convidadas a estudar questões internacionais, cujos resultados são apresentados em Convenções Internacionais.

Um aspecto que é cobrado dos(as) maçons é a frequência com que comparecem aos trabalhos, já que é dada uma grande importância às experiências que são compartilhadas nas Lojas e nos Templos. Segundo os próprios maçons mistos:

Ninguém pode se tornar um “Maçom” no sentido mais amplo do termo, se ele não é assíduo. De fato, é em Loja, por reflexão, troca de ideia e participação nas reuniões, que alguém se torna um Maçom. Todo ser humano, independente de suas origens ou nível de instrução, é capaz de trabalhar sobre si mesmo, de buscar e de refletir. Como diz o aforismo de Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo”.

Assim, o progresso de um(a) maçom é medido não apenas num desenvolvimento intelectual, mas também por meio de intuição, imaginação, criação e emoções utilizadas, todos componentes do processo filosófico do ser humano.

REQUISITOS PARA SE TORNAR UM MAÇOM MISTO

De acordo com a página oficial na internet da Ordem Maçônica Mista Internacional “Le Droit Humain” são cinco os requisitos necessários para se entrar na Ordem:

Requisito 1 – De acordo com a Constituição Internacional “Le Droit Humain”, o candidato deve ter, no mínimo, 18 anos completos. *Requisito 2* – O candidato deve ter uma certa independência financeira. A Ordem Maçônica Mista Internacional “Le Droit Humain”, como toda e qualquer instituição similar, vive da contribuição de seus membros ativos. Para tal, taxas e emolumentos são cobrados dos seus membros ao longo de sua vida maçônica, a fim de cobrir despesas inerentes ao funcionamento da instituição, tais como pessoal, serviços públicos, papelaria, cópias, aluguel, condomínio, entre outros.

Requisito 3 – O candidato deve se comprometer a frequentar assídua e regularmente as reuniões ritualísticas de sua Loja. Para tal, ele deve morar ou trabalhar na cidade onde existam Lojas de “Le Droit Humain”, ou então, a uma distância tal que lhe permita não faltar às reuniões. Isso é extremamente importante, pois seu progresso na Ordem também depende de sua frequência, considerando que ela não tem qualquer tipo de ensinamento por correspondência, pois toda instrução é ministrada exclusivamente no âmbito da Loja. *Requisito 4* – Caso se interesse em ingressar na Ordem, deve consultar a Tabela das Lojas Simbólicas disponíveis, com os nomes das cidades onde se localizam, bem como os dias e os horários das reuniões. Veja então se em sua cidade existe alguma Loja onde você possa pedir seu ingresso. Em cidades com mais de uma Loja, escolha aquela cujo dia e horário melhor atenda a seus interesses. Lembre-se sempre que a frequência às reuniões é fundamental e imprescindível para seu progresso na Ordem.

Requisito 5 – Após ler atentamente os formulários disponíveis na página oficial da Ordem, envie-os pela internet. Não se esqueça de informar o dia e a Loja escolhida, bem como se realmente assume o compromisso de ser assíduo e frequente em sua Loja.

PARTICULARIDADES

Pelo que se lê nos textos oficiais da “Le Droit Humain”, a Ordem foi criada pela vontade de um conjunto de homens e mulheres visionários que, com o espírito da integração entre os sexos, resolveram fundar uma versão da Maçonaria que fosse diferente de suas raízes tradicionalista, ou seja, que pudesse ser adaptada para admitir qualquer pessoa independentemente não apenas do sexo, mas também da nacionalidade, religião ou etnia, “dentro dos seres humanos adultos, na condição única de serem livres e de bons costumes, e respeitarem os Princípios da Liberdade Igualdade e Fraternidade para além princípios e valores estabelecidos na Constituição Internacional e nos Regulamentos Gerais”.

Isso levou a Ordem a gerar uma série de particularidades para estabelecer sua própria identidade. Para os membros da Maçonaria Mista, há lugar para todos os maçons, sejam eles masculinos, femininos, mistos, nacionais ou internacionais. Há três princípios que a distingue dos demais órgãos tradicionalistas: é uma Obediência constituída por uma sociedade mista; possui caráter internacional; e, por fim, possui uma continuidade iniciática.

Assim, para a Comaçonaria, é importante sempre lembrar a condição de igualdade entre homens e mulheres, considerada uma condição incontestável para a evolução de toda sociedade progressista e uma garantia de estabilidade e desenvolvimento harmonioso para as gerações seguintes. Nela, todos trabalham juntos, “em pé de igualdade material e espiritual”.

Também sempre é lembrado por seus membros que seu caráter internacional é irrestrito, ou seja, não há nenhum tipo de distinção de nacionalidades, origens étnicas, religiões ou culturas. Os maçons que seguem a “Le Droit Humain” buscam o mesmo ideal e possuem por objetivo a procura de “pontos de convergência de ideias e de ações, sob o signo da Universalidade”.

Por isso, o progresso humano, segundo o ponto de vista de seus adeptos, não é possível a menos que seja compartilhado da mesma maneira por todos. A própria Comaçonaria encara seus membros como cidadãos mundiais que participam da construção de uma grande obra. A página oficial da Ordem vai mais longe e explica:

A Ordem Maçônica Mista Internacional “Le Droit Humain” está atenta e sensível aos grandes problemas da sociedade, tornando sua posição conhecida nos grandes temas como tolerância, fundamentalismo, responsabilidade pessoal ou a liberdade de consciência, etc. Pretende, principalmente, dedicar-se mais particularmente na ajuda internacional à infância. No lado político, a Ordem não tem nenhuma posição oficial. Seus membros são completamente livres na sua escolha. Porém, não se admite que ninguém defenda ideologias intolerantes ou discriminatórias.

Os maçons mistos também encaram as etapas do caminho iniciático (ou seja, os graus maçônicos) como algo especial e específico para seus frequentadores. Um de seus princípios específicos é a continuidade da chamada totalidade da escala iniciática, ou seja, ir do 1º ao 33º grau dentro do Rito Escocês Antigo e Aceito. A finalidade, aqui, é reunir num mesmo lugar (ou seja, nas Lojas) tudo que difunde e favorece o aperfeiçoamento humano. Para esses maçons, o desafio é construir um templo simbólico e concreto “onde os membros sejam tanto os construtores quanto os materiais utilizados nesta construção”. Dessa maneira, cada pedra deverá manter sua individualidade e fará parte do edifício como um todo.

Outra particularidade muito difundida pela Ordem é a laicidade (ou seja, o laicismo, uma doutrina filosófica que defende e promove a separação do Estado das igrejas e comunidades religiosas, assim como a neutralidade do Estado no que concerne à religião). Façamos um pouco sobre esse assunto. A definição seguinte foi retirada de documentos maçônicos antigos e reflete o pensamento da Ordem sobre o assunto:

A “Laicidade” designa o princípio de separação do poder político e administrativo do Estado, do poder religioso. A palavra “laica” designa as pessoas ou instituições que respeitam esse princípio. Implica em um ensinamento onde não se aborda, do ponto de vista da fé, qualquer formação religiosa. Por outro lado, o ensinamento das religiões não é incompatível com a “Laicidade”, tanto que “usos e costumes” presentes em cada religião são descritos, do ponto de vista exterior, nas cadeiras dos cursos de história e geografia. “Laicidade” no Estado é um conceito estreitamente ligado à liberdade de expressão e de opinião. Se é permitido a cada um praticar a religião de sua escolha, ou de não praticar nenhuma, esta prática não deve ir contra os princípios fundamentais da “Declaração dos Direitos dos Homens”. Isso quer dizer que ela não tem o direito de impedir a prática de outras religiões ou obrigar a quem quer que seja a aderir a essa prática, nem de afrontar a vida de quem quer que seja. Segundo esse princípio, a crença religiosa exterioriza a intimidade de um indivíduo. As convicções religiosas, ou ausência de convicção, de cada um, que se faz necessário distinguir das opções espirituais ou metafísicas teístas mais ou menos independentes das religiões, são então voluntariamente ignoradas pela administração do Estado, o que faz com que o Estado veja o cidadão acima de sua condição de muçulmano, judeu, católico, budista, entre outros.

Portanto, é importante não apenas respeitar as crenças relativas à eternidade da vida espiritual (mesmo para aqueles que não acreditam nesse assunto), como também os maçons da Ordem deverão realizar o máximo de desenvolvimento moral, intelectual e espiritual. Essa é a “condição primeira da felicidade possível a cada indivíduo alcançar em uma Humanidade fraternalmente organizada”.

criação de uma loja mista

Para criar uma Loja ligada à Comaçonaria, é necessário seguir uma série de procedimentos, conforme os destacados a seguir segundo diretrizes da “Le Droit Humain”:

1. Para a criação é imprescindível que existam, pelo menos, dez Mestres Maçons, entre homens e mulheres, que estejam realmente interessados em abrir uma Loja. Isso irá requerer de todos dedicação à Loja, por meio da presença constante e do apoio financeiro para fazer face às despesas decorrentes do seu funcionamento. Sabemos que são necessários sete Mestres Maçons para se fundar uma Loja, temos, porém, que ter uma garantia reserva para o caso de algum candidato desistir da empreitada antes da fundação.
2. Quando se tratar de não maçons, o critério seletivo na escolha de candidatos e candidatas seguirá algumas orientações específicas da Ordem. Esses candidatos, em número mínimo de dez, entre homens e mulheres, não importando profissão ou atividade que exerçam, desde que dentro da lei, serão orientados quanto aos procedimentos para a fundação da Loja.
3. É desejável que haja um espaço para a instalação do Templo, com no mínimo oito metros de comprimento e quatro metros de largura, além da infraestrutura necessária ao funcionamento da Loja, estrutura essa composta de mobiliário, equipamentos diversos, bem como materiais gerais e maçônicos específicos. Um espaço menor também é possível, entretanto, haverá um certo desconforto para os membros, além de fazer que certas cerimônias fiquem um pouco prejudicadas.
4. Quanto aos dias das reuniões, os membros decidirão quais os melhores para todos. É obrigatório que haja, no mínimo, uma reunião por mês, sendo aconselhável que se reúnam todas as semanas. Uma vez ao ano, em geral em janeiro ou fevereiro, a Loja poderá entrar em recesso.
5. Outra obrigatoriedade é uma mensalidade à Loja. Seu valor deverá ser estipulado também pelos membros.
6. Cada membro deve pagar à Federação Brasileira “Le Droit Humain”, uma anuidade, que é cobrada em duas parcelas, sendo a primeira até o dia 31 janeiro e a segunda até 31 de julho. Essa anuidade é obrigatória e torna o membro regular na Ordem.
7. Haverá também pagamento de emolumentos (despesas adicionais) por ocasião da Iniciação e das mudanças de grau.
8. A Ordem sabe que nem sempre é possível para as pessoas se deslocarem de suas cidades até o Rio de Janeiro (onde fica a sede nacional) e se iniciarem aqui. Seria bastante desejável que isso acontecesse, para que todos tivessem oportunidade de ver as instalações da Federação e receber a Iniciação no Templo central. Em situações de excepcionalidade, é possível o deslocamento de membros da Ordem para as cidades onde o grupo deseja fundar uma Loja, isso, porém, também requer a existência uma Loja Maçônica da Obediência no local, para as cerimônias. Caso os futuros membros já tenham providenciado a instalação de uma Loja, as Iniciações poderão ser feitas no futuro Templo maçônico.
9. É importante mencionar que na Ordem os membros têm um objetivo principal, o de “desbastar sua pedra bruta”. Isso quer dizer que todos são pessoas normais que procuram, dentro das possibilidades, melhorar o ser interior por meio, principalmente, da Fraternidade, Moral, Ética e Bons costumes.
10. Pessoas que jamais tiveram conhecimento de como funciona uma Ordem maçônica podem ter dificuldades em gerir uma Loja.
11. A Obediência não faz objeção em receber Irmãos de outras Obediências Regulares em seu meio e mesmo afiliá-los à Ordem, desde que sejam reconhecidas pelo Supremo Conselho.

CAPÍTULO 8

GRANDE LOJA MAÇÔNICA MISTA

O grande fator que atrapalha a escrita de livros como este, principalmente para quem não é iniciado na Maçonaria (seja ela

Tradicional, Mista ou de qualquer outra vertente), é ler os textos que falam sobre suas Lojas ou Grandes Lojas. Por uma questão de administração ou mesmo de costume, esses textos sempre vêm acompanhados de detalhes administrativos que chegam a entediar o leitor. Afinal, quem é que se interessa por detalhes como, por exemplo, os nomes de todos os componentes do quadro administrativo da Loja em determinado momento histórico? A menos que os membros tenham seu próprio valor histórico, só teremos em mãos uma lista de nomes que, por vezes, não acrescenta nenhum conhecimento.

Por isso, o trabalho de um pesquisador está justamente em separar o joio do trigo para apresentar aos leitores dados concretos que o ajudarão a entender o assunto. Com a história da Grande Loja Maçônica Mista não foi diferente. O órgão máximo que ajuda na regulamentação da Maçonaria Mista tem dados esparsos e espalhados por diversos lugares que faz que sejamos verdadeiros detetives para entender como ela surgiu e as respectivas nuances que levaram ao seu surgimento.

Falamos anteriormente que a primeira Loja Maçônica Mista no país foi fundada no Rio de Janeiro, em 1919, e teve o nome de Loja Maçônica Ísis. Enquanto a Comaçonaria se instalava naquele estado, em São Paulo, um maçom pertencente ao Grande Oriente do Brasil, chamado Alfredo Cabral, era simpatizante do movimento da “Franco-Maçonaria Mista”. Ele ocupava o cargo de Grande Inspetor Geral e sabia que tal movimento tinha campo livre para se desenvolver em outros lugares, como na Europa e na América, claro, nos Estados Unidos e nas nações da América Central.

Esse movimento trazia em seu âmago um pensamento democrático que mantinha a noção de igualdade, e justamente por isso não compreendia a verdadeira razão pela qual vinha sendo proibida a entrada das mulheres na Maçonaria. Dessa forma, ele se uniu com alguns outros maçons simpáticos à causa e fundou A Sereníssima Grande Loja Simbólica da FrancoMaçonaria Mista do Estado de São Paulo, na data exata de 24 de maio de 1968.

Alguns detalhes administrativos valem a pena serem citados. Essa Loja foi registrada em cartório (número 6984) e sua sede foi estabelecida na Rua Capitão Gonçalo Monteiro, número 109, no bairro da Barra Funda, na capital. Suas atividades começaram com a reunião de três Lojas Simbólicas

Mistas, chamadas Alétheia (representada pelo Venerável José

Hermenegildo Graciano Vieira da Luz), Hiram Abif (representada por Jacob Fonseca dos Santos) e Acácia (representada por Ofélia Martins de Araújo Cabral).

Alfredo Cabral foi nomeado Grão-Mestre do novo organismo e atuou de 1968 até 1983, vindo a falecer pouco depois. Seu nome é lembrado até hoje pela eficácia de sua administração que conseguiu reunir, sob sua liderança, Lojas da região de São Paulo capital, Porto Alegre, Bauru, Peruíbe e Paranaguá.

Um texto oficial da Maçonaria Mista fala sobre os objetivos do Colégio dos Veneráveis da Primeira Zona Administrativa dessa Obediência Maçônica com sede em Bauru, criado durante sua administração com a finalidade de “zelar pela pureza das normas litúrgicas e ritualísticas a serem observadas nas Lojas da Obediência”. Lá lemos o seguinte:

Estimular por todos os meios admissíveis, a união, a fraternidade e a solidariedade que deva existir não só entre os obreiros das Lojas sob a sua direção, como, também, e principalmente, entre as Lojas, a fim de que a harmonia e amizade franca e leal reine na Instituição.

Outras lojas foram criadas e gerenciadas sob sua administração, como A Loja de Dispensação no Oriente de Taquaritinga, Estado de São Paulo (em 1981), a Loja de Dispensação no Oriente de Curitiba (no mesmo ano) e uma Loja Mista no Rio Grande do Sul (em 1982), entre outras.

Após a morte de Alfredo Cabral, as Lojas entraram em estado irregular e como a maioria das que ainda se mantinham em funcionamento estava concentrada na região de Bauru, houve um acordo para mudarem a sede de local. Mais de dois anos se passaram e os obreiros encontravam-se dispersos por falta de um local apropriado para

suas reuniões. Em jargão maçônico, as Lojas estavam de “colunas abatidas”. Foi quando dois maçons, de nomes Fauaz e Cordélia, foram orientados pela senhora Ofélia Martins de Araújo Cabral, grau 30, que era Secretária Geral das Relações Interiores e segunda autoridade na Ordem Mista, para que transferissem a sede.

UM NOVO COMEÇO

Em fevereiro de 1984, aconteceu, em Bauru, uma reunião com representantes das Lojas Mistas Regulares Igualdade nº 7 Jaime Bichusky, Liberdade nº 13, Humildade e Justiça nº 14, Universitários nº 15 e Fraternidade nº 16 sob a presidência de Miguel Pires Roxo para oficializar a transferência da sede, que se estabeleceu na Rua Aviador Gomes Ribeiro, 16-28. O novo Grão-Mestre foi o maçom Fauaz Abdala, que a liderou de abril de 1984 a junho de 1991. Nessa última data, foi escolhido o sucessor de Abdala, Alfio Sampieri, ocasião em que foi empossada uma nova diretoria. Sampieri permaneceu de junho de 1991 a agosto de 1993. Depois disso, Fauaz Abdalla voltou por um breve período, de agosto de 1993 a agosto de 1994, cedendo o lugar para Walson Antonio Gardeli, que ocupou o cargo de Grão-Mestre de 1994 a 1995, sucedido por Victor de Castro Neves, que assumiu em 1995.

Começa, dessa forma, uma nova fase para a Maçonaria Mista. Dois anos depois, é votada e aprovada a prorrogação do mandato de Castro Neves em mais 12 meses e a Loja deixa de lado a denominação Sereníssima Grande Loja Simbólica da Franco-Maçonaria Mista do Estado de São Paulo para assumir a identidade de Grande Loja Maçônica Mista do Brasil, e sua sede é novamente transferida de Bauru para São Paulo, capital, na Rua Professora Lygia de Azevedo Sá, nº 42.

Em 2001, durante reunião na cidade de Istambul, na Turquia, a Grande Loja Maçônica é admitida como membro do CLIPSAS (Centro de Ligação e de Informação das Potências Signatárias do Apelo de Estrasburgo), uma organização internacional da Maçonaria Liberal que reúne organismos de vários países. Castro Neves cumpriu seu mandato de Grão-Mestre até 2007. A respeito da ligação com outros órgãos internacionais, ele declarou:

Nossa potência será paradigma para outras potências existentes dentro e fora do país. Cada um de nós tem de dar sua parcela e a cada dia, nossa potência torna-se mais reconhecida e respeitada. O material se conquista, mas o espiritual tem que se burilar e é essa nossa função como mestres.

INFORMAÇÕES

A melhor fonte para se entender a filosofia da Grande Loja Maçônica Mista do Brasil é mesmo seu *site* oficial. Lá, é possível ver as informações que nos levam a entender melhor a filosofia mista e as variações da Maçonaria Tradicional para este tipo.

Começamos pela maneira como eles próprios se veem. Diz-se que a Ordem Maçônica (como um conceito geral) é uma associação de pessoas que se consideram irmãs e cujo fim é “viver em perfeita igualdade, intimamente ligados por laços de recíproca estima, confiança e amizade, estimulando-se umas às outras, na prática das virtudes”. Esse ponto é duramente atacado pelos maçons mais tradicionais, já que a Maçonaria Mista chega a usar a internet para recrutar adeptos, o que, segundo os tradicionalistas, poderia levar facilmente a julgar erroneamente o caráter pessoal e colocar uma pessoa que não merece ser maçom no meio da Ordem.

O fato é que é muito mais fácil encontrar pessoas que afirmam terem sido convidadas a se juntar à Maçonaria Mista que encontrar convidados pelos tradicionalistas. Para muitos pesquisadores, este é um sério indicador de que a Maçonaria Tradicional está perdendo cada vez mais adeptos por não se adaptar aos tempos modernos, o que faz que seus componentes realizem um verdadeiro êxodo das Lojas Tradicionais para as Mistas.

Continuando a verificar as informações da Grande Loja Maçônica Mista, vemos que a Ordem define a Maçonaria, em geral, como um sistema moral, velado por alegorias e ilustrado por símbolos. Diz o texto:

É essencialmente filosófica, filantrópica, educativa e progressista. Proclama a superioridade do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade por meio da prática desinteressada da beneficência e da investigação da verdade.

Para a Comaçonaria, sua Ordem condena a exploração humana, bem como privilégios e regalias, ressalta, porém, e enobrece o mérito da inteligência e da virtude, bem como o valor que é demonstrado em questões mais amplas, como a “prestação de serviços à Ordem, à Pátria, à Família e à Humanidade”. Para eles, a Maçonaria é, também, uma associação de ideais autênticos compostos pelas ações de pessoas de boa vontade, bem-intencionadas na prática do bem.

Essas definições, aparentemente tão complementares entre si, vêm demonstrar um conceito que a Maçonaria Mista gosta de deixar claro a todos que a frequentam: que a Ordem Maçônica sempre foi resultado de uma União Consciente de pessoas consideradas “desinteressadas, generosas e devotas”. E é justamente o conceito de

fraternidade que as une.

Isso faz que encaremos a Maçonaria em geral, não apenas a Comaçonaria, como um sistema que vai muito além do âmbito moral e que também invade as áreas da Filosofia Social e Espiritual. Tudo é revelado por meio de símbolos que guiam os iniciados na “prática e no aperfeiçoamento dos mais elevados deveres que o direito de cidadania lhes confere”. Esse é um ponto que parece passar despercebido quando se fala sobre Maçonaria de uma maneira genérica, pois o sigilo, os apertos de mão e palavras de passe parecem dar um caráter mais esotérico para aqueles que não conhecem direito a Ordem, que eles se esquecem que os maçons são os que mais prezam e preservam o sentimento de nacionalismo e valorização da cidadania de que se tem notícia.

Sobre o assunto, diz a página oficial da Grande Loja Maçônica Mista do Brasil:

Praticando o Bem, na medida de suas forças, sobre o plano físico e moral, a Maçonaria Mista reúne todas as pessoas, como Irmãs, sem distinção de sexo, crença ou condição social. Não impõe nenhum limite a livre investigação da verdade, e é para garantir a todos essa liberdade que exige de todos a maior Tolerância. Repudia com todas as suas forças a desonestidade, a supressão da Liberdade, o vício e a irresponsabilidade.

O caráter sem fronteiras, citado nos capítulos anteriores quando falamos sobre a Loja “Les Droit Humain”, aparece aqui novamente, posto que a Maçonaria Mista é aberta a homens e mulheres de todas as classes sociais, raças, crenças religiosas (não fanáticas, claro) e filosofias políticas (desde que respeitem os direitos humanos). No entanto, durante suas reuniões, é terminantemente proibida qualquer discussão sobre materiais políticopartidários ou religiosos de qualquer tipo.

As Lojas Mistas devem incentivar os seguintes tópicos:

- o amor e o respeito entre homens e mulheres, bem como o cumprimento do Dever, a elevação da Moral e da Virtude;

- a luta contra a ignorância, a superstição, a tirania e o fanatismo em todas as suas modalidades;

- obediência às leis nacionais e vivência de acordo com os ditames da Honra, prática da Justiça e amor ao próximo;

- trabalho incessantemente pela felicidade do gênero humano e obtenção da emancipação pessoal de cada membro; a declaração e constante lembrança de que homens e mulheres são livres e iguais em direitos para que sejam respeitadas as convicções e as dignidades inerentes a cada um; reconhecimento do trabalho como dever social. Este, para os adeptos, é uma atividade dignificante e nobre sob qualquer uma de suas formas (manual, intelectual, técnico ou artístico);

- para aqueles que afirmam que a religião é o “supremo consolo”, a Maçonaria Mista acrescenta que cada um deve cultivar sem cessar sua própria religião de acordo com as aspirações de sua consciência. “A Maçonaria não é religião, não tem culto; quer a instrução leiga; sua doutrina condensa-se nesta máxima: Ama o teu próximo”; o verdadeiro maçom, seja ele do ramo tradicional ou misto, deve praticar o bem acima de tudo e levar socorro àqueles menos afortunados, sejam eles quem forem, de acordo com suas possibilidades;

- o maçom (de maneira geral) considera como irmãos todos os maçons; os ensinamentos maçônicos levam seus adeptos a dedicarem-se à felicidade de seus semelhantes pelo simples sentimento de solidariedade;

- a Maçonaria (de maneira geral) é o progresso contínuo por ensinamentos em uma série de graus que visa, por meio de iniciações sucessivas, incutir nas pessoas a luz espiritual que afugenta os baixos sentimentos de materialidade e de mundanismo e que as tornam dignas de si mesmas, da família, da pátria e da humanidade.

Vejamos agora um texto retirado do [site Universia.net](http://Universia.net) a respeito de um estudo feito por Patrícia Inês Garcia de Souza sobre as transformações da Maçonaria em Belém do Pará:

A presente tese investiga as transformações da maçonaria na cidade de Belém do Pará, dando ênfase aos aspectos relacionados à religiosidade. Para tanto, faz um levantamento histórico dos embates da instituição na cidade e de sua presença, relevando também a forma como se deu a constituição de um campo maçônico. Em seguida, para comprovar a existência desse campo, destaca os lugares em que um maçom compõe sua identidade, a partir de um habitus, o da instituição. Essa conserva suas próprias leis e modos de funcionamento e de transformação, admitindo transformações internas dentro de limites. Se a reprodução de um habitus constitui o maçom, lugares como a ritualística agenciam diversos lugares de interesse, produzindo-se assim vários tipos de maçons. Para comprovar tal

fato descreve-se o ritual de iniciação ao grau de aprendiz, do Rito Escocês Antigo e Aceito, que é quando o indivíduo começa a conhecer a instituição, dando início à incorporação de um habitus e a inscrição desse como uma pessoa particularizada – um maçom – que então passa a fazer parte de uma comunidade. Mas nem todos vivem essa ritualização desse modo, na cidade, não passando por nenhuma performance transformadora e colocando em questionamento os significados da instituição. As reações a esse estranhamento são variadas. E então os lugares de interesse que enformam a instituição entram em crise, a partir de uma crise dos próprios maçons, tomando-se lugares de incerteza – um campo de embates. Esses embates se veem mais intensificados com o surgimento de uma maçonaria mista na cidade, segmento considerado “espúrio” pela maçonaria “regular”, que, além de dar entrada às mulheres no ritualismo maçônico, também surge para recuperar um “espírito tradicional maçônico” que julga estar perdido pela maçonaria regular, em inter-relação com o espiritismo kardecista. A invenção dessa maçonaria rompe com os limites estabelecidos.

Essas mudanças observadas entre os modos de operação da Maçonaria Tradicional e a Mista já foram amplamente investigadas até por autores que nada tem a ver com a Ordem. E trazem um panorama, no mínimo, curioso quando vemos que chegam em conclusões iguais: de que os tradicionalistas perdem terreno para as variedades “espúrias” como a Maçonaria Mista, simplesmente por essa última ser um local de adaptação dos tempos e permitir uma ampla divulgação e valorização do papel das mulheres. Afinal, como diz a própria Grande Loja Maçônica Mista, unir os seres humanos, apesar de suas diferenças de profissão, concepções filosóficas, religiosas ou políticas é uma arte, que é conhecida por eles como Arte Real.

Outro trecho do site da Loja traz a seguinte informação:

Grandes e dedicados maçons, com todo entusiasmo, esclarecem que a missão essencial da Maçonaria consiste em reconduzir o Homem à condição de Ser Humano, ele que nasceu como tal. Portanto, quem quiser se tornar Maçom, deverá aceitar este princípio fundamental, de que existe algo mais elevado do que as aparências terrenas cotidianas, e de que este mais elevado se encontra dentro de cada um de nós, e que poderá, portanto, ser aproveitado por meio do desenvolvimento.

Esse trecho traz até nós um conceito muito divulgado em sociedades secretas da Antiguidade, de que a força elevada que todos procuramos em meios religiosos pode ser encontrada em cada ser humano. O problema é que as instituições mais tradicionais como a Igreja Católica sempre se serviram da ideia de que os humanos são seres caídos que necessitam de um intermediário para entrar em contato novamente com sua partícula “Deus”. E que, para isso, necessitam descobrir um caminho especial que, uma vez descoberto, torna-se uma religião. O que pode ser bom para uma pessoa pode não ser necessariamente para a outra.

Vamos dar uma olhada numa publicação estrangeira inédita por aqui. A revista francesa L’Initiation publicou em seu número 4, de 1995, um artigo intitulado A Propósito da Franco-Maçonaria Feminina, assinado por JeanPierre Bayard, onde ele analisa uma série de obras que enfocam o tema. O trecho que nos interessa neste caso é o seguinte:

Que pensar então da Maçonaria mista, da Maçonaria feminina? A Maçonaria de 1717 só pode refletir em suas Constituições de 1723 um sentimento geral, o do servilismo da mulher. Esta, em um século puritano, depende do seu pai, do seu marido ou do seu tutor. Ela não é livre no sentido jurídico. O monumento sagrado só pode ser realizado por aquele que “é livre e de bons costumes”. A Franco-maçonaria de 1717 segue o exemplo das antigas lojas de construtores e não pode aceitar senão homens. Somente os contos e as lendas, por um efeito de compensação, dão os mais amplos poderes às rainhas e às princesas: são elas que comandam. Atualmente, os clubes de serviço, saídos da Franco-maçonaria, são reservados aos homens como nos clubes ingleses, se bem que alguns grupos foram constituídos por mulheres. As equipes esportivas são quer masculinas, quer femininas e ninguém é ofuscado. O sacerdócio permanece masculino, apesar de algumas mulheres pertencerem ao sufismo. A Companhonagem, que continua existindo em nossa época – e apesar da ampliação de seus ofícios – é unicamente masculina. Por que hoje, quando se pode escolher livremente sua Obediência – seja ela masculina, feminina ou mista – alguns irmãos e irmãs querem impor transformações no seio do seu grupo a fim de uniformizar a Maçonaria? Há Irmãos ou Irmãs que consideram que se trabalha melhor entre membros de um mesmo sexo; outros que a complementaridade é necessária; deixemos a cada um o direito de escolher sua via.

Se pensarmos a respeito de organização com mente livre e aberta, veremos que as diferenças entre a Maçonaria Mista e a Tradicional se aprofundam a ponto de formar um verdadeiro abismo de diferença. Por trás de todos os dados administrativos que podemos encontrar na pesquisa para este livro, há um forte sentimento de franqueza de propósitos em seus escritos. O que impressiona, no entanto, é a utilização de métodos pouco ortodoxos como o

recrutamento de pessoas pela internet ou a maneira aberta como as Lojas Mistras divulgam abertamente suas atividades. O sigilo ainda existe, porém, de uma maneira semiaberta, o que facilita mais para que os não iniciados confiem de que não serão enganados ou que terminarão seus dias numa espécie de “clube do Bolinha”.

Para aqueles leitores que ainda têm alguma dúvida sobre a honestidade das intenções das Lojas Mistras, basta lembrar que, a exemplo das Lojas Tradicionalistas, é possível consultar seus estatutos nos Cartórios de Títulos e Documentos dos municípios onde funcionam. Esse registro é divulgado, após sua publicação, no Diário Oficial do Estado. Portanto, qualquer pessoa poderá ler esse registro na imprensa e solicitar qualquer certidão desses estatutos aos cartórios mencionados. Os nomes de quase todos os maçons envolvidos são conhecidos pelas autoridades competentes.

Para aqueles que ainda acham que as sociedades secretas são “coisa do demônio”, o site da Grande Loja Maçônica Mista avisa:

Uma sociedade secreta naturalmente evitaria tornar pública a sua existência e omitiria os seus fins e objetivos, assim como evitaria tornar pública a sua existência e omitiria certamente os nomes de seus adeptos. Nada disso, no entanto, acontece com a Maçonaria. Ela consiste na Igualdade de Ideias; bem servir ao Próximo.

O curioso aqui é ver como as Lojas Mistras (e a Grande Loja Maçônica

Mista, por sua vez), mesmo sendo consideradas espúrias e até sendo repudiadas pelos maçons mais tradicionais, ainda assim se consideram parte dessa sociedade secreta.

CAPÍTULO 9

A MULHER E A MAÇONARIA

Por mais que passe o tempo e que tentemos nos convencer de que o século XXI deixou muitos problemas de comportamento para trás, vemos que a verdade é bem diferente. Ainda há certos preconceitos que insistem em se fazer presentes. A questão da mulher na Maçonaria é um deles. Por mais que vertentes como a Maçonaria Mista se esforcem para promover um ambiente equilibrado, onde todos são tratados como iguais, os tradicionalistas insistem em se posicionar contra a interação feminina, o que os leva a receberem acusações de machismo e de comportamento retrógrado.

Vejamos alguns posicionamentos tradicionalistas. Um texto, assinado por Francisco Carlos Silva Torrent, maçom de Visconde do Rio Branco, em

Minas Gerais e publicado originalmente na revistas maçônica *A Trolha*, em 2003, fala que, embora a base da instituição maçônica seja a fraternidade, os maçons dedicam à família suas melhores intenções. E que, embora a mulher não participe diretamente dos trabalhos maçônicos, elas são de suma importância como “guardiãs do lar e dos filhos”. Diz o artigo:

Portanto, sob o critério filosófico, a Maçonaria destina-se tanto ao homem como à mulher, complementos que são um do outro e destinados como estão a constituir a família como base celular de uma sociedade bem organizada. “Por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne”. (Gn, 2:24). Os Maçons tributam, portanto, à mulher não somente o respeito que ela merece como mãe, esposa, irmã e filha, mas também pela admiração a que tem direito por ser o ornamento da humanidade, na qual tem exercido um grande papel civilizador e propulsor do progresso dos povos.

O autor do artigo deixa claro que os maçons encaram a mulher como a Deusa (assim mesmo, com D maiúsculo) do lar, a pessoa que reúne a família em torno de si. É ela quem ajuda o marido ao se ocupar das tarefas de casa e da educação moral dos filhos para torná-los “dignos de serem os homens de amanhã, inspirando-lhes aqueles sentimentos de afetividade e de moral sobre os quais assenta a sociedade”. Baseia-se ainda na Bíblia para justificar sua observação, mais precisamente em Juízes XIV:1, que diz: “A mulher sábia constrói o seu lar; a insensata o destrói com as próprias mãos”.

Torrent ainda afirma que esse papel é mais que um item decorativo, já que as crianças aprendem o valor dos bons conselhos a partir do momento que os encontram à disposição em seu ambiente familiar. E a responsável para que isso aconteça seria a esposa, já que tal tarefa é uma das muitas que acompanham o lar e que só pode ser desempenhada por ela. Diz ele:

A arena onde os dois sexos medem forças é o matrimônio. O homem o procura em busca de carinho e sentido para a vida. A mulher procura nessa aliança o ninho seguro para criar seus filhos; obviamente, o poder de barganha do homem é muito menos. Acabam restando, nos dias atuais, três tipos de casamento: aqueles que não dão certo; aqueles que a mulher manda e aqueles em que o homem pensa que manda[...].

Por fim, ele afirma que a mulher é, para os maçons, a maior estrela brilhante do universo. Justifica sua afirmação dizendo que, ao se iniciar na Ordem Maçônica, cada um recebe dois pares de luvas brancas, um para seu uso pessoal e outro para ser entregue à sua esposa. Na Maçonaria, as luvas são um símbolo de “pureza e candura”, além de representarem também a inocência, por isso são brancas. As usadas pelo homem lembram a

“mansidão e a pureza a que está obrigado”, enquanto as entregues à mulher simbolizam que o maçom “deve ter consideração pelo belo sexo, presenteando-as não à mulher que mais ama, mas aquela que considera mais digna de ser amada”.

MAÇONARIA FEMININA

Em seu *Dicionário de Maçonaria*, Joaquim Gervásio de Figueiredo afirma em verbete sobre Maçonaria Feminina que não há nada na Ordem ou em seus rituais que estabeleça a proibição do ingresso da mulher. Diz também que, em sua antiga tradição, nada há que justifique a recusa e o afastamento das mulheres em relação às cerimônias e às iniciações. E admite que, a julgar pelo que acontece em outras Ordens, principalmente aquelas com caráter religioso, a admissão feminina só poderia ser benéfica para trazer “colorido e vitalidade”, além de enriquecer sua moral e

utilidade social. O que chama a atenção é que, mesmo um autor tradicionalista como

Figueiredo, revela ser favorável à entrada das mulheres na Maçonaria Tradicional. Mas ainda não sabemos por que há tanta resistência a isso. Diz ele:

Sob o critério filosófico, a Maçonaria se destina tanto ao homem quanto à mulher, complementos que são um do outro e destinados como estão a constituir a família como base celular de uma sociedade bem organizada.

É necessário ir mais a fundo nessa questão para entendermos as razões para essa resistência. Para tanto, Figueiredo remonta à época dos antigos Mistérios egípcios, gregos e romanos, e até mesmo à Escola de Pitágoras, fundada em Crotana em 529 a.C. Nesses grupos, havia homens e mulheres que passavam igualmente pelas mesmas provas e cerimônias.

Mesmo aqueles que insistem em colocar as origens maçônicas na época das Corporações de Ofício medievais, verão que, pelo menos historicamente, não há nada que determine essa proibição. Figueiredo acrescenta ainda que a Idade Média foi uma era tenebrosa para a Maçonaria, já que ela foi forçada a trabalhar na completa clandestinidade em razão das perseguições que sofria tanto da Igreja Católica quanto dos governantes ditatoriais. A isso também deve ser somado o caráter de segredo (afinal, nasceu como sociedade secreta) que fazia que nada fosse deixado por escrito, acrescentando o fato do trabalho maçônico ser executado ao pé da letra, ou seja, era operativo (quando os maçons eram mesmo pedreiros) e temos a explicação sobre uma possível origem da resistência à abertura da Ordem para as mulheres. Figueiredo complementa:

O exame dos mais antigos documentos maçônicos existentes na Inglaterra, que são minuciosos em pormenores e em proibições, não nos mostra nenhuma proibição contra as mulheres, e há mesmo indicações de que elas por ali andaram.

Desses manuscritos, pelo menos um é citado como sendo um ato do

Parlamento inglês, datado de 1350, 25º do reinado de Eduardo I (1239-1307), que regulamentou a profissão de pedreiro. Trata-se de um documento cheio de detalhes e minúcias, mas que, em momento algum, cita qualquer tipo de restrição quanto à participação feminina.

Um segundo documento conhecido é chamado de Manuscrito Régio ou Manuscrito de Halliwell e foi descoberto por um antiquário não maçom e que parece ter sido sacerdote católico. Foi escrito em 1390 e publicado no *Magazine Freemason*, antiga revista maçônica, em junho de 1815. Segundo alguns autores, esta seria uma cópia de um texto ainda mais antigo.

Reparem no teor das três primeiras estrofes que compõem a abertura do documento:

*Aquele que quiser ler e pesquisar
Pode encontrar, contada em um livro antigo,
A história de grandes senhores e belas damas
Que tinham um grande número de filhos muito sensatos,
Mas nenhum dinheiro para criá-los, Na cidade, nos campos e na floresta,*

Fizeram uma assembleia.

*Por amor a seus filhos para decidir
Como ganhariam a vida
Sem preocupação nem angústia com o futuro
De seus numerosos descendentes
Que iriam nascer quando eles mesmos fossem apenas cinzas.
Eles iriam buscar os grandes sábios
Para que lhes fossem ensinados bons ofícios.*

*Nós rezamos, por amor a nosso Senhor,
Para que nossos filhos façam belos e bons trabalhos
Para ganharem a vida,
Sem dificuldade, mas sim com honestidade e sem medo do dia de amanhã.*

*Naquele tempo, por meio da geometria,
Esse honesto ofício que é a maçonaria*

*Foi concebido
E organizado por uma nobre assembleia de sábios.
Esses sábios, conforme o desejo dos senhores, inventaram a geometria
E a denominaram maçonaria
Para que ela se tornasse o mais belo dos ofícios.
Os filhos dos senhores foram para junto do sábio Para que ele lhes ensinasse o ofício da
geometria. Tarefa que desempenhou muito bem.*

*Respondendo às súplicas dos pais e mães, Ele os iniciou no ofício.
Quem aprendia melhor o ofício que os outros
E se mostrava honesto
Tinha mais direito à consideração.
Euclides era o nome do grande sábio.
Célebre ele se tornou.
Ele fez com que aquele que soubesse muito
Instruísse aquele que sabia menos
Para que todos fossem perfeitos no ofício. Sim, eles deviam instruir uns aos
outros E amar-se como se amam Irmãos e irmãs.*

Por que tal documento é importante? É um livro pequeno impresso em papel de vitela cujo conteúdo é redigido na forma de um poema com 794 versos em inglês antigo. Da linha 1 a 86, ele fala sobre a antiga tradição da corporação. Na sequência, divide os 15 pontos da lei em duas partes. Da linha 97 a 794, temos observações de teor legal maçônico que, diga-se de passagem, não possui nenhuma referência à proibição da Maçonaria para as mulheres. Figueiredo diz:

Bem ao contrário, deparam-se ali provas de que a Maçonaria Operativa daquela época tinha, no mínimo, a colaboração feminina. Com efeito, em seu artigo 10º, versos 203 e 204, se lê: que nenhum Mestre suplante outro, sendo que procedam entre si como irmão e irmã. No ponto 9º versos 351 e 352 se diz: amavelmente servindo-nos a todos, como se fôssemos irmã e irmão.

No documento inteiro, como já foi comentado nos capítulos anteriores, há apenas uma proibição expressa: a de admitir como Aprendizes os servos (verso 129) e os inválidos (verso 154). Num outro documento, a Constituição de York, de 926, pode-se ver um artigo, o 11º, que também fala sobre restrições na admissão de servos ou inválidos, mas absolutamente nada sobre ser contra a admissão feminina. Os pesquisadores maçônicos ainda citam um outro documento antigo, o Manuscrito de Watson, de 1440, que é similar ao Manuscrito Régio.

Como se não bastassem esses exemplos históricos, a pesquisa feita por Figueiredo vai ainda mais longe e cita até mesmo o regulamento elaborado em Londres (com data de 27 de dezembro de 1663) numa assembleia geral. Nela, Henry Jermin, Conde de Santo Albano, foi eleito Grão-Mestre e na mesma época foi divulgada uma série de artigos. O de número dois diz que ninguém seria admitido na Ordem que não fosse “são de corpo, de nascimento, honrado, de boa reputação e submissão às leis do país”. Mais uma vez não há nada que se refira explicitamente às mulheres.

Outro exemplo mais recente são as constituições da Grande Loja de Hamburgo e os Estatutos da Grande Loja e da Dieta Alemã. Tais leis foram aprovadas em março de 1782 e reproduzem com exatidão os Landmarks, que também não fazem nenhuma referência a proibição feminina.

Já foi citada a primeira vez em que a proibição aparece num documento, no *Livro das Constituições*, de autoria do presbítero James Anderson. Há fontes que afirmam que ele nem mesmo era maçom, enquanto outras, como Figueiredo, dizem que ele era o principal Vigilante da Grande Loja de Londres. Seja como for, ele foi o principal responsável pela proibição, já que colocou no artigo 3º de sua obra:

As pessoas admitidas a fazer parte de uma Loja devem ser boas, honestas, sinceras, livres, de idade madura; não são admitidos escravos, mulheres, pessoa imorais e escandalosas, mas exclusivamente as que gozem de boa reputação.

Figueiredo especula a origem de tal proibição como sendo uma possível influência do Antigo Testamento, no qual a lei mosaica era cruel com as mulheres (segundo João VIII, 4-5) e ao mesmo tempo liberal com os homens (conforme I Reis XI, 3) quando cometiam o mesmo pecado. Também é possível que o presbítero tenha se

influenciado por algum preconceito inglês que estava em voga naquela época, apoiado em alguma lei que, mesmo em tempos mais recentes como no século XIX, mostrava a emancipação política da mulher como uma tarefa hercúlea.

O autor ainda fala que a Maçonaria continental nunca se conformou com tal tratamento e que, por causa disso, em 1730, na França, foi esboçada a Maçonaria de Adoção que oferecia um sistema de quatro graus para as mulheres. Após tal iniciativa, surgiram ainda outras Ordens como a de Moisés em 1738, fundada por alemães, e nove anos depois aparece a dos Lenhadores, derivada dos Carbonários italianos e que também aceitavam mulheres.

Posteriormente vieram outras vertentes similares como a Ordem do Machado e a Ordem da Felicidade, ambas na França. Graças a essas duas ordens o Grande Oriente Francês criou um novo Rito, o Rito de Adoção, em 1774.

Em 1786, o famoso Conde Cagliostro (1743-1795) fundou em Lyon, na França, a Loja Sabedoria Triunfante, que atuava no Rito da Maçonaria Egípcia, outro exemplo de Maçonaria Mista. Por fim, as Lojas de Adoção se espalharam pela Europa e América do Norte, o que gerou a fundação, em abril de 1893, da já comentada Ordem Maçônica Mista Internacional “Le Droit Humain”.

MAÇONARIA DE ADOÇÃO E EGÍPCIA

Sobre essas duas vertentes, vale a pena algumas palavras, já que são consideradas exemplos históricos da luta das mulheres pela sua admissão na Ordem. Começemos pela Maçonaria de Adoção, considerada como um Rito para senhoras que começou suas atividades em 1774, na França. Vale lembrar que a diferença desta para uma Maçonaria considerada Feminina é que cada Loja que seguia essa variedade era subordinada a uma Loja eminentemente masculina. Vejamos seus graus:

1. *Sistema Francês e Escocês*: Aprendiz, Companheira, Mestra, Mestra Perfeita e Soberana Ilustre.
2. *Sistema de Mônfis*: Aprendiz, Velada, Mestra, Mestra Perfeita e Sublime Eleita.
3. *Sistema Egípcio de Cagliostro*: Aprendiz, Companheira e Mestre Egípcia.
4. *Comaçonaria*: são os mesmos graus adotados pelas Lojas Masculinas tradicionalistas, adaptados de acordo com o Rito escolhido.

Para o estabelecimento dessas Lojas, era necessário seguir três regras básicas: apenas Franco-Maçons podiam comparecer às reuniões; cada Loja de Adoção fica sob o jugo de uma Loja Maçônica regularmente constituída; e por fim, o Venerável da Loja Masculina será o oficial que preside, acompanhado da presidente da Loja de Adoção.

Assim, foi criada a primeira Loja de Adoção em Paris, chamada Loja Santo Antônio, controlada pela Duquesa de Bourbon, que foi nomeada GrãMestra do novo Rito.

Alguns pesquisadores maçônicos insistem que o Rito de Adoção não tem uma história definida e que suas atividades (ou seja, os trabalhos maçônicos em si) eram constituídos por “sessões de iniciação, cerimônias ritualísticas, bailes e divertimentos artísticos”.

Em 1774, um maçom francês, conhecido como Cavaleiro do Bosque Beauchêne, organizaria as Lojas Femininas regulares, filiais das Masculinas, que levariam o mesmo nome que as Tradicionalistas. Estas aceitavam esposas, primas e parentes dos maçons regulares. Adotavam o mesmo esquema de graus que as Lojas dos sistemas francês e escocês. Essas lojas, porém, parecem não ter funcionado bem, pois logo caíram no esquecimento.

Na França, o fim das Lojas de Adoção veio de maneira brutal com a

chegada da Revolução Francesa, em 1789. A Princesa Lambelle, Grã-Mestra desde 1786 das Lojas de Adoção, foi presa e executada em 1792. Mais tarde, essas mesmas Lojas tentaram ainda se manter quando a Imperatriz Josefina de Beauharnais (1763-1814), esposa de Napoleão Bonaparte, foi encarregada por ele de reconstruí-las. Segundo registros, ela teria iniciado sua dama de honra, a Condessa de Canisy, em Estrasburgo durante o ano de 1805. Entretanto, cinco anos depois, o imperador Bonaparte mudou de opinião e terminou por extinguí-las. Elas somente voltariam a aparecer em 1893.

Antes, em 1786, surgiu a Maçonaria Egípcia, também conhecida como Rito Egípcio da Maçonaria Andrógina. Cagliostro, seu fundador, havia sido iniciado na Maçonaria Tradicionalista em 1760 e alegava que as mulheres tinham de participar também, já que eram admitidas nos antigos mistérios.

Portanto, não havia uma justificava para sua exclusão.

O próprio conde definia sua Maçonaria como uma instituição “para conhecer, professar e propagar a Maçonaria em sua pureza e forma primitivas”. A primeira Loja, chamada de Sabedoria Triunfante, entrou em funcionamento em julho de 1786. Cagliostro era conhecido como GrãoCopto, Fundador e Grão-Mestre da Alta Maçonaria Egípcia. Dizia que seus inimigos tentavam confundi-lo com um obscuro cavaleiro chamado José Balsamo (sua verdadeira identidade). A proposta de seu Rito era “conduzir seus membros à perfeição por sua regeneração física e moral”, já que tal objetivo lhes daria “a posse da acácia, isto é, da imortalidade”.

Durante suas cerimônias, sabemos que empregavam uma pomba, nome dado a uma menina em estado de completa inocência.

Em artigo para o site *Brasil Maçom*, Anatoli Oliynik narra casos raros em que algumas mulheres chegaram a receber o Primeiro Grau maçônico, ou seja, tornaram-se Aprendizes. Embora não haja comprovações documentais de que esses casos realmente aconteceram, valem por sua curiosidade. Esses casos estão listados a seguir:

1. *Senhora Aldworth* (Elisabeth Saint-Leger – 1693-1773) – Conhecida na Inglaterra como a “Dama Maçom”,

teria sido iniciada, ainda solteira, por volta de 1710. Era filha do 1º Visconde de Doneraile, do condado de Cork, na Irlanda, casando-se, em 1713, com Richard

Aldworth. Entretanto, não há evidências documentais de que a Senhora Aldworth tenha sido efetivamente iniciada no Primeiro Grau da Maçonaria.

2. *Senhora Beaton* – Escondeu-se, durante uma tarde, no forro de madeira de uma Loja de Norfolk, na Inglaterra, surpreendendo os segredos maçônicos. Foi então iniciada. Essa mulher, que era chamada “o Maçom”, guardou o segredo até a sua morte em 1802. Não existem evidências documentais que confirmem o fato narrado.
3. *Madame de Xaintrailles* – Segundo a narrativa, que não cita data, o fato teria se passado na Loja des Frères Artistes, na França, presidida pelo Irmão Cuvelier de Trie, quando era celebrada uma Festa de Adoção. Diz o relato:

Antes da introdução dos membros femininos, os Irmãos abriam a Loja no primeiro grau. Entre os visitantes que esperavam na antecâmara estava um jovem oficial em uniforme de cavalaria. O Irmão encarregado do exame dos visitantes pediu-lhe o diploma ou o certificado (de maçom) para ser examinado pela Loja. Após uma pequena hesitação (o oficial) entregou um papel dobrado que foi imediatamente encaminhado ao Orador da Loja, o qual, ao abri-lo, descobriu tratar-se de uma patente de ajudante de ordens, outorgada pelo Diretório (1795-1799) à esposa do General Xaintrailles, uma mulher que, com várias outras, naqueles tempos conturbados, tinha revestido o traje masculino, alcançando uma graduação militar pela espada.

A fundadora da Sociedade Teosófica. Helena P. Blavatsky, falou um pouco sobre a Maçonaria em sua obra, *Ísis Revelada*. Diz ela:

A Maçonaria especulativa tem muitas tarefas a executar. Uma delas é a de admitir a mulher como colaboradora do homem nas atuações da vida, segundo o fizeram recentemente Maçons húngaros ao iniciarem a condessa Haiderk. Outra importante tarefa é o reconhecimento prático da fraternidade humana, de modo que a nacionalidade, a cor, crença e posição social não sejam obstáculos ao ingresso na Maçonaria. O negro não há de ser irmão do branco apenas teoricamente, pois Maçons da raça negra não são admitidos nas Lojas norte-americanas. É preciso persuadir a América do Sul, a participar dos deveres para com a humanidade. Se a Maçonaria há de ser, como se pretende, uma escola de ciência e religião progressivas, deve ir na vanguarda e não na retaguarda da civilização.

Embora a briga seja antiga, a Maçonaria parece ainda não ter atingido um consenso quando o assunto é a participação das mulheres. As opiniões, ainda hoje, são divididas e, na maioria das vezes, sem nenhuma possibilidade de conciliação. O mais interessante: mesmo quando perguntados o porquê da não admissão feminina, os maçons escrevem em diversos lugares, como no site Portal Maçônico:

Pode até ser justo querermos aplacar as nossas consciências pelo fato de não admitirmos mulheres, mas para o bem da Maçonaria é muito melhor deixar como está. Esta tradição é tão antiga quanto as guildas dos maçons medievais do século IX, quando as mulheres eram socialmente marginalizadas, uma situação que atravessou a Idade Média e a Idade Moderna, e entrou pela Era Contemporânea até ainda as primeiras décadas do século XX. Isto lembra uma resposta dada pelo Papa João XXIII quando, em visita a América do Norte, recebeu uma comissão de mulheres que lhe foi pedir autorização para exercerem o sacerdócio. Ele disse: Isto é uma tradição milenar que não pode ser discutida.

CAPÍTULO 10

MAÇONARIA FEMININA

Não é difícil perceber que o movimento feminino na Maçonaria tem vida própria em vários países do mundo, inclusive por aqui. Basta uma rápida pesquisa no Google e veremos muitos artigos e páginas que falam sobre a Maçonaria Feminina. E logo começam as dúvidas: afinal, qual é a diferença entre essa nova modalidade? E qual as suas afinidades com o movimento misto?

Como já foi explicado nos capítulos anteriores, a Maçonaria

Tradicionalista não admite como legítima as Lojas que aceitam mulheres, sejam elas puramente Femininas ou pertencentes à categoria Mista. São consideradas espúrias e não tem sua legitimidade reconhecida. É possível, porém, encontrar algumas observações em obras assinadas por maçons que mostram como estes reconhecem o assunto.

A. Tenório de Albuquerque, por exemplo, dedica quase um terço de seu livro *Sociedades Secretas* à Maçonaria e seus costumes. No capítulo sobre as relações com as mulheres, esclarece que o principal motivo pelo qual as mulheres não são admitidas é o fato de tal determinação estar descrita nas leis imutáveis (Landmarks), sobre o qual já comentamos nos capítulos anteriores. Diz ele:

Entretanto, tendo em conta que o belo sexo é uma parte muito importante da Humanidade, e que estão dotadas em geral de qualidades e virtudes que devem ser premiadas, se não queremos ser injustos, alguns dos nossos Irmãos franceses, com a galanteria que os distingue, foram os primeiros a fundar a Maçonaria da Adoção, onde aquele sexo, unindose por laços fraternais e de modo análogo ao nosso, pudesse encontrar uma ocasião mais de ser útil aos seus membros e à Fraternidade.

Por este trecho, conclui-se muita coisa. Por exemplo, levando em conta que a obra de Albuquerque foi escrita em 1970, época em que ainda se fazia muitas restrições à participação feminina nos setores da sociedade, o que se infere é que já naquela época os maçons defendiam a Maçonaria de Adoção como uma maneira para agradar gregos e troianos: as mulheres participariam de uma Maçonaria própria enquanto os mais tradicionalistas continuariam respeitando as Landmarks e tendo seus grupos à parte. É possível detectar aqui uma boa intenção por parte dos Irmãos.

O problema é que a mulher, talvez por sua própria natureza impetuosa, não se satisfaz com essa medida. Vimos nos capítulos passados o surgimento da Maçonaria Mista, fundada ao mesmo tempo por homens e mulheres. Seria esta a solução para um conflito tão antigo?

Albuquerque cita ainda uma autora francesa, Eliane Brault, que em seu livro *La Franc-Maçonnerie Et l'Emancipation des Femmes* (A FrancoMaçonaria e a Emancipação das Mulheres) tenta expor os motivos pelos quais a resistência masculina se fazia forte nesse assunto. Diz ela:

Decretando desde a sua fundação que não aceitaria senão homens livres e de bons costumes, a Maçonaria afastava os mercenários (o termo proletário não existia ainda naquela época) como privados de liberdade, os assalariados dependendo de um patrão, os judeus que não tinham ainda conquistado os direitos de cidadãos, os comediantes e os artistas, que não eram considerados como de bons costumes, já que o acesso à igreja lhes era proibido; a fortiori era obrigada a afastar as mulheres, visto que as leis e os costumes as mantinham em estado de menoridade e de subordinação.

O problema, como vemos, é antigo e, até o momento, não foi encontrada uma solução definitiva. Formar grupos em paralelo é tirar a unidade imposta pelos organismos oficiais maçônicos e causar dispersão. Entretanto, o movimento que impede a integração de homens com mulheres nos tradicionalistas ainda é muito forte. A única pergunta que vem à mente é: o que se pode fazer para sanar esse impasse?

Para tentar respondê-la, é necessário fazer algumas recapitulações de dados já comentados e a eles acrescentar outros novos. Albuquerque, já naquela época, afirmava que o número de maçons que repeliam as mulheres dos trabalhos maçônicos diminuía dia a dia em vários países, embora, hoje em dia, saibamos que não é bem assim. Ele lembra que o movimento pela participação feminina começou em 1730, na França, com a fundação da chamada Ordem da Fidelidade, que admitia as mulheres em suas reuniões e que possuía quatro graus. Dois anos depois, surgem novas ordens, incluindo a Ordem dos Cavaleiros e Heroínas da Âncora e a dos Cavaleiros e Ninfas da Rosa.

Essas duas tinham uma diferença: embora não aceitassem mulheres como membros regulares, transmitia-lhes os sinais de reconhecimento (de palavras de passe a cumprimentos) e chegavam a permitir sua presença em algumas cerimônias.

Muitas outras ordens surgiram nesse meio tempo, como visto nos capítulos anteriores. O que importa para nosso estudo é saber que foi graças a elas que o Grande Oriente da França se propôs a criar o Rito de Adoção. E o Rito de Adoção não era o único. Albuquerque fala de um outro, embora não cite seu nome, mas afirma que estava em voga no começo do século XIX e que possuía inicialmente os graus de Aprendiz, Companheira, Mestra, Perfeita Maçom e Eleita Escocesa. Depois foi ampliado segundo o esquema a seguir:

Graus Simbólicos

1. Aprendiz
2. Companheira
3. Mestra

Graus de Adoção

4. Mestra Perfeita
5. Eleita
6. Escocesa
7. Sublime Escocesa
8. Cavaleira da Pomba
9. Rosa ou Cavaleira de Beneficência
10. Princesa da Coroa, Soberana Maçom

O autor ressalta também que não há diferença de finalidades entre a Maçonaria Simbólica e a de Adoção. Nessa última, entretanto, as recepções não eram iguais as da primeira, já que as senhoras que lá atuavam não podiam (e, segundo algumas fontes, não queriam) passar por experiências físicas que eram marcantes em algumas cerimônias masculinas.

A ANTIGUIDADE

Não são poucos os escritores maçons que defendem o direito da participação feminina na Maçonaria. E a maioria deles recorre a Antiguidade para justificar essa participação. Por exemplo, Albuquerque usa os Mistérios de Ceres em Elêusis, na Grécia, como um argumento de que as sacerdotisas e os primeiros sábios daqueles tempos dirigiam essas cerimônias juntos. Os primeiros sábios daqueles tempos também recebiam delas instruções valiosas que depois retransmitiam para seus discípulos. O autor vai mais longe e afirma que os homens, em geral, foram desenganados ao receberem o cristianismo. Diz ele:

Porém, como as associações nascidas da primeira (dos mistérios), nada continham em sua moral que fosse contrário ao novo sistema, conservaramnas debaixo de outros nomes e princípios, estendendo-se por toda Europa e Ásia. Duraram até que as frequentes irrupções de bárbaros, vindas do Norte impetuosamente, causaram seu abandono como aconteceu a muitas outras instituições.

Assim, o autor explica que a imposição para que as mulheres ficassem de fora das ações religiosas aconteceu, principalmente, por influência do cristianismo, no Ocidente, e por imposição do islamismo, que se propagou na Ásia. Por isso, tanto a Maçonaria Simbólica quanto a de Adoção encontraram campos difíceis para crescerem e se propagarem. Esse panorama viria a mudar muito lentamente, à medida que a sociedade humana abria espaço para novas ideias.

A França não foi o único país em que essas Lojas conseguiram sobreviver. A Espanha, embora estivesse rodeada de núcleos de fanatismo, também recebeu essas variedades maçônicas e as protegeu o suficiente para que pudessem se desenvolver em clima seguro. O mesmo aconteceria pouco tempo depois na América do Sul.

Na América do Norte, a Maçonaria de Adoção é bastante aceita e possui os graus de Estrela do Oriente, Folha de

Maçom, Boa Samaritana e Heroína de Jericó. A Ordem Estrela do Oriente, fundada em 1778 e reorganizada em 1876, possui ritos baseados nas Sagradas Escrituras, mais precisamente no Antigo Testamento. Possui outros graus, a saber:

Filha de Jephté, que simboliza o respeito a um voto sagrado.

Rute, que simboliza a devoção aos princípios religiosos.

Esther, que simboliza a fidelidade aos parentes e amigos.

Marta, que simboliza a fé inflexível nas horas de aflição.

Electa, que simboliza a paciência e a submissão às provas.

Tudo parece ter corrido bem para a Maçonaria de Adoção, mas não foi bem assim. Por muito tempo, ainda se discutiu se um membro do Grande Oriente da França poderia ser membro ativo de uma Loja Mista. Essa discussão durou pelo menos dez anos e varou a década de 1960 inteira. Isso porque alguns marcos obtidos em anos anteriores foram simplesmente esquecidos, como o fato de em 1910, um terço das Lojas francesas responderem afirmativamente à questão da admissão feminina e o Congresso das Lojas do Norte da França se pronunciar como não tendo reservas para o ingresso delas. Assim, o órgão autorizou os maçons do Grande Oriente a participarem das Lojas Mistas, principalmente as ligadas ao “Le Droit Humain”. Há um registro muito interessante, no qual Albuquerque cita como retirado do *Livro Maçônico do Centenário* (páginas 181 a 186):

Aqui, nesta cidade, a Ordem já possui Oficinas e se acha em relações com a

Maçonaria teosófica que, por sua vez, dia a dia, prospera, mas o Grande Oriente e o Supremo Conselho não tem permitido a instalação de Oficinas quer de Adoção, junto às Lojas, quer mistas, receoso da reprodução dos fatos que deram lugar ao fechamento das Lojas de senhoras, existentes então, assim dificultando a boa marcha dos negócios da Maçonaria regular mas, segundo nos consta, há uma forte corrente que pretende a colaboração da mulher na Maçonaria simbólica, entregando-lhe a parte benéfica, recreativa e instrutiva.

Antes que alguém diga que isso é incoerente, basta lembrar que os órgãos que aprovaram a participação dos maçons regulares em Lojas Mistas eram locais não oficiais, o que provoca esse tipo de confronto. Mas é bom saber que até os tradicionalistas tinham noção do crescimento das atividades para aceitação das mulheres.

LOJAS FEMININAS

Saltando um pouco no tempo e nos atendo aos tempos modernos, podemos encontrar na internet algumas páginas que falam das Lojas Femininas. A mais famosa é a Loja Maçônica Feminina Filhas de Ísis, que coloca o seguinte texto para as mulheres que pensam em entrar para essas organizações:

O Grande objetivo da maçonaria é o despertar latente em cada ser e converter os homens em Deus consciente de sua divindade sem limite de dúvidas. A maçonaria é o agrupamento de todas as correntes filosóficas e iniciáticas do passado. Respeita todas as religiões; apenas não aceita os maus sacerdotes e falsos profetas; porém, reverencia os bons e virtuosos. A maçonaria é a ciência da evolução; é também Tradição; está libertada de dogmas; é liberal e progressiva. As maçons devem ser a sentinela avançada das idades futuras. Não tem política partidária; é, no entanto, essencialmente política no mais grandioso sentido da palavra; realiza a verdade e o bem e procura despertá-los em cada ser; independente de raças, credos ou partidarismos; cumpre o seu designo de mediadora ativa e laboriosa, defendendo os governos justos, defendendo o povo contra usurpação, realiza sua obra silenciosa ou publicamente, sem deixar de ser discreta. O Espírito da Instituição é imortal; está vivente em toda parte onde se faz necessária a atuação da justiça e do bem; se o mal aparentemente triunfa, ela não esmorece e reinicia sua ação. Em quase todos os Estados Brasileiros há uma Loja Maçônica Feminina esperando por você, pense nisto.

Outras Lojas são citadas pela internet, incluindo a Loja Maçônica

Feminina Independente Igualdade, fundada em 1988 pela astróloga Maria

Itália Magalhães Tubeto, que funciona em São Paulo, e a Loja Maçônica Feminina Condutora da Sabedoria Número 1, do Rio de Janeiro, fundada recentemente por Antonia Goes, uma administradora de empresas aposentada.

Uma curiosidade é que, ao contrário que se pode imaginar, se a Maçonaria de Adoção (que, de uma forma ou de outra, é ligada aos tradicionalistas) cresceu e se desenvolveu em nosso continente, o mesmo não se pode falar sobre

as Lojas da Maçonaria Feminina ou Mista. Esse não é um problema local, pois, em outros países, a luta pelo reconhecimento feminino também é acentuada.

Um exemplo disso é o que acontece em Portugal. Há cerca de 100 anos,

Magalhães Lima, Grão-Mestre do Grande Oriente Lusitano Unido, iniciou na Maçonaria um grupo de mulheres, feministas e republicanas, que lutavam há tempos pela transformação política e cultural da sociedade portuguesa. Essas mulheres militavam na Loja Humanidade, uma Loja Maçônica

Feminina independente, com “igualdade de direitos e representação junto das hierarquias maçônicas e em todos os atos de caráter eletivo”, segundo alguns registros.

Essa Loja Feminina foi criada em 1904, mas apenas com a entrada dessas mulheres feministas e republicanas é que se tornou independente, uma situação até então inédita na Europa e que foi na época bastante contestada pelas Lojas Masculinas mais tradicionalistas. As dirigentes feministas Adelaide Cabete, Ana Augusta Castilho, Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo e Maria Veleza lutavam não apenas pela reivindicação da igualdade de direitos sociais, civis e políticos, mas também pela prática da plena cidadania. O trecho destacado é de um documento on-line que fala especificamente sobre esse assunto:

A independência conseguida no interior da Maçonaria não foi alheia à luta pela emancipação feminina, ideal que naquela época não se podia desligar da luta pela República e pela liberdade de consciência. Magalhães Lima, como Grão-Mestre da Maçonaria, teve um papel muito importante neste processo de autonomia, pois foi o dirigente republicano que mais apoiou a causa da emancipação das mulheres, sobretudo o direito de voto. Apesar das divergências entre as agremiações maçônicas femininas e masculinas, a Loja Humanidade manteve-se no Grande Oriente Lusitano Unido até 1913, data em que a polêmica contestatória se reacendeu. Ana de Castro Osório, venerável da Loja Humanidade, lançou nessa data um inquérito escrito dirigido a figuras importantes da política e da Maçonaria no sentido de avaliar o contributo das mulheres para o triunfo da causa democrática e saber se nessa corporação era ou não justo que elas fossem aceites como irmãs respeitadas e iguais em direitos. Esta última questão não obteve o desejável consenso e as mulheres da Loja Humanidade desligaram-se do Grande Oriente Lusitano Unido, isto é, da Maçonaria regular, e passaram a trabalhar em liberdade no dito mundo profano até 1920, outro caso inédito em toda a Europa.

Nem tudo nessa questão é um mar de rosas, ainda mais ao lidar com um assunto tão polêmico. Foi o que aconteceu nesse caso. Em 1915, algumas dissidentes fundaram a Loja Carolina Ângelo, nome que homenageia uma maçon falecida em outubro de 1911. Cinco anos após o começo de suas atividades a Loja já possuía 32 associadas, cuja profissão dominante era a de professora dos vários níveis de ensino, um detalhe que mantinham em comum com as participantes da Loja Humanidade. Nessa época, houve uma insistência das altas hierarquias para que as mulheres regressassem ao Grande Oriente Lusitano Unido. Com esses atos, estava claro que o principal impulsionador da situação, Magalhães Lima, havia conseguido seus objetivos.

Outro ponto que vale a pena ressaltar é que a participação maçônica feminina foi mais ou menos intensa conforme o regime republicano ia se estabelecendo. Toda vez que os ideais da República eram desvirtuados ou ficavam em situação de perigo, havia uma congregação de esforços entre agremiações femininas e masculinas para defendê-los e consolidá-los.

As mulheres estavam cansadas de terem de aturar uma atuação fraca dos homens e por isso decidiram filiar-se à já comentada Ordem Mista Internacional “Le Droit Humain”, de Maria Deraismes e George Martin. A escolhida para liderar o processo de adesão foi Adelaide Cabete que, em 1923, recebeu poderes para a instalação da Loja Humanidade de Direito Humano n. 776, da qual se tornara Venerável Mestra.

É nessa mesma Loja Mista que três anos depois já estão filiados cerca de 47 associados, entre homens e mulheres. A loja registra um grande movimento objetivando o recrutamento de militantes em toda Portugal, para “constituir uma Federação capaz de se tornar independente da Maçonaria Mista francesa”.

Os esforços para a propagação da Maçonaria Feminina parecem finalmente apresentar frutos naquele país, conforme se observa neste trecho de um texto do site português de notícias Semanários, cujo título é justamente Adesão à Maçonaria Feminina Aumenta, datado de janeiro de 2005:

Desde sempre envolvida em mistério, a maçonaria continua a ser entendida como um poderoso lobby. Maria Belo, grã-mestra da Grande Loja Feminina de Portugal e cofundadora da primeira loja feminina portuguesa, garante que

não. Às maçonas, que poderão ou não estar envolvidas na vida política, disse ao SEMANÁRIO, interessa, sobretudo, o debate de temas filosóficos e sociais. O que acontece é que as discussões “transpiram” para a sociedade através das atividades e do círculo de amizades que “as irmãs” mantêm. A exeurodeputada socialista está satisfeita com a crescente adesão à maçonaria feminina: desde 2001, já há mais quatro lojas e o número de adeptas portuguesas passou de 150 para 250. Lisboa foi a cidade escolhida para receber a assembleia geral do Comitê Internacional de Ligação das Maçonarias Femininas. Amanhã as grã-mestras de Portugal – a exeurodeputada socialista Maria Belo –, da França, Bélgica, Itália, Alemanha e Suíça reúnem-se para definir o plano de atividades para este ano. A ocasião será aproveitada para trocar ideias e definir atividades para este ano. Mas será também uma oportunidade de desmistificação dos preconceitos que ainda envolvem a maçonaria. Deste modo, depois da assembleia, realiza-se no Palácio da Trindade um jantar aberto a não maçons e aos representantes da maçonaria masculina: António Arnaut (Grande Oriente Lusitano), Trovão do Rosário (grande Loja Regular de Portugal) e Jorge Gomes (Direito Humano).

E não pense o leitor que se trata de um fato isolado. A notícia continua descrevendo que a ex-eurodeputada socialista definiu essa reunião internacional como “um agrupamento de diferentes obediências que serve para a troca de informações acerca da forma como decorrem trabalhos nos distintos países”. Eles se concentraram em apoiar as Maçonarias que estão no começo de suas atividades.

Maria Belo é Grã-Mestre da Grande Loja Feminina de Portugal (GLFP) e considera que o relevo da organização que encabeça se relaciona com a falta de espaços de discussão para as mulheres. Ela define a GLFP como um espaço onde é possível às mulheres aprofundarem a forma de estar no mundo, com regularidade. Apesar das preocupações expressas em assemelhar-se em organização à Maçonaria Tradicionalista, ela define que sempre presta atenção nas reuniões ao que chama de “tentativa de perceber o que é ser uma cidadã”. E acrescenta:

De que forma uma mulher se integra na sociedade, não só nas instituições políticas, mas principalmente ao nível da Família e de outras instituições sociais. Apesar das condições que as mulheres têm, atualmente, para lutar pela sua igualdade, é necessário que haja uma reflexão sobre as formas de aprofundar a democracia.

RITUAIS

O artigo ainda traz uma breve descrição de como acontecem os rituais maçônicos femininos. As reuniões acontecem em casas normais, onde o ambiente do templo é recriado numa sala retangular com duas colunas, piso com detalhes em xadrez preto e branco e com símbolos maçônicos nas paredes, dentre eles, o triângulo, o sol, as estrelas, o olho da sabedoria e as espadas que representam a manutenção do segredo entre as irmãs.

Da mesma forma que os encontros em templos tradicionalistas, também aqui eles seguem uma estrutura formal rígida. Acontece basicamente em três partes: primeiro os trabalhos filosóficos, depois os trabalhos práticos e, por fim, os rituais. Durante os encontros, são debatidos, de maneira filosófica, problemas sociais e possíveis soluções, enquanto, no nível prático, são tratadas questões voltadas à educação e à segurança social, entre outros. As maçons (que lá se denominam maçonas) querem, dessa forma, contribuir para uma sociedade melhor, mesmo que indiretamente.

O ritual delas começa quando entram no espaço das reuniões ao som de música clássica (na maioria das vezes a música escolhida é *A Flauta Mágica*, de Mozart, já que ele próprio foi um maçom, embora da linha tradicionalista). Cada “maçona” está vestida de acordo com seu grau: as Aprendizizes (que não tem autorização para falar no primeiro grau) usam um avental branco com a aba virada para cima; as Companheiras usam um avental semelhante, mas com a aba virada para baixo; por fim as Mestras, que usam aventais azuis. A Grã-Mestra comanda os trabalhos sentada junto a uma mesa ligeiramente elevada numa das extremidades da sala. Ao redor, as “maçonas” se acomodam de acordo com sua posição, enquanto a Secretária ou Guardiã do templo fica atenta à porta e se encarrega de fazer adentrar ao templo qualquer interferência que venha do lado de fora. Cada uma, quando toma a palavra, fala em pé e numa posição determinada, com o braço dobrado por baixo do queixo para incentivar a contenção no discurso.

A Maçonaria Feminina conta, em Portugal, com cerca de 250 mulheres e dez lojas espalhadas pelo país, o que é um salto significativo da evolução da mulher na Ordem.

CAPÍTULO 11

ORDENS MISTAS PARAMAÇÔNICAS

Toda vez que uma Loja Mista ou Feminina é inaugurada em algum estado nacional, o assunto é destaque em várias mídias. Tomemos, por exemplo, o texto a seguir sobre a inauguração da primeira Loja exclusivamente feminina, divulgado no site *Capital News*, datado de agosto de 2008:

Campo Grande vai contar com o primeiro templo maçônico exclusivamente feminino do Brasil. O local, denominado Templo Maçônico Feminino das Augustas e Respeitáveis Lojas Simbólicas Divina Luz do Oriente nº. 01, Filhas da Luz nº. 02 e Obreiras da Arte Real nº. 03, também será a sede do Grande Oriente Feminino do Estado de Mato Grosso do Sul – GOFEMS. O lançamento do templo é um marco na maçonaria feminina sul-mato-grossense. O espaço garantirá independência administrativa e ritualística na condução das lojas, o que não é comum no meio maçônico, pois a maioria das lojas utiliza templos alugados e até mesmo espaços adaptados para seu funcionamento. O terreno é de 1.440 m², sendo de obra construída 246 m² e capacidade para acomodar 200 pessoas. Foi erguido em terreno próprio e também com recursos de promoções e cotização das irmãs. A inauguração acontece hoje, dia 20 de agosto, às 20 h, na rua Anhembi, 136 – Bairro Aero Rancho, em Campo Grande.

Quem conhece a Maçonaria tradicional sabe que eles estão acostumados a aparecerem de maneira discreta na mídia. Há muitos autores maçons dessa linha que falam que uma publicidade discreta é um benefício para a Ordem, mas há outros que não gostam que esse tipo de coisa aconteça, porque não querem transformar um trabalho sério “numa espécie de circo”. É de conhecimento geral, porém, que a tradição maçônica implica que os associados ajudem não apenas uns aos outros, mas também a própria Ordem. E qual a melhor maneira para se fazer isso que usar os veículos de comunicação para a divulgarem?

Esse é um ponto que diferencia os ramos misto e feminino do tradicional masculino. Enquanto este tem receio de anunciar seus acontecimentos, preferindo se manter restrito, aqueles não se importam em utilizar não apenas a mídia, como também ferramentas como a internet, para anunciar seus feitos, eventos e acontecimentos.

Talvez o primeiro pensamento que passe na cabeça do leitor (e principalmente da leitora) é o motivo para se fazer alarde apenas por que uma nova Loja começou suas atividades. Vamos olhar o restante do texto para encontrar a resposta a esta dúvida:

Em 17 de setembro de 2002, sete mulheres fundaram a Loja Maçônica

Feminina do Estado de Mato Grosso do Sul, chamada de Augusta e

Respeitável Loja Simbólica Divina Luz do Oriente nº 01. No dia 14 de maio de 2005, um grupo de mulheres já bem maior e com requisitos suficientes, opta por dividir-se e criam mais duas Lojas denominadas Augusta e Respeitável Loja Simbólica Filhas da Luz nº 02 e Augusta e Respeitável Loja Simbólica Obreiras da Arte Real nº 03. É fundado o Grande Oriente Feminino do Estado de Mato Grosso do Sul – GOFEMS, atualmente presidido por Dalciza Alves de Oliveira. A nova sede é dedicada a apenas três graus (1 ao 3, simbólicos), mas já foi projetada para atender futuramente outras escolas de graus mais elevados (do 4 ao 33). A Maçonaria Feminina no Estado de Mato Grosso do Sul possui em seu quadro as obreiras, que são, na maioria, esposas de maçons e exercem atividades como profissionais liberais, comerciantes, odontólogas, advogadas, empresárias, professoras e funcionárias públicas.

Fundar um Grande Oriente não é um trabalho fácil. Para quem conhece um pouco de administração de empresas, sejam elas com finalidades lucrativas ou não, sabe que a papelada é enorme e a burocracia, por vezes, intensa. Mas vamos lembrar o que Joaquim Gervásio de Figueiredo fala sobre o que é um Grande Oriente. Trata-se de um Estado-Maior ou Corporação do Governo Maçônico circunscrito a um só país ou Rito, ou que abrange vários países ou Ritos. Também é definido como uma federação que agrupa diversos Ritos. Seja como for, o importante é saber que organizar algo assim exige tempo, dedicação, dinheiro e principalmente empenho dos envolvidos.

Outra pergunta que surge é sobre a legitimidade de tal órgão.

Lembremos que os tradicionalistas consideram apenas as suas Lojas (e por tabela os órgãos a elas ligados) como legítimas. Leia o texto anterior novamente: é dito que o órgão, até o momento da divulgação, atendia apenas aos graus básicos, portanto é uma Maçonaria do tipo simbólica. Também diz que as obreiras são compostas, em sua maioria, por esposas de maçons, portanto, para estarem ligadas a um Grande Oriente Feminino precisariam ser mais

que uma Loja que segue a já comentada Maçonaria de Adoção. Trata-se, sem dúvida, de um grande passo dado pelas mulheres em busca de um sistema próprio.

Para as leitoras que possuem suas dúvidas, basta lembrar que a Loja citada realiza, da mesma forma que as Lojas Tradicionais, filantropia e solidariedade junto às comunidades de Mato Grosso do Sul, incluindo atividades em conjunto com o Setor de Oncologia do Hospital Regional, além de projetos junto à entidades como AACC, Juliano Varela, Projeto Anhanguera, Projeto Pequeno Cidadão, Associação dos Renais Crônicos e Presídio Feminino.

PARÓDIAS

Já vimos, nos capítulos anteriores, um pouco das origens de certas ordens criadas apenas para que as mulheres (mais especificamente as esposas dos maçons e até mesmo suas filhas) não se sentissem excluídas. O que poucos sabem é que, em certos momentos, alguns grupos foram criados com o objetivo inicial de parodiar o segredo tão comum dos maçons tradicionalistas. Os nomes dessas ordens já falam por si mesmos e podemos imaginar a que se propunham: Ordem da Felicidade, Cavaleiros da Âncora, Ordem da Mosca-no-Mel, Cavaleiros da Rosa, entre outros.

Algumas dessas ordens terminaram por evoluir para o que hoje se considera um ponto mais sério. Por exemplo, a Ordem do Arco-Íris, hoje com *status* de Internacional, é uma organização para moças de 12 a 20 anos, com ou sem parentesco maçônico. Para se tornar membro, porém, é necessário obter um apadrinhamento de um maçom ativo. Esse grupo objetiva educar meninas “que se importam com o mundo e gostam de ajudar”.

Essa ordem foi fundada na cidade de McAlester, condado de Pittsburg, no estado norte-americano de Oklahoma, em abril de 1922. Teve seus parâmetros iniciais (elaboração do primeiro ritual bem como de suas leis) escritos por um maçom do 33º grau, William Mark Sexson, ministro cristão da cidade de Arnica Springs, no Missouri, e ministro da primeira Igreja Cristã americana.

Depois da sua criação, a Ordem do Arco-Íris se espalhou rapidamente por outros países, dentre eles, Estados Unidos, Brasil, Alemanha, Austrália, Filipinas, Japão e Canadá. Da mesma forma que ocorre com os De Molay (organização criada para os filhos dos maçons), as seguidoras do Arco-Íris enfatizam sete virtudes que, no caso dos De Molay, são conhecidas como sete virtudes cardeais. Para elas, cada virtude corresponde a uma cor, que segue o esquema relacionado a seguir:

1. *Vermelho*: Símbolo do amor, enfatiza sua importância em casa e com a família.
2. *Laranja*: Símbolo da religião, enfatiza sua importância no companheirismo e na ativa participação na igreja.
3. *Amarelo*: Símbolo da natureza, responsável por nossa vitalidade e que devemos respeitar.
4. *Verde*: Símbolo da imortalidade, pois, mesmo que o corpo morra, a alma vive pela eternidade.
5. *Azul*: Símbolo da lealdade para com a Ordem Internacional do Arco-Íris para meninas, família e amigos.
6. *Anil*: Símbolo do patriotismo, que dá importância ao respeito ao país, bem como a sua bandeira.
7. *Violeta*: Símbolo do serviço, a principal causa enfatizada pela Ordem e outros membros maçônicos.
8. *Branco*: Símbolo da união de todas as cores do Arco-Íris.

Para o pesquisador inglês Paul Naudon, considerado o maior historiador maçom (GLNF) francês do REAA, a eficácia das Lojas de Adoção foi mais “mundana do que filosófica” e as mais ilustres Lojas Tradicionalistas (dentre as quais ele cita a Contrato Social, a Candura e a Nove Irmãs) tiveram cada uma delas a sua Loja de Adoção. Acrescenta que a já citada Maçonaria Egípcia de Cagliostro era nitidamente andrógina, com Lorenza, esposa do grande-copta (como o conde se autodenominava), atuando como Grã-Sacerdotisa do Rito que, sob a invocação de Ísis, iniciou em 1782 “as Senhoras de Brienne, de Polignac, de Choiiseul, de Havrincourt, de Lomenie e de Genlis”, todas elas de destaque na sociedade de então.

A França sempre foi um país onde a Maçonaria Mista e a Feminina (por tabela) conseguiram um campo livre para adormecer e voltar se reinventando. Diz Naudon:

O movimento contemporâneo de emancipação intelectual e social da mulher não podia deixar de ter repercussão sobre a franco-maçonaria e, assim, as lojas de adoção vieram novamente à luz do dia no princípio deste século, em 1907, a Loja Nova Jerusalém obteve da Grande Loja da França a autorização para criar uma loja de adoção, exemplo que foi seguido por várias outras oficinas do Rito Escocês. Por motivos de regularidade, a Grande Loja da França não quis ressuscitar essas lojas no pós-guerra, mas foi criada uma obediência feminina, a Grande Loja Feminina da França.

Ainda segundo Naudon, as ordens paramaçônicas voltadas para mulheres não se restringem apenas à Ordem do Arco-Íris. Somente na América há a Ordem da Estrela do Oriente, de 1850 (com 2 milhões de membros), a Santuário Branco de Jerusalém, de 1895 (com 1 milhão e 300 mil membros), a Ordem de Amaranth, de 1891 (sem quantia

divulgada). Na Inglaterra, existiu uma organização voltada para as mulheres, batizada de Honorável Fraternidade da Antiga Franco-Maçonaria.

ESTRELA DO ORIENTE E SANTUÁRIO BRANCO DE JERUSALÉM

Vamos analisar cada uma dessas ordens citadas. Já foi falado sobre a

Ordem do Arco-Íris, portanto, passemos para a seguinte. A Ordem da Estrela do Oriente é a maior organização fraternal no mundo, voltada tanto à captação de membros masculinos quanto femininos. É, portanto, uma Ordem Mista que ganhou projeção pelo fato de aceitar mulheres.

Foi estabelecida em 1850 por Rob Morris, um maçom que era advogado e educador em Boston, Massachussets. Baseia-se nos ensinamentos da Bíblia, mas é aberta às pessoas de todas as fés monoteístas. Possui aproximadamente dez mil Capítulos em vinte países e aproximadamente um milhão de membros ligados ao Grande Capítulo Geral.

Os membros possuem a idade mínima de 18 anos e há condições específicas para cada sexo: os homens devem ter atingido o grau de Mestre Maçom, enquanto as mulheres devem ter relações específicas com maçons. Originalmente, uma mulher deveria ser filha, viúva, esposa, irmã ou mãe de um Mestre Maçom, mas, agora, a Ordem abriu espaço para que não apenas outros graus de parentesco, mas também membros de outras organizações voltadas para as mulheres (incluindo membros da Arco-Íris) possam se associar quando atingirem a idade mínima.

O emblema da Ordem é uma estrela de cinco pontas e de cores (branco, azul, verde, vermelho e amarelo) com a ponta branca voltada para baixo. Na sala do Capítulo, essa ponta está voltada para o Oeste. Dentre as histórias ensinadas para os membros, há cinco que se destacam, todas retiradas da Bíblia, que são a da Ada (a filha de Jephthé, no Livros dos Juízes), Rute (a viúva), Ester (a esposa), Marta (irmã de Lázaro, do Evangelho de João) e Electa (a mãe, a “eleita”, de Il João).

A Ordem passou por um período de expansão e, hoje, está presente em vários países, incluindo Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Espanha, Alemanha, México, Panamá, Filipinas, Japão, Alaska, Porto Rico, Austrália,

Canadá e Brasil. Para se tornar membro é necessário acreditar num Ser Supremo, ser uma pessoa de boa conduta moral e ter consciência de um bom relacionamento de amizade, fidelidade e irmandade para que possa fluir a Harmonia.

As reuniões são realizadas em Templos Maçônicos ou Salas Capitulares. Para formar um Capítulo, são necessários dezoito membros, sendo dezesseis senhoras e dois Mestres Maçons, com o patrocínio de uma ou mais Lojas maçônicas regulares. No exterior, a ordem possui uma fundação de caridade e, entre 1986 e 2001, contribuiu com cerca de US\$ 513.147,00 (cerca de R\$ 935.569,61) para a pesquisa contra o Mal de Alzheimer, a diabetes e a asma juvenis. Também forneceu bolsas de estudo para estudantes de Teologia e de música sacra. Muitas jurisdições apoiam um centro de repouso ou asilo para idosos ligado diretamente à Maçonaria ou à Estrela do Oriente, com algumas delas abertas para o público.

Falemos agora sobre a Santuário Branco de Jerusalém. Essa ordem, que também possui caráter misto, foi fundada por Charles D. Magee em Chicago, Illinois, em 1894. A Ordem aceita membros de ambos os sexos, que devem também ter boas relações com a Estrela do Oriente, apesar desta não ser nenhum tipo de ordem derivada ou filial daquela.

Durante sua gestão como a mais respeitada Grande Matrona da Ordem da Estrela do Oriente, de 1892 a 1895, a senhora Mary C. Snedden recusou que fosse feita tal ligação entre as ordens. Diz ela, em documento oficial, que “está resolvido que não há graus conectados de nenhum modo além de fornecer e ensinar em nosso ritual. Qualquer membro que deseje representar algum dos Graus mais altos, ou qualquer grau além dos ensinados e fornecer detalhes deverá ser suspenso da Ordem”.

A Ordem do Santuário Branco de Jerusalém foi fundada oficialmente com

“propósitos sociais e benevolentes baseados no Cristianismo e na vida do

Nazareno e em Sua divindade como salvador da humanidade”, explica Shirley A. Naulty, Alta Sacerdotisa. A Ordem possui basicamente três aspectos principais: o fraternal e social, o espiritual e o caridoso. Esse último é conhecido como “Objetivo Material”. Por meio de um grupo eleito supremo de cinco membros que recebem oferecimentos de santuários subordinados, a Ordem ajuda “os menos afortunados, independentemente de raça, credo, cor, idade ou afiliação”.

Como suas atividades não estão restritas aos membros, a Ordem age como na Maçonaria Tradicional, com as

mesmas crenças. Vejamos um trecho que fala sobre as qualidades esperadas de um maçom, sem se importar a qual vertente (Tradicional, Mista ou Feminina) ele (ou ela) pertença, assinado pela Muito Soberana Grande Comandante Magdalena Cumsille, do 33º grau:

A Maçonaria está fundamentada nos princípios da solidariedade humana, liberdade de consciência e no espírito de corporação. Não coloca nenhuma restrição na procura pela verdade. E para assegurar esta liberdade exige de todos os membros da Ordem grande tolerância. Para um maçom, a liberdade de pensamento, palavras e ações é direito de toda a humanidade independente de raça, religião ou gênero. De acordo com um antigo costume da Maçonaria, os maçons declaram a existência de um Poder Supremo sob o nome de O Grande Arquiteto do Universo, ao mesmo tempo, deixam a Razão Humana em perfeita liberdade para divergir em relação aos Seus Atributos. A Maçonaria não é uma religião e não possui nenhuma teologia, dogma ou promessa de salvação. Todavia é uma organização religiosa e, neste sentido, procura ajudar cada um de seus membros na busca pela verdade e pela luz e os encoraja a praticar sua fé diligentemente. A Maçonaria exige que cada maçom seja tolerante com a crença do próximo por mais diferente que possa ser. A Maçonaria está aberta igualmente para homens e mulheres de qualquer raça ou religião, que acreditem em um Ser Supremo e tenham um forte caráter moral, que almejem a perfeição da humanidade através do serviço a Deus e a suas criaturas.

Esse é o pensamento reinante no Santuário Branco de Jerusalém. A Ordem possui cerca de 335 santuários com 32.625 membros, conhecidos como “temporários”, em 40 estados apenas nos Estados Unidos, mais o Canadá. A Pensilvânia possui a segunda maior cota de membros, com 3.346 “temporários” e 24 santuários. Qualquer um elegível é bem-vindo a entrar na Ordem, desde que possua requisitos como ser Mestre Maçom regular ou ser ligado a maçons.

ORDEM DE AMARANTH E HONORÁVEL FRATERNIDADE DA ANTIGA FRANCOMAÇONARIA

A Ordem de Amaranth é uma fundação mista criada em 1873. Como na Estrela do Oriente, os membros também devem ter no mínimo 18 anos, os homens devem ser Mestres Maçons e as mulheres ligadas aos homens por algum laço de parentesco, serem membros ativos da Arco-Íris ou de outro grupo paramaçônico por pelo menos três anos e ter uma carta de recomendação vinda de um maçom.

A Ordem é baseada na corte de Rainha Cristina da Suécia (1626-1689). Ela criou esse grupo para as senhoras e os cavaleiros de sua corte. Em 1860, James B. Taylor de Newark, Nova Jersey, baseou-se nessa forma original para criar uma nova sociedade fraternal, que só ganharia a forma hoje conhecida em 1873, com a supervisão de Rob Macoy, como parte de um Rito de Adoção da Maçonaria Tradicional. A Estrela do Oriente era para ser o primeiro grau e até 1921, os membros tinham de se juntar àquela Ordem antes de entrar para esta.

Nos ensinamentos encontrados na Amaranth, os membros são lembrados enfaticamente de seus deveres para com Deus, seu país e seus companheiros. São encorajados a retratar, por exemplo, sua crença na “Regra de Ouro” e adequar-se às virtudes inerentes em quatro pontos básicos: *verdade, fé, sabedoria e caridade*.

A Ordem é organizada em Cortes, subordinadas a Grandes Cortes estaduais. O corpo administrativo primário é chamado de Conselho Supremo, e tem algumas Cortes subordinadas diretamente. As mulheres que são membros são chamadas de “Honorável Senhora” (Honored Lady), enquanto os homens são conhecidos como “Senhor Cavaleiro” (sir Knight).

O quadro a seguir mostra os cargos e algumas de suas funções na Ordem:

CARGO	FUNÇÃO
Real Matrona	Oficial presidente
Real Patrono	Reforça as regras da Ordem
Matrona Associada	Assume as tarefas da Real Matrona em sua ausência
Patrono	Assume as tarefas do Real Patrono em sua ausência

Associado	
Secretário	Toma conta dos negócios da Corte
Tesoureiro	Toma conta do dinheiro da Corte
Condutora	Leva os candidatos pelos graus da Ordem
Condutora Associada	Auxilia a Condutora
Prelado	Lidera a Corte em oração
Historiadora	Mantém os registros da Corte
Marechal do Leste	Acompanha a Real Matrona e mostra a bandeira do país
Marechal do Oeste	Ajuda o Marechal do Leste
Organista	Fornece música para os encontros
Portador Padrão	Exibe a bandeira da Ordem
Zelador	Senta-se junto à porta dentro da sala de reuniões e se certifica de que aqueles que adentram o recinto são membros da Ordem
Sentinela	Senta-se junto à porta fora da sala de reuniões e se certifica de que aqueles que desejam entrar são membros da Ordem

Nossa última parada é na HFAFM (em inglês, Honourable Fraternity of Ancient Freemasons – HFAF). Trata-se de uma fraternidade para mulheres, organizadas por elas próprias, uma das poucas que são apenas para aquele sexo. Foi fundada em 1913, e a entrada é liberada para qualquer mulher de qualquer raça ou religião que seja capaz de professar sua crença num Ser Supremo.

Tem sede na Inglaterra e possui várias Lojas não apenas em terra como também na Ilha de Man, no extremo norte daquele país (em Carlisle) e ao sul (em Lewes e Bournemouth). Hoje, conta também com uma Loja em Gibraltar e duas na Espanha.

A HFAFM teve como primeira Grã-Mestra a senhora Elizabeth BoswellReid que comandou a Ordem de 1913 a 1933, sucedida por sua filha, a senhora Lily Seton Challen. Iniciou-se com a consagração de três Lojas, chamadas estabilidade (Stability) N. 1, Sabedoria (Wisdom) N. 2 (que depois mudou seu nome para Fidelidade - Fidelity) e Força (Strength) N. 3.

O progresso da Ordem foi severamente prejudicado pela eclosão da Primeira Guerra Mundial e muitos de seus membros dedicaram-se ao serviço voluntário. Mas, em 1916, o sonho de estabelecer os Altos Graus foi realizado com a consagração do Capítulo do Alto Esplendor (Chapter of Hidden Splendour) Número 1 do Sagrado Arco Real.

Em 1932, o Grau de Marca foi estabelecido quando a Loja de Marca de Keystone Número 1 foi consagrada, seguida do Grau 18º de Rosacruz na Rosa de Sharon Capítulo Número 1, em 1935. Em 1947, a fraternidade se mudou para Clive Court, em Kensington, no ano de 1955. Atualmente está no endereço 402 Finchley Road, em Londres.

O movimento feminino na França continuou seguindo as linhas da Maçonaria de Adoção até 1959, quando a Grande Loja Feminina da França decidiu trabalhar com o REAA. Isso levou à consagração de outras grandes Lojas Femininas em vários países como Bélgica, Itália, Suíça, Luxemburgo, Dinamarca, Turquia, Alemanha, Canadá e no continente americano como um todo.

CAPÍTULO 12

AS GRANDES LOJAS FEMININAS

Descobrir um lugar ao sol maçônico não é fácil. Por isso é de se esperar que, uma vez que as mulheres tenham resolvido ir em busca de um espaço para elas, também tenham sido criadas não apenas as Lojas regulares específicas, como também esses novos organismos tenham se esquematizado para fazer o que se poderia chamar de “governo paralelo” da Maçonaria, ou seja, órgãos não reconhecidos pelos tradicionalistas, mas que governam a sua parte do grande “reino maçônico”.

Dessa forma, é perfeitamente compreensível que uma busca nos livros já publicados sobre Maçonaria não resulte em nada sobre esse assunto. A maioria deles, escritos por maçons tradicionalistas, não traz muitas menções sobre essas Grandes Lojas. Os que o fazem trazem pouquíssimas informações, talvez por receio de darem muito espaço para um assunto tão polêmico.

Portanto, a melhor forma de divulgação continua sendo a internet. E, de fato, qualquer sistema de busca pode trazer informações sobre as chamadas Grandes Lojas Femininas, os órgãos que regularizam as atividades da Maçonaria Feminina. Neste capítulo, veremos a história e as particularidades de algumas delas. Começaremos com a Grande Loja Feminina da França, ou GLFF (de *Grande Loge Féminine de France*).

Foi criada oficialmente em 1952, apesar da decisão de sua criação ter sido tomada em 1945, só teve, porém, as colunas levantadas (referência às colunas de Boaz e Joaquim, colocadas sempre na entrada do Templo) naquele ano. Surgiu da união de cinco Lojas que se agruparam em 1946 na União Maçônica Feminina da França.

Seus trabalhos estavam em atividade desde que as Lojas Nova Jerusalém e Tebah foram criadas, em 1906. Elas existiram de maneira clandestina durante todo o período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) até se juntarem às demais para constituírem o novo órgão. É considerada uma obediência adogmática e de caráter liberal. Lembremos que este é um ponto em comum com a Maçonaria Tradicional, já que uma potência maçônica é, por definição, formada por no mínimo três Lojas federadas.

Historicamente, essa Grande Loja teve basicamente duas fases de existência e desenvolvimento, e a primeira fase foi a que envolveu as condições para o levantamento das colunas e diz que a União Maçônica Feminina da França foi “fundada por noventa e uma Irmãs que haviam sido iniciadas antes da invasão da França pela Alemanha em 1940”.

Sua origem está no fato da Grande Loja da França, de onde vinham as fundadoras, ter dado autonomia forçada para as Lojas onde elas haviam sido iniciadas, fazendo isso sob chantagem de não obter reconhecimento internacional por parte da Grande Loja Unida de Inglaterra (United Great Lodge of England ou UGLE). Esse foi o único motivo que impediu o reconhecimento internacional dessa Obediência. Segundo várias das fontes consultadas, esse é o motivo pelo qual a Grande Loja de França dá para as Lojas de Adoção Femininas a mais completa autonomia.

A primeira das Lojas envolvidas na criação da Grande Loja, a Nova Jerusalém, era recém-saída, em 1935, da Grande Loja Simbólica Escocesa, uma dissidência da Grande Loja Nacional de França. Era originalmente uma Loja de Adoção chamada Jerusalém de Adoção, uma Loja Simbólica que seguia o Rito Escocês Antigo e Aceito, sobre o qual falaremos no próximo capítulo.

Essa loja entrou para a Grande Loja de França, criando depois outras oito

Lojas de Adoção, todas seguidoras do REAA. Eram as lojas Libre Examen

(1911), Babeuf et Condorcet (em Saint-Quentin), Olivier Écossais (no Havre), Union et Bienfaisance, General Peigné, Minerve, Philosophie Sociale e Thébah (1935), em Paris. Todas contavam no total com 300 irmãs em 1935. O número, se comparado com o que havia antes e durante a invasão, era pouco, já que, naquela época, cerca de duas mil trabalhavam sob o comando da já comentada “Le Droit Humain”. Das 300, sobreviveram apenas 91, já que boa parte delas era constituída por mulheres que eram membros da resistência francesa e participavam de várias operações. Dezenas foram fuziladas ou sumariamente executadas, enquanto outras sucumbiram a torturas do invasor e deportações para campos de concentração ou prisões.

Depois que a Segunda Guerra finalmente acabou, as irmãs que sobraram participaram da nova fundação da União Maçônica da França, em outubro de 1945. Depois disso, ainda houve uma tentativa de se reintegrarem à Grande Loja da França, mas a Grande Loja Unida da Inglaterra insistiu no não reconhecimento da GLF pelos mesmos motivos

alegados antes da eclosão da guerra.

Das nove Lojas Simbólicas existentes em 1935, cinco se mantiveram na clandestinidade: a Nouvelle Jerusalem (resultado de várias outras), a Libre Examen, a General Peigné, Minerve e Thébah, e a General Paingné mais tarde abateu suas colunas, ou seja, fechou as portas.

No ano de 1952, as Lojas restantes, já cansadas do conflito com a Grande Loja inglesa, decidem formar a Grande Loja Feminina de França. Das anteriores só haviam quatro e a elas se juntou a loja Athéna (criada em 1948). Depois da formação oficial ter acontecido, foi criada, em outubro de 1952, a primeira Loja ligada à nova Obediência, chamada Oriente de Lile. Em Paris a primeira a ser criada foi a Cybele, em junho do ano seguinte.

Em novembro de 1954, surgiu a Loja Ísis, e a Venerável Mestre, Gisèle

Faivre, foi eleita onze vezes, em períodos diferentes, como Grã-Mestra da Grande Loja Feminina de França. Em trecho de um texto da GLFF lemos sobre ela:

(Faivre era) mulher de uma fibra e de um dinamismo notável. Ela conseguiu, em 1959, que comesçassem a atribuir à Grande Loja Feminina de França os primeiros graus acima do 3º (o de Mestre Maçônico) do Rito Escocês Antigo e Aceito, passando a partir desse ano a ser o Rito oficial da Obediência. Desde então abandonou-se o Rito de Adoção que ainda vigorava parcialmente.

Ela foi então a responsável pela mudança de Rito para o atual. Vale lembrar que o Rito de Adoção, sobre o qual se falou nos capítulos anteriores, era uma criação dos tradicionalistas e que, com esse gesto, a Grã-Mestra queria adotar o mesmo rito usado pelas Lojas Masculinas.

E como ela conseguiu isso, já que era mulher e não aceita pelos tradicionalistas? Por meio de uma atribuição na Ordem da Maçonaria Antiga, Livre e Aceita (em inglês, The Order of Ancient, Free and Accepted Mansonry, uma Obediência maçônica tradicional masculina inglesa). Essa conquista durou pelo menos onze anos e depois foi atribuído, em 1970, o último dos graus administrativos do REAA às Irmãs, que formaram o Supremo Conselho Feminino da França ligado a esse Rito, instalado em

Londres em abril de 1970 pelo Supremo Conselho Feminino do Reino Unido e da Commonwealth. Gisèle Faivre é eleita em junho de 1972 e assume como Soberana Grande Comendadora.

No ano seguinte, o Grande Oriente de França atribuiu a patente do Rito Francês ou Moderno para a Grande Loja Feminina de França. Em março, a primeira loja, Unité, surge com todos os graus do Rito atribuídos.

Em 1974, a loja l'Arbre de Vie é fundada na cidade de Lyon com a ajuda de irmãs da Grande Loja Tradicional e Simbólica Ópera (GLTSO). Elas seguem o REAA e sua carta patente para a utilização de tais graus vem em 1980 pelo Grande Oriente da França. Em 2000, é criada a Loja de Santo André, que obtém os graus filosóficos restantes do Rito.

Desde então, as iniciações das irmãs cresceram de forma constante entre os anos 1970 e 1980, com a criação de 76 Lojas, sendo 45 fora de Paris, 19 naquela cidade, seis no centro, mais quatro na Bélgica e duas na Suíça.

E como está a situação hoje? Segundo dados divulgados pela própria Grande Loja Feminina de França, há cerca de doze mil irmãs que frequentam 360 Lojas, sendo 312 apenas na França e as demais localizadas nos seguintes continentes:

1. Europa – Luxemburgo, Polônia, República Checa, Hungria, Sérvia, Romênia, Bulgária, Letônia e Lituânia.
2. África – Togo, Benin, Costa do Marfim, Camarões e Gabão.
3. América – Canadá, Venezuela e Haiti.
4. Territórios franceses da Oceania.
5. Oceano Índico.
6. Antilhas – Martinica, Guadalupe, Guiana Francesa, Ilha da Reunião, Taiti e Nova Caledônia.

Em 1978, foi criada a Loja A Rosa dos Ventos (La Rose des Vents), cujo nome é referência a função que lhe foi atribuída: a abertura à iniciação de mulheres em várias partes do mundo. Essa Loja contribui para a criação de outras sem limites de fronteiras, embora, antes disso, países como a Bélgica e a Suíça já contavam com Lojas ligadas à Maçonaria Feminina.

Em 1981, surgiu em Togo a Loja Fleur des temps, a primeira fora do continente europeu. Depois dela, outras foram criadas em países como Benin, Costa do Marfim, Camarões e Gabão.

De volta à Europa, vemos o surgimento de Lojas Femininas durante a década de 1980 em países como Luxemburgo, Espanha e Portugal. Já no atual século, surgem as Lojas da Hungria, Polônia, República Checa, Sérvia, Romênia, Bulgária, Letônia e Lituânia.

No final dessa década, a Grande Loja Feminina de França está envolvida na criação da Grande Loja Feminina de Marrocos. Para tanto, conta com a colaboração de outras Grandes Lojas Femininas e potências maçônicas, como o Grande Oriente Lusitano, o Grande Oriente Ibérico, o Grande Oriente da França e a Grande Loja Feminina Tradicional Ópera.

Por fim, a GLFF foi responsável pela instalação de outras Lojas de destaque, como:

1. Grande Loja Feminina da Suíça em 1976, doze anos depois do estabelecimento da Loja Lutèce em 1964.
2. Grande Loja Feminina da Bélgica em 1981, depois de estabelecer as duas primeiras lojas: Egalité a Oriente de Charleroi, em 1973 e Irini em Bruxelas em 1974.
3. Grande Loja Feminina de Portugal em 1996, depois da criação das duas primeiras Lojas, a Unidade e Mátria, em 1983, e a Lusitânia, em 1988, ambas ligadas ao Grande Oriente de Lisboa.
4. Grande Loja Feminina e Simbólica da Venezuela, em abril de 2005, a partir das lojas América (ligada ao Grande Oriente de Mérida), Despertar (ligada ao Grande Oriente de Barquisimeto) e Puerta del Sol (ligada ao Grande Oriente de Caracas).
5. Grande Loja Feminina da Espanha, em junho de 2005, criada a partir de três Lojas, da Catalunha: a Luz Primera e a Yetzirah (de Montserrat, ligadas ao Grande Oriente de Barcelona) e a Asyah del Canigou (ligada ao Grande Oriente de Gerona).

As Obediências listadas formam o CLIMAF (Centro de Ligação

Internacional das Maçonarias Femininas), fundado em 1982, em conjunto com a Grande Loja Maçônica Feminina da Itália, a Grande Loja Feminina da Alemanha (sendo a GLFF a terceira fundadora). Como se pode constatar, as “maçonas” francesas são mesmo bem-ocupadas.

GRANDE LOJA FEMININA DE PORTUGAL

Vimos nos capítulos passados um pouco das atividades das “maçonas” portuguesas. Então, é mais que justo falar um pouco sobre a história da Grande Loja Feminina de Portugal, visto que elas estão mais organizadas que suas contrapartes americanas.

O trecho a seguir foi retirado de um texto sobre a história da GLFF e é assinado por duas “maçonas”, Maria Belo e Manuela Cruzeiro, ambas também já citadas no capítulo anterior, por ocasião dos dez anos da Grande Loja, em 2007. Vejamos o que elas dizem:

Se é certo que a Grande Loja Feminina de Portugal perfez dez anos no dia 29 de Março de 2007, não é menos certo que a grande e feliz aventura começou muito antes. Deixem-me recordar. Eram os finais do ano de 1979. O Grande Oriente Lusitano queria comemorar o 130º aniversário do nascimento do Dr. Sebastião de Magalhães Lima, advogado, escritor, jornalista, um dos mais lúcidos e dedicados propagandistas dos ideais republicanos, ministro da Instrução Pública após a revolução de 14 de Maio de 1915 e, principalmente, para os Membros do Grande Oriente Lusitano, um dos mais ilustres GrãoMestres da História dessa Obediência Maçônica. O Grande Oriente Lusitano queria utilizar a Biblioteca Nacional para organizar as comemorações à altura do ilustre comemorado: uma exposição documental e iconográfica, ilustrada com colóquios e conferências. Tudo isto durou duas semanas, durante as quais tivemos muitas ocasiões para conhecer melhor o GrãoMestre do Grande Oriente Lusitano de então, o Comandante Simões Coimbra, assim como o Dr. Pisani Burnay, alto dignitário dessa mesma Obediência, assim como muitas outras personalidades, diríamos hoje: “muitos outros Irmãos” [...] Passadas estas comemorações, começou a aventura.

Essa aventura começou em 1997, quando essa Obediência foi fundada com as mesmas características vistas na GLFF. Sua história possui também duas fases, sendo que a primeira começou quando as Lojas Unidade e Mátria (com início de atividades em 1983) e Lusitânia (fundada em 1988), ambas ligadas ao Grande Oriente de Lisboa, resolveram se unir. A elas se juntou a terceira Loja, chamada de África.

Em março de 1996, foi criada a Grande Loja Feminina de Portugal, produto da união das três lojas supracitadas, numa cerimônia realizada no

Palácio Maçônico do Grande Oriente Lusitano. Sobre essas Lojas, as “maçonas” comentam em seu artigo:

Em 1983, instalada a primeira Loja portuguesa, Unidade e Mátria, começou o recrutamento das Mulheres portuguesas que trabalhariam até 1997 [...] 24 anos [...] para construir a Grande Loja. Falemos de alguns números e fatos dedicados às que vieram depois de 1997. Como foi dito, nos primeiros dias de Outubro 1982 foram iniciadas as primeiras quatro mulheres maçons desta 2ª República (embora a primeira, forte e valente, não tivesse sido exatamente uma república). A 6 de Maio de 1983, levantou colunas a segunda Loja portuguesa (uma existiu nos primórdios do século 20) se apenas contarmos as Lojas femininas independentes e não as de adoção. 15 maçonas da GLFF, francesas, depois de um ano de reuniões preparatórias, receberam luz verde para iniciar a maçonaria feminina em Portugal como fundadoras da Loja Unidade e Mátria. Nela foram integradas as quatro aprendizas, que nesses dias subiram a companheiras tendo sido iniciadas 6 novas maçonas.

A Unidade e Mátria cresceu e já tinha iniciado 33 Irmãs, o que dispensava a presença das suas fundadoras. Levantou colunas em fevereiro de 1988. Enquanto isso, a Loja Lusitânia, ligada ao Grande Oriente de Lisboa, contou com quinze fundadoras, das quais, quatro portuguesas ainda sem ofício. Outra Loja, a Invicta (ligada ao Grande Oriente do Porto) possuía quatorze fundadoras, das quais seis eram portuguesas Mestras já com ofícios. Havia também duas Companheiras, adjuntas de ofícios. Todas eram diferentes e se empenharam para obter a participação de dezenove Mestras francesas e dez mestras e duas Companheiras portuguesas. E algumas delas eram de outras cidades (dentre elas o Porto) e até de outros países (uma delas era de Luxemburgo) e tinham de ir para Lisboa para poder participar dos trabalhos.

A partir disso, as condições para o desenvolvimento das Lojas estavam criadas. Em fevereiro de 1992, cerca de dez anos após o início das iniciações de “maçonas” portuguesas, era criada a quarta Loja, Oriente da Figueira da Foz, com dezessete fundadoras, das quais apenas duas eram francesas. As autoras do artigo ainda acrescentam:

Foi assim que, em 1993, haviam já sido iniciadas em Portugal 88 mulheres, começaram os trabalhos diretos para a criação da GLFP. Foram trabalhos preparatórios e exploratórios, de maturação. E a partir de 21 de Dezembro de 1994, com diversas reuniões entre as quatro Veneráveis das Lojas, foi feito o arranque final com a ajuda direta da GLFF. Durante um ano, os primeiros passos foram, como era natural, hesitantes. Até que, em Janeiro de 1996, a Grã-mestra adjunta da GLFF, Marlène Vannier, reuniu com as Irmãs disponíveis (24 Mestras, 8 Companheiras e 10 Aprendizais). Nessa reunião foram fixadas as condições e regras para a estruturação da Obediência de forma a que no Congresso da GLFF desse ano, em Setembro, fosse votado o nosso pedido de patente que seria entretanto apresentado e assinado pelas quatro Veneráveis Mestras das Lojas portuguesas, pedido a que teria de se juntar o nosso projeto de Constituição. Foi constituída uma Comissão de Coordenação de 12 Mestras, cada Loja tendo eleito, em Sessão e por voto secreto 3 Mestras com mais de três anos. Esta Comissão tinha por mandato elaborar os termos da Constituição da futura Obediência e de os submeter a uma AG para que seriam convocadas todas as Mestras. O projeto a discutir e votar teria de ser sujeito às Lojas com um mês de antecedência. O voto positivo necessitaria de 2/3 das Mestras presentes.

No final deu tudo certo e, hoje, a GLFP possui o que é definido como “uma estrutura organizativa democrática de poder, baseada numa Constituição interna aprovada pelo o poder legislativo que é exercido pela Assembleia Geral e tem um poder executivo que é exercido pelo Conselho Federal”, presidido pela Grã-Mestra com pelo menos uma Grã-Mestre Adjunta que a auxilia, numa estrutura semelhante à adotada pela GLFF, que, afinal de contas, é sua verdadeira origem.

Assim, a GLFP tornou-se o que se pode chamar de uma federação de Lojas que trabalham nos três primeiros graus da Maçonaria Simbólica. Como obediência maçônica, segue o REAA e deixa que suas Lojas escolham o rito no qual queiram trabalhar. Os mais usados hoje em dia são o REAA e o Rito Francês ou Moderno, presente em duas Lojas, a Unidade e Mátria e a Nove Irmãs, respectivamente a primeira e a última a serem fundadas depois do estabelecimento da Grande Loja.

O RITO FRANCÊS OU MODERNO

A título de curiosidade, vale algumas linhas sobre o Rito Francês ou Moderno. Foi criado em Paris em 1761, constituído em dezembro de 1772 e proclamado em março de 1773 pelo Grande Oriente da França. Possui a seguinte estrutura de graus:

- a. Graus simbólicos – Aprendiz, Companheiro e Mestre.
- b. Graus capitulares – Eleito (primeira ordem), Escocês (segunda ordem), Cavaleiro do Ocidente (terceira ordem), Rosacruz (quarta ordem).

É, hoje, o Rito mais difundido pelas Lojas francesas dentro e fora da

França e também nas numerosas Lojas dos países latinos da Europa e da América. É considerado como um Rito muito sofisticado e científico. Por definição, é um Rito “que expressa a mais verdadeira e cristalina essência da Ordem dos Maçons”.

Possui em si algumas diferenças em relação ao REAA, que são apresentadas a seguir:

ORDENS DE SABEDORIA – COMO O CONJUNTO DA ALTA MAÇONARIA

FILOSÓFICA, COMPREENDE CINCO ORDENS DE SABEDORIA

1ª Ordem	Eleito ou Eleito Secreto
2ª Ordem	Grande Eleito ou Grande Eleito Escocês
3ª Ordem	Cavaleiro Maçônico ou Cavaleiro do Oriente
4ª Ordem	Soberano Príncipe Rosacruz, Cavaleiro da Águia e do Pelicano ou Perfeito Maçônico Livre
5ª Ordem	Ilustre e Perfeito Mestre

Guardadas as proporções, os nomes são adaptados para o gênero feminino.

EQUIVALÊNCIAS ENTRE O RITO FRANCÊS E OUTROS COMO O REAA

1ª Ordem	9º ou mais (Mestre Eleito dos Nove)
2ª Ordem	14º e mais (Grande Escocês da Abóbada Sagrada)
3ª Ordem	18º e mais (Cavaleiro Rosacruz)
4ª Ordem	30º e mais (Cavaleiro Kaddosch)
5ª Ordem	33º (Grande Inspector Geral)

EQUIVALÊNCIAS COM O RITO ESCOCÊS RETIFICADO

1ª à 4ª Ordem	Mestre Escocês de Santo André e mais
5ª Ordem	Cavaleiro Benfeitor da Cidade Santa (CBCS)

Por volta de 1802, o maçom Hipólito José da Costa trouxe de Londres e Paris uma Carta Patente para que o Grande Oriente Lusitano entrasse em funcionamento. Dois anos depois, foi assinado um Tratado de Amizade entre o Grande Oriente da França e o de Portugal. Isso faz os pesquisadores suporem que essas Ordens de Sabedoria do Rito Francês já existiam anteriormente em Portugal, embora não existam documentos que comprovem. Apenas a Constituição do Grande Oriente Lusitano de 1806 faz referência nos capítulos terceiro e décimo terceiro às diferentes Ordens e

Capítulos do Rito Francês. Isso leva a crer que tenha havido um Soberano Grande Capítulo de Cavaleiros Rosacruz, bem como vários capítulos tenham usado esse Rito não apenas no território português como também nas colônias então ligadas àquele país.

No Brasil, o Rito apareceu no início do século XIX, quando o Grande Oriente do Brasil (GOB), que foi a primeira Obediência maçônica a entrar em atividade, foi fundado em 1822. Naquela época, ele adotou o Rito Francês ou Moderno antes de passar para o REAA, introduzido em 1832.

Portanto, podemos perceber a importância dos Ritos para a Maçonaria, seja ela Tradicional, Mista ou Feminina. Afinal, é por meio dele que os trabalhos são conduzidos e os resultados obtidos.

CAPÍTULO 13

JOÃO, O EVANGELISTA

Pode parecer estranho para a maioria dos não iniciados quando alguém afirma que a Maçonaria tem ligações estreitas com santos consagrados pela Igreja Católica. Ainda mais depois que se ouve tanta bobagem sobre os motivos secretos de sua adoração, que alguns insistem em lembrar, dos boatos que envolvem bodes e outros objetos pouco definíveis.

É importante afirmar que os maçons possuem não apenas um profundo respeito pelos santos que todos conhecem, como também os adota. E não é por acaso que dois desses santos são citados neste trabalho, ambos com o mesmo nome: João. O primeiro, que veremos neste capítulo, é o chamado João, o Evangelista, e o segundo, João Batista, será objeto de estudo do próximo capítulo.

Tanto um quanto o outro são adotados como patronos. Os dias de comemoração são 24 de junho para São João Batista, que corresponde à mesma data em que a Grande Loja da Inglaterra, em 1717, foi estabelecida (sua importância será explicada mais a frente), e 27 de dezembro, para São João Evangelista. Essas duas datas coincidem também com as de dois solstícios anuais (por definição um solstício é momento em que o Sol, durante seu movimento aparente na esfera celeste, atinge a maior declinação em latitude, medida a partir da linha do equador). Pesquisadores da Maçonaria, como José Castellani, afirmam em seus escritos que as duas datas marcam um momento de transição, com o fim de um ano cósmico e o começo do seguinte, que marca o nascimento de Jesus.

Um parágrafo que é muito citado pelo venerável Mestre no início dos trabalhos de uma Loja diz:

Em nome do Grande Arquiteto do Universo e em honra a São João, nosso Patrono, sob os auspícios do Grande Oriente de (local com a ligação maçônica), a Augusta e Responsável Loja Simbólica (nome da Loja), Nº, está agora em sessão.

O patrono, claro, pode variar de acordo com aquele para qual a Loja é consagrada quando é estabelecida. A adoração aos “Joões” é conhecida e divulgada pela Maçonaria, tanto que já foi alvo até das especulações dos amantes de conspirações e daqueles que acreditam na legitimidade do Priorado de Sião e da obra de Dan Brown, que tanto alardeou essa ligação.

Uma pergunta, entretanto, fica no ar: por que a data de estabelecimento da Grande Loja da Inglaterra é tão importante? Primeiro, por ser coincidente com o dia de São João Batista, e, segundo, porque a história da Maçonaria moderna realmente começa a ser registrada a partir daquele dia, quando os membros de quatro Lojas se reuniram para formar a mãe de todas as Lojas. A partir de então, toda a Maçonaria moderna encontra a origem de seu sistema de governo baseado em Grandes Lojas.

Mas voltemos ao nosso assunto principal, que é estabelecer as correlações entre os “Joões” e a Maçonaria. Castellani afirma em seus escritos:

O homem imaginou os solstícios como aberturas opostas do céu, como portas, por onde o Sol entrava e saía, ao terminar o seu curso, em cada círculo tropical. Temos o solstício de Câncer, ou da Esperança, alusivo a São João Batista (verão no hemisfério Norte e inverno no hemisfério Sul). Enquanto que o solstício de Capricórnio, ou do Reconhecimento, alusivo a São João Evangelista (inverno no hemisfério Norte e verão no hemisfério Sul).

A partir do momento que uma Loja é consagrada a um dos “joões”, teremos a seguinte associação, que representa dois aspectos básicos da iniciação: a Consciência = água = Esquadro, e o do Espírito = fogo = Compasso. Isso seria, segundo os maçons, uma associação com a passagem de João III:5, que afirma:

Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

Assim, a Loja consagrada passa a ser um local de iniciação plena, onde os obreiros constroem o Templo (a obra) traçada de acordo com os planos do Grande Arquiteto do Universo.

Há autores maçons que fazem um paralelo ainda maior entre o relacionamento dos discípulos de Jesus. Afirmam que eles eram “irmãos, amigos e amigos dos amigos”. E esse mesmo espírito é o que se encontra na Maçonaria, que possui o mesmo princípio do Amor como seu fruto.

Em texto divulgado por comunidades maçônicas na internet, temos uma comparação que pode iluminar ainda

mais a análise em questão. Para eles, há a seguinte correlação:

Uma Loja de São João é Justa, simbolizada por Batista, quando seus obreiros andam na linha horizontal agindo corretamente, como simboliza o Esquadro, induzindo-os à autodisciplina que lhes proporciona a liberdade. é Perfeita, simbolizada por Evangelista, quando seus obreiros curvam-se humildemente na verticalidade, como simboliza o Compasso, apoiados no seu centro (coração - Eu Superior) buscam a evolução consciente através do amor fraternal (fraternidade).

Portanto, o Esquadro Justo e o Compasso Perfeito se entrelaçam como companheiros, sendo ambos “Joões” na formação do núcleo que gera a pedra fundamental do Templo Interior. Dentre os objetivos a serem alcançados está a igualdade a ser adquirida pela expansão da consciência em sua plenitude.

Com certeza, a simbologia utilizada pela Maçonaria é profunda e cheia de simbolismo que, para os leigos, é realmente difícil de entender, já que parece navegar num mar de metáforas. Este não é, porém, o objetivo deste trabalho e para o leitor mais interessado, recomendo meus outros estudos de Maçonaria já publicados.

Já vimos, pelos parágrafos anteriores, que os dois “Joões” são importantes e considerados como peças fundamentais na simbologia maçônica das Lojas. Mas por que a escolha desses dois personagens bíblicos?

A questão deita por terra as acusações infundadas de que a Maçonaria tem elementos pagãos ou que se dedica a estudos proibidos. Dá para acreditar que uma organização supostamente maligna dedicaria seu local de atuação para santos, cuja simbologia está tão ligada à religião tradicional?

O importante agora é verificarmos a ligação entre esses santos e a

Maçonaria. E é o que faremos a partir de agora. Portanto, preparem-se para um mergulho nas profundezas do conhecimento maçônico. Começemos com João Evangelista, essa figura tão analisada e envolta nas mais diversas correntes do esoterismo, que foi supostamente substituída no mural da Última Ceia para dar lugar a Maria Madalena.

BIOGRAFIA

Começamos levantando o que sabemos sobre João Evangelista. A data de sua morte teria sido por volta do ano 110 e ele era conhecido na Bíblia com o nome de “O Discípulo Amado”. Esse nome também é usado como o autor do Evangelho de João e da Primeira Epístola de João. Um detalhe:

tradicionalmente se atribui a autoria das Segunda e Terceira Epístola de João e a autoria do Livro do Apocalipse a outros “Joões”, incluindo João, o Presbítero (uma figura obscura dentro da tradição da Igreja, muitas vezes identificado como uma variação do Evangelista) e João de Patmos (o autor do Apocalipse, outra figura misteriosa identificada com o mesmo discípulo).

O Evangelho de João se refere ao Discípulo Amado de Jesus, que foi testemunha da mensagem do evangelho. Muitos estudiosos que analisam o Novo Testamento afirmam que os editores do evangelho em questão, que registraram a morte do Discípulo Amado, pareciam interessados em manter o anonimato do autor do texto. Aparentemente, esse discípulo não era bem-conhecido, mas sobreviveu por muito tempo ao próprio primeiro papa, Pedro.

O apóstolo João foi uma figura histórica importante, considerado um dos pilares da igreja de Jerusalém após a morte de Jesus. Muitos acadêmicos acreditam que João foi martirizado junto com seu irmão, como Jesus previu em pelo menos duas passagens do Novo Testamento. A primeira foi em Marcos X,39:

E eles lhe disseram: Podemos. Jesus, porém, disse-lhes: Em verdade, vós bebereis o cálice que eu beber, e sereis batizados com o batismo com que eu sou batizado.

E a segunda em Atos dos Apóstolos (XII,1-2):

E por aquele mesmo tempo o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja, para os maltratar/ E matou à espada Tiago, irmão de João.

A tradição afirma que João viveu até uma idade avançada em Éfeso e que escreveu seu evangelho no final do século II. Os acadêmicos modernos, entretanto, não acreditam que João tenha escrito nenhum dos textos a ele atribuídos.

Sendo ou não o autor, o fato é que se trata de uma figura lendária e respeitada por sua importância religiosa. A tradição cristã afirma que o Evangelista foi um dos doze apóstolos originais, o único que morreu de idade avançada e que não foi martirizado por sua fé.

Era filho de Zebedeu e Maria Salomé, além de irmão de Tiago Maior. Os evangelhos também nos dizem que o pai deles possuía alguns barcos e empregados que trabalhavam para ele. A mãe, inclusive, é apontada como uma das santas mulheres que acompanhavam Jesus para servi-Lo.

Nos evangelhos, os dois irmãos são chamados com a identificação de seu pai, ou seja, são “filhos de Zebedeu”. Os dois receberam de Jesus a título honorário de Boanerges, ou seja, Filhos do Trovão, conforme descrito por Marcos (III,17). Originalmente eram pescadores e realizavam sua profissão, juntamente com seu pai, no Lago de Genesaré (ou Mar da Galileia). De acordo com os tradicionalistas, eles foram por certo tempo discípulos de João Batista e foram chamados por Jesus para compor seu grupo de seguidores, juntamente com Pedro e André, conforme informação do Evangelho de João (I,35-42). Foi do Batista que receberam o sacramento do batismo, pois eram zelosos e queriam se preparar para a vinda do Messias. Os primeiros discípulos voltaram com seu novo Mestre da Jordânia à Galileia e aparentemente João e os demais ficaram por um bom tempo com Jesus.

Depois de seu segundo retorno da Judeia, João e seus companheiros voltaram às suas atividades de pescadores até que foram chamados por Jesus para serem discípulos em definitivo, segundo Mateus (IV,18-22) e

Marcos (I,16-20). Na lista de apóstolos que aparecem em vários livros do

Novo Testamento, João aparece em terceiro lugar (Atos I,13), em segundo (Marcos III,17) e em quarto (Mateus X,3 e Lucas VI,14), mas sempre atrás de Tiago, com algumas exceções.

Logo, a preeminência caiu sobre os chamados “escolhidos dos escolhidos”: os discípulos Pedro, Tiago e João. Os três juntos participaram dos principais eventos da vida de Jesus, como a ressurreição da filha de Jairo, a transfiguração no Tabor e a agonia no Horto das Oliveiras.

João também foi um dos quatro presentes quando Jesus revelou os sinais da ruína de Jerusalém e do fim do mundo. Mais para frente, foi encarregado, juntamente com Pedro, a quem nutria uma profunda amizade, de preparar aquela

que seria a Última Ceia.

O motivo pelo qual foi identificado como o misterioso Discípulo Amado é que ele sempre foi marcado em sua vida por sua pureza de vida, inocência e, segundo algumas fontes da Igreja Católica, por ser virgem. E isso não provocava inveja ou emulação (sentimento que leva a igualar ou a superar alguém). Tanto que, quando queriam algo em específico de Jesus, pediam para que João o obtivesse, já que seu gênio e bondade de espírito o faziam estar nas boas graças de todos.

Mesmo os momentos mais conhecidos do Novo Testamento e dos evangelhos canônicos podem trazer passagens que retratem certos momentos cruciais para o conhecimento oculto. Por exemplo, quando, durante a Última Ceia, Cristo quis ter João à sua direita, para que este se recostasse em seu coração, diz o venerável Santo Agostinho (também conhecido como Agostinho de Hipona, 354-430) que, nesse momento, já que estava tão próximo da luz divina, absorveu dela altos segredos e mistérios, que apenas anos depois entregaria aos cuidados da já estabelecida Igreja.

No entanto, nem tudo é incensurável no comportamento do apóstolo. Seu grande momento de fraqueza se deu quando Jesus foi preso e ele fugiu com os outros discípulos. Foi ele que, porém, tomado de coragem e temor, foi ao palácio do Sumo Sacerdote acompanhar de longe a Paixão. Não saiu de perto da trágica cena a não ser para comunicar à Maria, mãe de Jesus, o que acontecia. Foi com ela até o Calvário e permaneceu ao pé da cruz até o fim. Sobre ele, diz São Jerônimo (347-419/420), cujo nome original era Eusebius Sophronius Hieronymus, tradutor da Bíblia do grego antigo e do hebraico para o latim, em seus escritos:

João, que era virgem, ao crer em Cristo permaneceu sempre virgem. Por isso foi o discípulo amado e reclinou sua cabeça sobre o coração de Jesus. Em breves palavras, para mostrar qual é o privilégio de João, ou melhor, o privilégio da virgindade nele, basta dizer que o Senhor virgem pôs sua Mãe virgem nas mãos do discípulo virgem.

TESTEMUNHA DA PAIXÃO E MARTÍRIO

João foi assim o único apóstolo que presenciou e sofreu a Paixão. Por isso é considerado como uma testemunha da verdade, já que também teria servido de apoio à Maria. Essa passagem é contestada por diversos pesquisadores, que não só afirmam que não há nenhuma passagem que cite o Discípulo Amado pelo nome de João, como também signifique que o verdadeiro discípulo citado pudesse ser alguém não conhecido como tal, como José de Arimateia, que recolheu o sangue de Cristo com o Santo Graal. A corrente de pensamento mais forte, entretanto, liga tal definição a João, o Evangelista e é a mais aceita no momento.

João também foi um personagem importante em outros momentos. Quando, no Domingo da Ressurreição, Maria Madalena foi até os discípulos para dizer que o Túmulo de Jesus estava vazio, foi ele o primeiro a correr para o local, seguido de perto por Pedro. Mais tarde, quando estava no Mar de Tiberíades, foi o primeiro a reconhecer Jesus na margem.

Já transfigurados em apóstolos, ele e Pedro estavam juntos quando, ao irem rezar no Templo junto à porta Formosa, um coxo pediu-lhes esmola. Pedro o curou e em seguida pregou ao povo que havia se reunido para testemunhar tal milagre. No dia seguinte, ele e João foram presos porque defendiam sua fé em Jesus diante dos fariseus. Este e o próximo episódio estão relatados nos Atos dos Apóstolos.

Quando o Diácono Felipe se converteu e batizou muitos na Samaria, era necessária a presença de um apóstolo para que conseguissem serem crismados. E os escolhidos foram, mais uma vez, a dupla Pedro e João.

Curiosamente, encontramos menção a João apenas em mais um trecho do Novo Testamento, que é quando São Paulo, em sua terceira ida a Jerusalém, narra em sua Epístola aos Gálatas (II, 9) que encontrou “Tiago, Cleofas e João, que são considerados as colunas” e que, ao reconhecerem a graça concedida a Paulo de pregar o Evangelho, “deram as mãos a mim e a Barnabé em sinal de pleno acordo”. Depois disso, os evangelhos se calam sobre seu destino.

A tradição afirma que João permaneceu com Maria pelo resto da vida dela. Ele também se dedicou à pregação e teria permanecido com Maria em Jerusalém e depois em Éfeso. Um dos textos mais antigos sobre o assunto é assinado por um certo abade Fillion e se chama *A Santa Bíblia Comentada*. Lá, há a seguinte observação sobre a estadia de João nas duas cidades citadas:

Dois motivos principais deveriam ter ocasionado essa mudança de residência:

de um lado, a vitalidade do cristianismo nessa nobre cidade; de outro, as perniciosas heresias que começavam a

germinar. João queria assim empenhar sua autoridade apostólica, quer para preservar quer para coroar o glorioso edifício construído por São Paulo; e sua poderosa influência não contribuiu pouco para dar às igrejas da Ásia a surpreendente vitalidade que elas conservaram durante o século II.

Após a dormição de Maria (termo usado pela Igreja Católica para designar o fim de sua vida terrena) e a ascensão dela aos Céus, João fundou muitas comunidades cristãs na Ásia Menor, também conhecida como Anatólia ou Península Anatoliana, região do extremo oeste da Ásia que corresponde hoje à porção asiática da Turquia, em oposição à porção europeia, a Trácia.

Depois disso, ocorre o martírio de São João, que é lembrado no dia seis de maio. O apóstolo é preso por ordem do imperador Domiciano (51-96). Em Roma, João foi flagelado e colocado num caldeirão de azeite fervendo. A tradição afirma que ele saiu das provas sem sofrer danos e que o imperador, espantado com o milagre, não quis tentar uma segunda leva de martírios e o mandou em exílio para Patmos, que era pouco mais que um rochedo. Lá, é que ele escreveu o Apocalipse, considerado até hoje o mais misterioso livro da Bíblia.

João voltaria a Éfeso apenas após a morte de Domiciano. Foi lá que, de acordo com padres e doutores da Igreja, foi combater as doutrinas nascentes de Cerinto (que afirmava que o espírito de Cristo veio a Jesus no momento do seu batismo, guiando-lhe em todo o seu ministério, mas que o abandonou momentos antes de sua crucificação) e de Ebion (que pregava que Jesus não teria vindo abolir a Torá como prega a doutrina paulina). Foi durante esse período que João teria escrito seu evangelho.

Para obter a atenção dos fiéis, ordenou que fizessem um jejum rigoroso, que ele mesmo seguiu, e, em seguida, ordenou a Prócoro, um discípulo seu, que anotasse seu evangelho. Tal texto é considerado como um dos mais puros pela Igreja a ponto de estar no ordinário da missa promulgada por São Pio V. João escreveu também três epístolas que visavam estabelecer a verdadeira doutrina contra erros incipientes que se infiltravam na Igreja.

O Discípulo Amado teria morrido, de acordo com a tradição, em Éfeso, em 27 de dezembro de 101 ou 102. Alguns estudiosos da Bíblia, porém, levantam a hipótese dele não ter falecido com base em João XXI,15 a 23.

Após a pesca milagrosa no Lago de Tioberíades, após a ressurreição de Jesus. O Mestre confia Sua Igreja mais uma vez a Pedro. Este pergunta, referindo-se a João: “E este? Que será dele?”. A resposta de Jesus foi: “Que te importa se eu quero que ele fique até que eu venha?”. E João comenta: “Correu por isso o boato entre os irmãos de que aquele discípulo não morreria. Mas Jesus não lhe disse ‘não morrerá’, mas ‘que te importa se quero que ele fique assim até que eu venha?’”.

RAÍZES ESOTÉRICAS

A motivação esotérica que garante o destaque de São João Evangelista como um dos principais santos mantidos pela Maçonaria possui uma raiz esotérica muito conhecida. A tal origem remontaria à época dos *Colegiatti Fabrorum* dos romanos. Esses “colégios” eram congregações compostas por artesãos de diferentes ofícios, aos quais também constavam os profissionais que trabalhavam com construções como os pedreiros. Esses grupos, conforme relata Paul Naudon em sua obra *A Franco-Maçonaria*, acompanhavam as tropas romanas para o trabalho de reconstrução e instalação da administração imperial, nas terras conquistadas e colonizadas. Diz o autor:

Com eles ia a sua religião ou religiões, para ser mais exato, ainda que entre os romanos a predominante fosse a da adoração à Mitra, que era representado por uma figura humana. No lugar da cabeça, um Sol. Havia muitos outros deuses, notadamente, o de Jano, uma figura de duas cabeças coladas e opostas, cada uma olhando em sentido contrário a da outra, e que simbolizavam: uma, o solstício da entrada do verão (24 de junho, hemisfério norte); a outra, o solstício da entrada do inverno (27 de dezembro, hemisfério norte). Esses solstícios estão sempre presentes, nas festas pagãs, porque são vinculadas à Natureza.

Assim, encontramos a explicação para a associação entre os santos “Joões” e os solstícios. Também, é por esse tipo de associação que temos a justificativa para as festas juninas e natalinas. A religião romano-cristã, sem conseguir se desvencilhar dos costumes populares antigos, sincretizou as datas para que assumissem um aspecto cristão.

Entre a Maçonaria operativa, essas datas ainda sobrevivem, justamente por terem um lado esotérico. Afinal, eram os colégios antigos que recebiam os conhecimentos das sociedades iniciáticas antigas, grande parte delas praticantes de ritos solares. Joaquim Gervásio de Figueiredo, mestre maçom de 33º grau, em seu *Dicionário de Maçonaria*, cita sobre as festas consagradas aos “Joões”:

Para celebrá-las, as Grandes Lojas se reúnem em assembleia geral, e as Lojas, em sessão magna. Aproveitam-se também, frequentemente, essas ocasiões para realizar a cerimônia de posse dos Grão-Mestres, Veneráveis e dignitários eleitos, a não ser que sejam outras as prescrições de seus estatutos e regulamentos.

Vale lembrar que o nome João é usado em outras terminologias da

Maçonaria. Por exemplo, os três primeiros graus simbólicos (Aprendiz, Companheiro e Mestre) são também conhecidos como *Graus de São João*. Além desses, há alguns títulos que usam o nome dos santos, como:

Grande Adepto da Águia Negra e de São João – Título do quinto grau da Ordem do Templo.

Grande Cruz de São João – Grau templário de Capítulos da Suécia.

Iniciado de São João – Oitavo grau do sistema sueco.

Íntimo de São João – Nome do sexto grau do sistema da Suécia. *Irmão de São João* – Título usado por obreiros de corporações francomaçônicas durante o século VI.

Lojas de São João – Título aplicado a todas as Lojas Simbólicas.

Também conhecido como Maçonaria de São João.

Ordem dos Cavaleiros de São João – Nome designado, embora de maneira errônea, aos Cavaleiros de Malta.

CAPÍTULO 14

SÃO JOÃO BATISTA

O segundo João reverenciado pelos maçons é o precursor de Jesus, São João Batista. Figura, inquestionavelmente, misteriosa e complexa, é um dos personagens bíblicos mais estudados pelas várias vertentes do esoterismo moderno. Para se ter uma ideia, quando começaram a acusar os Templários de serem hereges e praticarem atos condenáveis, a tal “cabeça decepada” que eles supostamente adorariam era, para alguns, nada mais, nada menos que a cabeça decepada de João Batista. Já outros pesquisadores afirmam que os Templários adoravam João Batista porque, teoricamente, sabiam que ele era o Messias, e não Jesus.

Enfim, teorias não faltam para a verdadeira razão pela qual João Batista é tão estudado e considerado. Mas, a verdade, como já foi exposto no capítulo anterior, é a de que foi no dia de São João Batista que a Grande Loja da Inglaterra foi fundada, em 24 de junho de 1717. O que mais intriga os não iniciados é que, já que os próprios maçons admitem que não se trata de uma religião e sim de uma filosofia, por que eles se importariam com o santo do dia de inauguração de um órgão maçônico? Não podemos deixar de fazer algumas observações que serão úteis para entender o ambiente no qual tais tradições foram criadas. Por exemplo, sabemos que a Maçonaria surgiu, historicamente falando, numa época em que a Igreja Católica Romana estava no auge de seu poderio espiritual e temporal. Era também um período em que os santos eram venerados e respeitados, mais até que os reis e rainhas. E, na Grã-Bretanha, cada local possuía seu santo protetor. Por exemplo, São Jorge era o patrono da Inglaterra, enquanto Santo André ficava com a Escócia e Santo Albano, com a Irlanda. João, o Evangelista foi associado aos maçons porque os monges beneditinos sempre levavam para os trabalhos religiosos de uma oficina maçônica de pedreiros operativos, um exemplar do Evangelho Segundo São João.

Quando a data de fundação da Grande Loja da Inglaterra chegou, era dia de São João Batista. A partir de então, ele foi adotado como santo patrono dos maçons. É claro que o fato de haver muitos “Joões” deu pano para a manga e causou muita confusão entre os maçons, que, às vezes, confundiam o João Batista ora com o Evangelista, ora com outros santos “Joões”. Para se ter uma ideia, vejamos os nomes de apenas alguns santos que possuem João no nome e já foram canonizados pela Igreja Católica:

- São João Berchmans
- São João Brebeuf
- São João Calibita
- São João de Chinon
- São João de Sahagum
- São João, o Silencioso
- São João, o da Cisterna
- São João Clímaco
- São João I
- São João de Nápoles
- São João Batista de Rossi
- São João Batista Maria Vianney
- São João Bosco
- São João Câncio
- São João Capistrano
- São João Colombini
- São João Crisóstomo
- São João Cassiano

São João da Cruz

São João Damasceno

São João de Ávila

São João de Beverly

São João de Deus

São João Batista de La salle

São João de Malta

São João da Penna

São João de Prado

São João de Reomé

São Jaó do Egito

São João Eudes

São João Nepomuceno

Existem ainda outros tantos, mas somente por estes o leitor já pode ter uma ideia da grande quantidade. O fato é que, por muito tempo, a

Maçonaria apenas afirmou que cultuava um São João, mas muitos chegaram a confundir os santos. É claro que os próprios maçons se esforçaram para esclarecer essas confusões e chegaram a publicar alguns trabalhos, hoje difíceis de serem encontrados e que tem alguns trechos citados em sites maçônicos pela internet. Num desses textos há o seguinte trecho:

A própria maneira como João se vestia era clara demonstração de ser ele um homem separado da sociedade. Os padrões sociais, as convenções de vestimentas, nada significavam para ele. Podemos compará-lo a um sufista, que se apresenta a uma importante reunião de negócios, onde somente ele traja suas vestes de trabalho, que são, pés descalços. Assim haveria um choque, embora todos estivessem vestidos a caráter. João vestia rústicas roupas feitas de pele de camelo, em contraste as vestes de fino linho dos outros sacerdotes. Na cintura, apenas um simples cinto de couro. Até mesmo seu alimento contradizia as convenções sociais de Jerusalém. No Templo os sacerdotes jantavam cordeiro e grãos, além de beberam fino vinho. No deserto João se alimentava de gafanhotos e mel silvestre.

Claro que muito que se fala sobre a aparência do Batista vem das informações disponíveis na Bíblia. Todavia, a forte imagem de alguém em tais condições é um choque para qualquer um. E não foram poucos os pesquisadores, maçônicos ou não, que se entregaram à árdua tarefa de analisar e pesquisar se tal personagem teria de fato existido. Como quase tudo na Bíblia, é uma tarefa quase impossível, pode levar, porém, a uma série diferente de interpretações, dependendo da pessoa que se lança na pesquisa e de suas crenças.

BIOGRAFIA

Vamos verificar agora o que sabemos sobre o Batista, de acordo com os dados bíblicos. Ele nasceu numa pequena aldeia chamada Aim Karim, que fica cerca de seis quilômetros de distância a oeste de Jerusalém. Algumas fontes ainda afirmam que essa aldeia nada mais é que a pequena Judá.

Foi considerado um nazireu ao nascer, ou seja, uma pessoa que se consagraria a Deus por um tempo determinado. Isso implicaria que teria que seguir o voto de nazireado (ou nazireato), uma tradição instituída e regulamentada na Tora (Números VI,1-21). Eis um trecho (versículos 16 a 21):

E o sacerdote os trará perante o SENHOR, e sacrificará a sua expiação do pecado, e o seu holocausto/ Também sacrificará o carneiro em sacrifício pacífico ao SENHOR, com o cesto dos pães ázimos; e o sacerdote oferecerá a sua oferta de alimentos, e a sua libação/ Então o nazireu à porta da tenda da congregação rapará a cabeça do seu nazireado, e tomará o cabelo da cabeça do seu nazireado, e o porá sobre o fogo que está debaixo do sacrifício pacífico/ Depois o sacerdote tomará a espádua cozida do carneiro, e um pão ázimo do cesto, e um coscorão ázimo, e os porá nas mãos do nazireu, depois de haver rapado a cabeça do seu nazireado/ E o sacerdote os oferecerá em oferta de movimento perante o SENHOR: Isto é santo para o sacerdote, juntamente com o peito da oferta de movimento, e com a espádua da oferta alçada; e depois o nazireu poderá beber vinho Esta é a lei do nazireu, que fizer voto da sua oferta ao SENHOR pelo seu nazireado, além do que suas posses lhe permitirem; segundo o seu voto, que fizer, assim fará conforme à lei do seu nazireado.

Assim, para ser um consagrado, o nazireu não pode consumir certos alimentos e bebidas fermentadas, cortar o cabelo ou tocar em cadáveres. Essas exigências tinham um objetivo: manter-se mentalmente são (por isso não consumir bebidas), sujeitar-se a Deus (não cortando o cabelo) e manter-se cerimonialmente puro (não tocando em cadáveres).

Há também uma segunda versão de autores que afirmam que o Batista era um membro da facção conhecida como nazarita (ou seja, de Nazaré) da Palestina. Seja como for, parece que a maioria dos documentos concorda em chamá-lo de “consagrado”. Assim, ele teria nascido no ano 7 a.C., enquanto historiadores religiosos aproximam a data para 2 a.C.

A visita feita pelo anjo Gabriel a Isabel, mãe do Batista, quando foi anunciada a gravidez desta, foi mantida em segredo por cinco meses. Quando finalmente ela revelou ao marido, Zacarias, ele ficou perturbado e somente passou a acreditar depois de um sonho inusitado que tivera cerca de seis meses antes do nascimento do Precursor. Fora esses dois fatos, a gravidez correu normalmente, sem maiores incidentes sobrenaturais.

No final do oitavo dia de seu nascimento, Zacarias levou o menino para passar pelo ritual da circuncisão conforme o costume judeu. No mais, o futuro profeta cresceu como uma criança comum em Judá. Durante sua infância, o fato mais digno de nota foi a visita a Jesus e sua família em Nazaré. Esse encontro teria acontecido no mês de junho do ano 1 a.C., quando ele deveria ter pouco mais de seis anos.

Ao retornar de Nazaré, seus pais começaram a trabalhar na educação do menino. Não havia nenhuma escola ligada a uma sinagoga para fornecer esse serviço, mas, como Zacarias era um sacerdote e Isabel tinha mais instrução que a média das mulheres judias (já que era uma das filhas de Aarão, ou seja, uma descendente de sacerdotes), os dois tomaram para si a tarefa de preparar a mente e o espírito do Batista. Seu pai trabalhava no templo em Jerusalém por curtos períodos de tempo e podia se dar ao luxo de educar de maneira correta seu filho.

Seus pais tinham uma pequena fazenda na qual criavam ovelhas. Embora não ganhassem a vida com essa atividade, afinal Zacarias ainda tinha um soldo regular que recebia como sacerdote do templo, era um local onde poderiam ensinar o garoto com calma.

Aos 14 anos, não havia como o Batista se graduar, mas seus pais haviam escolhido aquele ano para que ele fizesse seu voto formal de nazarita. Assim, Zacarias e Isabel o levaram para Engedi, à beira do Mar Morto, que era a sede sulina da irmandade nazarita. Foi lá que o Batista foi formalmente introduzido na vida da Ordem. Após ter passado por certas cerimônias e fazer os votos de abstenção de todas as bebidas alcoólicas, deixar o cabelo crescer e abster-se de tocar os mortos, a família foi para Jerusalém, onde, uma vez em frente ao Templo, João completou sua iniciação com as oferendas costumeiras. Ele tinha noção de que fazia exatamente os mesmos votos que haviam sido exigidos do juiz Sansão e do profeta Samuel. Era algo com que ele viveria por muito tempo, já que os judeus tinham verdadeira veneração por um nazarita, tido como uma pessoa sagrada e santificada. Era o mesmo tipo de veneração que se

dispensava a um sumo sacerdote, já que os naziritas vitalícios (ou seja, cuja vida era totalmente consagrada à religião) eram os únicos, além dos altos sacerdotes, que tinham acesso aos lugares mais sagrados do Templo.

O Batista retornou à casa de seu pai e passou a cuidar das ovelhas até crescer e se tornar um homem adulto. Aos 16 anos, leu sobre o profeta Elias, o mesmo que foi levado para os céus numa carruagem. Como resultado, fica tão impressionado com o relato que decide adotar a maneira do profeta de se vestir. A partir daquele dia, passou a usar constantemente uma veste de pele e um cinturão de couro. Naquela época, ele já tinha mais de 1,80 m de altura e possuía seu físico plenamente desenvolvido. Com o visual adotado, a imagem de João Batista era de fato impressionante.

Essa ligação com Elias, inclusive, chegou a dar muita discussão, já que há correntes esotéricas que afirmam que o Batista era a reencarnação do profeta. Essa posição está calcada na passagem relatada em Marcos IX,9-13. Tudo começa com a transfiguração de Jesus no Monte Tabor, onde Elias aparece junto com Moisés. Quando descem do monte, Pedro, João e Tiago discutem sobre a “ressurreição dos mortos”. E então vem o trecho do Evangelho de Marcos:

E, descendo eles do monte, ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos./ E eles retiveram o caso entre si, perguntando uns aos outros que seria aquilo, ressuscitar dentre os mortos./ E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas que é necessário que Elias venha primeiro?/ E, respondendo ele, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e todas as coisas restaurará; e, como está escrito do Filho do homem, que ele deva padecer muito e ser aviltado./ Digo-vos, porém, que Elias já veio, e fizeram-lhe tudo o que quiseram, como dele está escrito.

Esse trecho foi interpretado como sendo uma afirmação de Jesus de que Elias, em questão, era João Batista. É claro que o trecho é discutível, como quase todos os que compõem a Bíblia, mas, em geral, é o apontado como uma das “provas” de que a reencarnação é abordada pelas escrituras. João Batista, como reencarnação de Elias, seria um dos muitos segredos que os evangelhos esconderiam em suas linhas intrincadas e que apenas iniciados, como os maçons, saberiam seu verdadeiro significado.

Voltemos ao nosso personagem principal. Zacarias, seu pai, morreu em julho do ano 12 depois de uma doença que o afligiu por muitos meses. Foi uma época de embarços, já que o voto de nazirita o impedia de tocar no corpo de seu pai. Embora ele observasse seus votos com rigidez, tinha dúvidas sobre se havia sido totalmente obediente às exigências da Ordem. Assim, depois do enterro de seu pai, dirigiu-se a Jerusalém, onde ofereceu os sacrifícios necessários para obter sua purificação no nicho nazirita da praça das mulheres.

Em setembro daquele ano, dois meses depois da morte de seu pai, ele e sua mãe foram a Nazaré visitar Maria e Jesus. O Batista se decidia a começar seu trabalho de profeta e o contato com Jesus o fortaleceu. Depois que se despediram deles, o profeta não viu mais Jesus até o episódio do batismo no rio Jordão.

João e Isabel voltaram para casa e fizeram planos para o futuro. O Batista havia recusado o soldo de sacerdote que lhe era devido dos fundos do templo. Assim, depois de dois anos, eles não tinham como manter a própria casa e decidiram ir para o sul com seu rebanho de ovelhas. Quando João completou 20 anos, mudou-se para Hebrom, uma cidade na Cisjordânia. No Deserto da Judeia, ele cuidou de suas ovelhas junto a um riacho, o afluente de uma corrente maior que chegava ao Mar Morto, em uma colônia de Engedi que incluía naziritas por consagração vitalícia (como ele próprio), alguns que assumiam o papel por duração determinada e pastores ascetas que se reuniam com seus rebanhos e se confraternizavam com os naziritas.

O tempo passou e o profeta ia cada vez menos a Hebrom e mais a Engedi. Sentiu-se tão diferente dos demais naziritas que achava ser difícil se confraternizar plenamente com a Ordem, apesar de manter amizade com Abner, líder da colônia.

VIDA DE PASTOR

Conforme se estabeleceu ao longo do vale daquele riacho pequeno, João Batista construiu uma dúzia de abrigos de onde poderia vigiar seus rebanhos compostos por ovelhas e cabras. Sua vida de pastor permitia muito tempo para pensar. Conversava muito com Ezda, um jovem órfão das proximidades que cuidava dos rebanhos quando ele ia a Hebrom para ver Isabel e vender ovelhas ou quando ia a Engedi para os serviços relativos ao dia de sábado. Os dois viviam com simplicidade e se alimentavam da carne, do leite de cabra, do mel silvestre e dos gafanhotos comestíveis daquela região, uma dieta que era complementada pelas provisões que vinham de Hebrom e Engedi.

Era Isabel quem mantinha o profeta a par do que acontecia na Palestina.

Ele próprio sentia que sua hora estava cada vez mais próxima e que logo teria de entrar em ação. Suas ideias já tomavam forma e suas opiniões eram estabelecidas. Ele sabia, por exemplo, que Roma estava dividida em Síria, Egito, Palestina e outras províncias. E que, segundo as escrituras:

[...] nos dias desses reis, o Deus dos céus irá estabelecer um Reino que nunca será destruído; e este Reino não será entregue a outro povo, mas partirá em pedaços e consumirá todos os outros reinos e permanecerá para sempre. E foi dado a ele o domínio, a glória e um Reino, de tal modo que todos os povos, de todas as nações e línguas, deveriam servir a ele. O seu domínio é um domínio perene, que não passará, e o seu Reino nunca será destruído. E o reino e o domínio e a grandeza do Reino sob todos os céus será dado ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é um Reino eterno, e todos os domínios servirão e obedecerão a ele.

Dentre todas as coisas que ouvira sobre maldade e vício vindos de Roma, os atos perversos cometidos por Herodes Antipas e pelos governadores da Judeia eram os piores. João acreditava que o fim daquela era estava iminente. Ele começou a crer que era o último dos velhos profetas e o primeiro dos novos. E sentia crescer em si o impulso de gritar para que se arrependessem e que se preparassem para “o aparecimento de uma ordem nova e eterna de assuntos sobre a terra, o Reino do céu”.

Seus planos tiveram que aguardar mais um pouco, pois, em 17 de agosto de 22, Isabel, sua mãe, faleceu subitamente. Mais uma vez os votos de nazarita o impediram de lidar com o corpo dela e os amigos da família, que sabiam deste porém, ajudaram a prepará-la.

Quando voltou do funeral de sua mãe, João tinha já em mente a necessidade de fazer algo. Entregou seus rebanhos para sua Ordem e afastou-se de tudo e todos para jejuar e orar. Queria seguir os velhos métodos de aproximação da divindade, os mesmos usados por profetas como Elias, Samuel e Daniel. Sua profunda admiração por Elias o fazia acreditar que era ele mesmo o último de uma longa e ilustre linhagem de mensageiros celestiais.

João viveu em Engedi por dois anos e meio e convenceu a maioria de que o fim daquela era estava próximo. Começou a ensinar baseado no conceito do Messias, que livraria os judeus da dominação dos romanos. Nesse período, leu os escritos encontrados entre os naziritas de Engedi. Impressionou-se com Isaías e Malaquias, até então considerado o último dos profetas. Foi quando leu, em Malaquias, o seguinte trecho:

Cuidai, Eu vos enviarei Elias, o profeta anterior à vinda do grande e terrível dia do Senhor; e ele fará os corações dos pais irem contra os filhos e os corações dos filhos irem contra os pais, de medo que Eu venha e golpeie a Terra com uma maldição.

João sentia-se amadurecido para espalhar a boa nova. Alguns pesquisadores bíblicos acreditam que ele sabia que não era Elias. Mesmo assim, ele se sentia intrigado com aquela passagem. Queria muito saber o que Malaquias queria dizer com aquelas palavras e se a profecia era literal ou figurada. Parecia-lhe correto que o último dos profetas deveria ter o mesmo nome do primeiro, mas não achava que deveria mudar seu nome.

Foi a influência de Elias que levou João a adotar os seus métodos de ataque direto e áspero aos pecados e vícios dos seus contemporâneos. Vestiu-se como o profeta e tornou-se um ousado pregador. Afinal, sabia ler e escrever e conhecia as escrituras sagradas, embora não tivesse cultura. Pensava de maneira clara e tinha uma fala poderosa. Assim, partiu para começar sua curta carreira como pregador em março do ano 25.

COMEÇO DAS PREGAÇÕES E MORTE

João falava principalmente sobre o Messias em seus discursos. Essa figura sempre foi a mais esperada por aquele povo, pois faria a sua dignidade como nação ser restaurada. Para os judeus, sua nacionalidade começara com Abraão e atingiria seu auge com a chegada do Prometido. O novo profeta chamava a atenção dos judeus e provocava algumas conversões de gentios (não judeus), isso o tornou amado por uns, e desprezado por outros.

Apesar de usar o batismo como método de conversão, esse ritual não foi nenhuma novidade introduzida pelo Batista. O que ele fez de novo foi apresentar a cerimônia para os gentios, o que causou muita polêmica.

Antes que sua prisão acontecesse, houve o episódio do batismo de Jesus. João praticava seus batismos à beira do rio Jordão. Estava no auge de suas pregações e já tinha cerca de trinta discípulos. Continuava a batizar judeus e a converter gentios arrependidos. A crença na época era de que Deus castigava não só os infiéis, mas também suas gerações posteriores. Portanto, apenas um judeu poderia ser o culpado pelo castigo que caía sobre toda a nação e, para muitos judeus, o batismo não era resultado de um arrependimento pessoal.

Quando Jesus se apresentou para o batismo, João não se sentia digno de realizar o ritual e só o fez por insistência do batizado. Após o batismo, a voz celestial declarou que aquele era o “Meu filho amado com o qual Me alegro” e apareceu uma pomba, o símbolo do Espírito Santo. Esse episódio passou então a integrar as principais doutrinas religiosas.

João foi preso em Pereia, aldeia localizada a leste do Mar Morto, em junho do ano 26. Isso porque o profeta começou a criticar em suas pregações o tetrarca Herodes Antipas pela ligação dele com sua cunhada Herodíades, esposa de Filipe, rei da Itureia e Traconites. Essas críticas abertas chegaram aos ouvidos do regente, que ordenou a prisão do Batista. Levaram-no para a fortaleza de Macaeros (Maqueronte), onde foi mantido por dez meses até o dia de sua morte. Ele foi acusado de ser o líder de uma revolução judaica contra Roma.

No dia do aniversário de Herodes, Salomé, a filha de Herodíades que era esposa de seu irmão Filipe, dançou para o aniversariante. Um detalhe: sabemos o nome dela por causa de registros em textos apócrifos. O que importa é que ela dançou tão bem que Herodes lhe prometeu em juramento qualquer coisa que pedisse, até metade de seu reino. Salomé consultou a mãe que a aconselhou a pedir a cabeça do Batista, cujas críticas a ela ainda lhe soavam aos ouvidos.

Assim, Herodes ordenou a morte do Batista, cuja cabeça decepada foi servida a Salomé numa bandeja de prata e depois foi queimada numa fogueira em festas palacianas do tetrarca. Os discípulos do profeta cuidaram do sepultamento do corpo e anunciaram sua morte a Jesus.

CURIOSIDADES

A influência da figura de São João Batista espalhou-se de tal forma que chegou não apenas à Maçonaria, mas também às artes em geral. Por exemplo, foi a partir das sílabas iniciais da primeira estrofe de um hino litúrgico em sua homenagem que surgiram os nomes das notas musicais. O Ut deu lugar ao dó e o si surgiu da contração do nome latino do Batista (Sancte Johanes, SJ, sendo que o J se lia como i). A seguir temos os versos de tal hino:

Ut queant laxis (dó)

Ressonare fibrís (ré)

Mira gestorum (mi)

Famuli tuorum (fá)

Solve polluti (sol)

Labii reatum (lá)

Sancte Johannes (si)

Outra curiosidade que vale a pena ser notada é que o Islã também venera São João Batista como um de seus profetas. Nessa religião, ele possui o nome de Yahya.

E como é a imagem maçônica de tal santo? Um texto maçônico de autoria de Cesóstre Guimarães de Oliveira diz:

Tudo aponta João como um homem que trabalhou sozinho (apesar dos muitos discípulos que o seguiram). Os indícios dizem também que sua vida inteira foi dedicada a um solitário propósito: pregar a mensagem de arrependimento e renovação da fidelidade a Deus. Está claro para mim que João não era um homem que tivesse tempo livre para se dedicar a atividades sociais. Na verdade, os profetas de Deus (do velho mundo), não desenvolveram outras atividades além daquela que Deus lhes havia chamado em primeiro lugar. No entanto, mesmo sabendo não existir a menor possibilidade de João Batista ter sido Maçom, entendo que esta declaração em nada prejudica o posto que lhe foi outorgado como um dos eminentes patronos da Maçonaria. Isto valoriza mais ainda tanto a Maçonaria quanto o próprio João, já que ambos têm padrões similares mesmo não existindo nenhuma relação entre ambos, além da conduta apresentada.

CAPÍTULO 15

JOSÉ BONIFÁCIO

A história da Maçonaria brasileira se inicia oficialmente em 1787, com a criação da Loja Cavaleiros da Luz, localizada na Barra, em Salvador, Bahia. Entretanto, a Ordem só teve sua primeira Obediência (por definição, uma potência maçônica composta no mínimo de três Lojas confederadas) em 1822, quando o processo de Independência estava mais intenso. Essa obediência possuía jurisdição nacional e tinha o objetivo de levar em frente o processo de emancipação do país.

Vamos dar uma rápida olhada nas principais datas desse período e entender um pouco como estava a movimentação política. Entre 1800 e 1801, maçons portugueses, de acordo com o pesquisador maçom José Castellani, fundaram no Rio de Janeiro a Loja União, que depois mudou seu nome para Reunião, já que havia passado a receber as filiações de outros maçons. Essa Loja era filiada, juntamente com outras duas (as Lojas Constância e Filantropia), ao Grande Oriente Lusitano, do qual só se separou algum tempo depois por causa de discórdias. Terminou por se unir ao Grande Oriente da França e adotou o Rito Moderno.

Em 1802, é a vez de outra Loja, a Virtude e Razão, ser instalada no estado da Bahia. Dela saíram, cinco anos depois, a Loja Humanidade, e seis anos depois, a Loja União. No mesmo ano em que a Loja Humanidade surgiu, aparece uma nova, ainda no mesmo estado, a Loja Virtude e Razão Restaurada.

Em 1809, temos dois casos interessantes. O primeiro diz a reação de Dom João, o príncipe regente, quando recebeu uma longa lista de nomes de maçons que deveriam ser presos. Ele teria respondido apenas que “foram estes que me salvaram”, deixando claro seus laços com a Ordem. O segundo, aparece em uma Loja em Pernambuco, cujo nome não é registrado, mas que continha em seus quadros de filiação pelo menos três padres católicos, de nomes Miguel Joaquim de Almeida e Castro, João Ribeiro Peixoto e Luiz José Cavalcante Lins. Eles tinham sido iniciados em Lisboa, em 1807, e participaram da Loja com objetivos puramente políticos. Outra Loja de destaque apareceu em 1812, em São Gonçalo, Niterói, no Rio de Janeiro. Foi a Loja Distintiva, que tinha sinais, toques e palavras diferentes das demais Lojas. Seu emblema, inclusive, era completamente inusitado: um índio vendado e preso a grilhões com um gênio que o prendia e desprendia. Isso indicava fortes características republicana e revolucionária. Como era uma época em que ser contra a monarquia vigente era perigoso, ela terminou por ser denunciada e seus arquivos foram lançados ao mar.

No ano seguinte, é fundado na Bahia o primeiro Grande Oriente, com as participações das Lojas Virtude e Razão, Humanidade e União. Dois anos depois, aparece a Loja Comércio e Artes, que logo foi desativada. E no ano seguinte surge a Grande Loja Provincial no Recife, que reuniu as Lojas Pernambuco do Oriente, Pernambuco do Ocidente, Restauração e Patriotismo e Guatimozim.

O pesquisador Castellani relata o seguinte sobre o período nacional maçônico:

O ano de 1821 começara para Dom João VI como principiara o de 1807. O Grande Oriente Lusitano levava-o, quinze anos antes, a transferir a sede do governo monárquico da Nação Portuguesa de Lisboa para o Rio de Janeiro. Decorrido três lustros, esse mesmo grande Oriente obrigá-lo-ia a retransferir a sede do seu governo do Rio de Janeiro para Lisboa. Em 1822, a 10 de março, por proposta de Domingos Alves Branco, a Loja Comércio e Artes confere ao Príncipe Dom Pedro o título de Protetor e Defensor Perpétuo do Brasil. A 26 de maio, José Bonifácio é iniciado na Maçonaria. A 21 de maio, em plena sessão das Cortes, em Lisboa, o Maçom Monsenhor Muniz Tavares diz que talvez os brasileiros se vissem obrigados a declarar sua independência de uma vez.

Vemos, por essas linhas, que o período era de intensa atividade política e que não era incomum ver a Maçonaria envolvida nos acontecimentos nacionais. Observamos ainda outros pontos interessantes na história que mesclam as participações de personalidades importantes conhecidas com suas obrigações maçônicas.

Ainda naquele ano, José Bonifácio de Andrada e Silva, o famoso Patrono da Independência, funda, juntamente com outros maçons, uma sociedade secreta chamada Nobre Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz, que ficou conhecida como Apostolado. Dela fez parte Dom Pedro I, que ganhou o título de Arconte-Rei.

Em cinco de agosto, quando Dom Pedro I é dispensado do interstício (tempo mínimo que um militar deve permanecer num posto ou graduação antes de ser promovido), foi exaltado ao grau de Mestre e, no mês seguinte, investido no cargo de Grão-Mestre no Grande Oriente do Brasil.

Em outubro, o declarador da Independência oferece a Gonçalves Ledo, político e jornalista, o título de marquês da Praia Grande. O homenageado, entretanto, recusou a honra, pois era “muito mais honroso o de brasileiro patriota e de homem de bem”. No entanto, o envolvimento de Dom Pedro I com a Maçonaria não durou muito, já que, naquele mesmo mês, ordenou a suspensão dos trabalhos no Grande Oriente e, mais para o final do período, determinou o encerramento das atividades maçônicas. Vários maçons foram presos, e alguns, como o próprio Ledo, conseguiram escapar para países vizinhos como a Argentina.

A Constituição Nacional tem seu projeto aprovado em março de 1823, graças à proteção do Apostolado. Já imperador, Dom Pedro I, em outubro, proíbe as sociedades secretas em todo o país. Quem desobedecesse sofreria pena de morte ou seria mandado para o exílio.

O Grande Oriente do Brasil só restabeleceu suas atividades em novembro de 1831. Reelegeu José Bonifácio como Grão-Mestre e lançou um manifesto para todos os corpos maçônicos regulares mundiais com pontos importantes para a história nacional.

Em 12 de novembro, foi estabelecido o Supremo Conselho do Rito Escocês, sendo seu primeiro Grande Comendador, Francisco Gê Acayaba de Montezuma, visconde de Jequitinhonha.

Assim, em 1832, no Rio de Janeiro, tivemos dois Grandes Orientes: o Grande Oriente do Brasil, presidido por José Bonifácio, cuja sede foi na atual Rua Frei Caneca, e o Grande Oriente Nacional Brasileiro, presidido por Britto Sanchez, sediado na Rua dos Passos. Uma separação que aconteceu nesse último órgão gera uma nova potência, comandada por ninguém menos que Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, patrono do exército nacional. Contudo, é mais fácil fundar potências que administrá-las, como o próprio duque acabou por perceber. Havia muito antagonismo e animosidade entre os grupos, o que levou Caxias a ter seu grupo atribulado por dificuldades financeiras. O que nos leva a concluir que até mesmo revolucionários com boas intenções passam por problemas para se estabelecer.

BIOGRAFIA

Não há um nome político e maçom mais marcante que o de José Bonifácio de Andrada e Silva. Afinal, foi com ele que a Ordem se tornou forte no âmbito político nacional.

Bonifácio era membro de uma família tradicional portuguesa e nasceu no final do século XVIII, em junho de 1763, em Santos, São Paulo, no que era então o litoral da Capitania de São Paulo. Seu pai, Bonifácio José Ribeiro de Andrada, era casado com Maria Bárbara da Silva e possuía a segunda fortuna da cidade. Seu avô, José Ribeiro de Andrada, pertencia a uma antiga família portuguesa parente dos condes de Amares e marqueses de Montebelo, ramo dos Bobadelas-Freires de Andrada.

Seu pai era considerado um homem ágil, desembaraçado e inteligente. Ele aumentou a fortuna da família com atividades mercantes e ocupou vários cargos ao longo de sua vida. Tinha dois irmãos em Coimbra e ainda um terceiro, que era padre. Foi professor daquela que seria sua esposa, dona Maria Bárbara da Silva. Em Santos, naquela época, não era possível ir além do ensino primário, pois a ignorância era a arma usada para garantir a dominação pública. Assim, mudou-se para São Paulo em 1777. Teve dez filhos, quatro mulheres e seis homens.

A mudança foi benéfica para José Bonifácio. Lá, ele estudou gramática, retórica e Filosofia em cursos ministrados por Dom Frei Manuel da Ressurreição, que era dono de uma excelente biblioteca. Passou pelo curso preparatório para ingressar na Universidade de Coimbra, destino predileto daqueles que possuíam recursos. Aos 16 anos, juntamente com seus irmãos, requereu habilitação de gênero, passo importante para obter uma carreira eclesiástica. Não havia universidades no Brasil.

Em 1783 foi para Portugal, onde se matriculou na Universidade de Coimbra e iniciou, em outubro, seu curso de estudos jurídicos, acrescentando depois as disciplinas de Matemática e Filosofia Natural.

Era um leitor ávido. Começou a escrever poemas e a cultuar nomes como Gottfried Leibnitz, Isaac Newton e René Descartes. Leu muito os trabalhos de Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Locke, Pope, Virgílio, Horácio e Camões. Ainda como estudante se envolveu em discussões sobre a civilização dos índios, a abolição do tráfico negreiro e a escravidão.

Concluiu, em junho de 1787, seu curso de Filosofia Natural e, em julho de

1788, o de Leis. No ano seguinte, realizou, no Desembargo do Paço, em Lisboa, uma leitura que lhe deu uma habilitação para magistrar. Cinco meses depois, foi admitido como sociolivre da Academia de Ciências de Lisboa, o que lhe abriu os caminhos para uma carreira científica.

Foi designado, em fevereiro de 1790, para uma excursão científica pela Europa, patrocinada pelo Real Erário, para obter conhecimentos de Mineralogia, Filosofia e História Natural.

Em meados de 1790, Bonifácio estava em Paris quando teve início a

Revolução Francesa. Estudou por cinco meses em cursos de Química e Mineralogia. Muitos de seus biógrafos citam contatos com outros cientistas da época como o químico Antoine Lavoisier, o químico e estadista JeanAntoine Chaptal e o botanista Antoine Laurent de Jussieu. Tornou-se sociocorrespondente da Sociedade Filomática de Paris e membro da Sociedade de História Natural, para onde escreveu um livro sobre diamantes no Brasil.

Depois foi para a Saxônia, em busca de mais conhecimentos. Dois anos depois, possuía cursos completos nas áreas de Oricognosia (ciência que ensina a distinguir e reconhecer minerais e fósseis) e Geognosia (ramo da ciência geológica que tinha como objeto o estudo da estrutura da Terra, a origem e a disposição das camadas rochosas e dos fósseis e suas mútuas relações). Lá fez amigos como o naturalista alemão Alexander von Humboldt.

Em suas andanças, passou por minas em países como Áustria e Itália. Completou seus estudos em 1796, na Suécia e na Noruega. Passou outros dez anos viajando pela Europa. Aos 37 anos José Bonifácio já era reconhecido como um cientista consagrado.

Voltou para Portugal em setembro de 1800. Dois meses depois partiu para a Estremadura (antiga comarca ou província portuguesa estabelecida na Idade Média e extinta no século XIX) com seu irmão Martim Francisco Ribeiro de Andrada e com Carlos Antônio Napion, encarregados de pesquisas mineralógicas. Quando voltou uma nova missão o esperava: examinar os pinhais reais dos Mêdos e Virtudes nos terrenos de Almada e Sesimbra.

Sua fama, a esta altura, já era tamanha e logo passou a ser considerado quase como uma autoridade em seu campo.

Ocupou a cátedra de Metalurgia, especialmente criada para ele, na Universidade de Coimbra. Para tanto, foi obrigado a ficar por lá por no mínimo seis anos. Depois foi nomeado intendente-geral das Minas e Metais do Reino, e, em seguida, membro do Tribunal de Minas, onde teve a tarefa de dirigir as Casas da Moeda, Minas e Bosques de todos os domínios portugueses.

Bonifácio chegou a ocupar outros cargos além dos descritos anteriormente. Mas o próximo ponto interessante de sua biografia está em 1808, quando comandou as forças do Batalhão Acadêmico que guardavam Coimbra na chamada Guerra Peninsular, um conflito que fez parte das chamadas Guerras Napoleônicas contra, claro, Napoleão Bonaparte. Este conflito envolveu Portugal, Espanha, Grã-Bretanha e França, e teve repercussões em toda a Europa e também na independência da América Latina.

A VOLTA

Quando finalmente voltou ao Brasil, em 1819, já tinha 56 anos dos quais passara 30 na Europa. O país era agora um reino unido e sede da monarquia. A continuidade da escravidão pesava a seus olhos e ele via que a economia se organizara em benefício de uma classe privilegiada. Logo começou a pregar suas ideias sobre abolição do tráfico negreiro, extinção da escravidão, incorporação dos índios à sociedade, miscigenação orientada para suprimir choques de etnias e de classes e constituir uma nação homogênea.

Desde 1808, nunca fora nomeado um ministro que fosse brasileiro. Os homens de confiança da monarquia naquela época eram Tomás Antônio de Vila Nova Portugal e o Conde dos Arcos. Bonifácio não aceitou ser nomeado ajudante e foi para Santos, onde um de seus irmãos, Martim Francisco, era diretor de minas e matas da Capitania de São Paulo. Outro irmão, Antônio Carlos, estava preso na Bahia por ter participado da Revolução Pernambucana de 1817.

Passou cinco semanas, em 1820, em pesquisas nas regiões de Cubatão, serra de Paranapiacaba, Ponte Alta, Borda do Campo, São Paulo, Pico do Jaraguá, Parnaíba, Pirapora, Itu e Sorocaba. Depois se dedicou a estudar as salinas. Anotava tudo e nenhum assunto parecia ser pequeno para sua atenção.

Dom João VI lhe nomeou conselheiro antes de embarcar para Portugal, em abril de 1821. O Banco do Brasil, graças às despesas da comitiva do regente de quatro mil pessoas, teve um desfalque de cinquenta milhões de réis. Começava assim a fase final da independência, onde ele teve grande destaque.

Falar dessa fase é repetir muito do que os leitores, com certeza, já sabem desde os tempos da escola. Por isso nos concentraremos apenas na atuação de José Bonifácio. Conforme diz um texto acadêmico da Secretaria de Educação do Rio de Janeiro no portal Multirio:

Em 1819, com 56 anos, José Bonifácio voltou ao Brasil. Por ocasião da formação da Junta governativa em São Paulo, em 1821, foi escolhido vicepresidente. Iniciava-se, então, sua carreira política. Na época das eleições para as Cortes de Lisboa, conseguiu eleger três dos seis deputados paulistas, liderados por seu irmão Antônio Carlos. Nesta ocasião redigiu o texto “Lembranças e Apontamentos”, que orientaria esses deputados nos trabalhos das Cortes. Esse texto refletia seu pensamento, suas propostas e as ideias que formariam o seu projeto nacional que transformaria o Brasil em um país moderno e civilizado. Assim, defendia a união com Portugal, através da formação de um grande Império luso-brasileiro; recomendava a criação de uma universidade e o aumento de número de escolas; a fundação de uma cidade no interior para ser a sede do governo, visando povoar o sertão; sugeria, ainda, o desenvolvimento da atividade mineradora, o fim da escravidão, a civilização dos índios e uma reforma agrária, através do confisco e venda das terras improdutivas do governo.

Durante o ano de 1821, as Cortes tomaram muitas medidas políticoadministrativas que deixavam claro seus propósitos como recolonizadores. E, no começo de 1822, Bonifácio entregou um documento da Junta de São Paulo, pedindo que Dom Pedro I, então o príncipe regente, desobedecesse às ordens das Cortes de Lisboa e ficasse no Rio de Janeiro.

Ele foi então convidado a se tornar ministro de Estado. Era de longe o mais indicado para assessorar Dom Pedro I, pois era fiel à monarquia, possuía experiência administrativa e prestígio social e internacional. Sua competência falou mais alto e logo se tornou o homem de confiança de Dom Pedro I e seu ministro mais importante.

Quando o Dia do Fico, resolução de Dom Pedro I em ficar no Brasil, aconteceu, as forças políticas de período se uniram. Após a proclamação da Independência, em 1822, a união estabelecida nesse período pareceu dissipar-se rapidamente e os partidos políticos voltaram a se desentender. Bonifácio, então líder do grupo aristocrata do Partido Brasileiro, começou uma campanha contra os democratas para que estes se afastassem de Dom Pedro I. Esses

conflitos, no entanto, permitiram a aproximação do Partido Português, o que enfraqueceu o Ministério dos Andradas.

A situação de Bonifácio complicou-se depois de um episódio com o padre Francisco Muniz Tavares, então deputado por Pernambuco, que fazia apologia à situação dos portugueses no Brasil. Havia um projeto que previa a deportação do povo lusitano e que falhou ao ser aprovado. O Imperador afastou o ministro e o demitiu em julho de 1823.

Bonifácio fundou um jornal em setembro de 1823, chamado *O Tamoyo*, que só atuou por três meses. Lá, ele deu uma entrevista dizendo que não podia afastar-se da Corte, já que era deputado da Constituinte, “mas lutaria contra o que não lhe agradava”.

A situação política mudou rapidamente. Os portugueses teimavam em se infiltrar novamente no governo nacional e o Imperador cedia às suas exigências. A campanha contra os portugueses era claramente nacionalista.

A dissolução da Constituinte parecia se tornar inevitável.

Bonifácio foi preso em casa e levado para a Fortaleza da Laje, após o golpe de força da dissolução da Assembleia pelo Imperador, em novembro de 1823. Dom Pedro I determinou que não haveria uma nova Constituinte. Bonifácio foi condenado ao exílio e deixou o Rio de Janeiro em novembro de 1823. Só voltou em 1829, chegou no Rio de Janeiro em julho, levando o corpo da esposa, que havia falecido durante a viagem. Foi bem recebido por Dom Pedro I e rapidamente colocou-se de volta no cenário político. Como era cheio de inimigos, logo foi acusado, no ano seguinte, de estar metido numa conspiração republicana, conforme acusação publicada no *Diário Fluminense*. Foi quando se retirou para a ilha de Paquetá.

Depois de mais alguns episódios políticos e confusões, incluindo ser nomeado tutor de Dom Pedro II, Bonifácio abandonou a vida política e passou o resto de seus dias na casa em Paquetá. Morreu em Niterói, em 1838. Seu corpo foi embalsamado e levado para o Rio de Janeiro, onde ficou exposto na Igreja da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Depois foi levado pela filha, dona Gabriela Frederica Ribeiro de Andrada, para

Santos, onde foi sepultado na capela-mor da Igreja Nossa Senhora do Carmo. Hoje, seus restos estão junto com os de seus irmãos num monumento conhecido como Panteão dos Andradas, que foi inaugurado em sete de setembro de 1923.

JOSÉ BONIFÁCIO E A MAÇONARIA

O Patrono da Independência era um homem muito culto e que encontrava tempo para muitas atividades. Afinal, ser ministro e conselheiro de Dom Pedro I e ainda Grão-Mestre da Maçonaria não deveria ser uma tarefa das mais fáceis. É importante lembrar que o Imperador ordenou o fechamento do Grande Oriente e que este somente voltou depois de sua abdicação, quando Bonifácio assumiu.

A administração de Bonifácio não foi uma tarefa fácil. Afinal, no mesmo ano em que ele assumiu, aconteceu a primeira cisão na Maçonaria nacional, quando o senador Vergueiro fundou o Grande Oriente Brasileiro do Passeio. Essa divisão enfraqueceu a Ordem, que perdeu influência no quadro político do Império. Essa situação passaria por um agravante quando, em 1864, o papa Pio XI, por meio da bula *Syllabus*, proibiu qualquer ligação da Igreja daqui com os maçons.

O que se lembrará é a eloquência com que Bonifácio sempre se dirigia para as pessoas que o cercavam. Por exemplo, o trecho a seguir é a reprodução de um documento por ele redigido em 1821. Reparem como ele se dirige a Dom Pedro, quando da ocasião do Dia do Fico e observem como ele impunha suas opiniões:

É impossível que os habitantes do Brasil, que forem honrados e se prezarem de ser homens, possam consentir em tais absurdos e despotismo[...] V.Alteza Real deve ficar no Brasil, quaisquer que sejam os projetos das Cortes

Constituintes, não só para o nosso bem geral, mas até para a independência e prosperidade futura do mesmo. Se V. Alteza Real estiver (o que não é crível) deslumbrado pelo indecoroso decreto de 29 de setembro, além de perder para o mundo a dignidade de homem e de príncipe, tornando-se escravo de um pequeno grupo de desorganizadores, terá que responder, perante o céu, pelo rio de sangue que, decerto, vai correr pelo Brasil com a sua ausência[...]

E o resto, como dizem, é história maçônica.

CAPÍTULO 16

SIMON BOLÍVAR

Ideais de identificação própria. Essa é a principal ideia que nos vem à cabeça ao analisar a influência da Maçonaria nos países da América Latina. Um estudo detalhado nos leva à conclusão de que não foi apenas no Brasil que houve casos de maçons que se imiscuíram no meio político e de lá disseminaram a ideia de liberdade para seus governos. Havia muito mais em jogo que podemos imaginar. Por isso, antes de começar a falar sobre o próximo maçom famoso, é necessário traçar um quadro sobre a situação política da América Latina no século XVIII.

A influência maçônica teve seus primórdios com um educador ideológico dos processos americanos, chamado Francisco Antonio Gabriel de Miranda e Rodríguez. Ele nasceu em março de 1750 e foi iniciado em 1780 na Loja América de Virginia, nos Estados Unidos, por ninguém menos que George Washington. Durante sua vida, destacou-se em vários episódios históricos e foi reconhecido por personalidades da Europa, dos Estados Unidos e da Rússia. Era conhecido como um maçom de muita fé e que manteve latente seus ideais de independência para as colônias hispano-americanas.

Miranda começou a doutrinar seus compatriotas quando estava em Londres. Por volta de 1797 fundou a Loja Grão Reunião Americana, que funcionava na Fitzroy Square, perto do Piccadilly Circus. Lá ele morava e desenvolvia atividades que lhe garantiam a sobrevivência e disfarçava seu verdadeiro propósito, que era selecionar as pessoas para a causa americana. A lista dos escolhidos é grande e logo se espalhou, levando consigo a ideia revolucionária de que a luta pela Independência fosse simultânea em vários países. Alguns dos nomes selecionados por ele eram Bernardo O'Higgins Riquelme, Libertador do Chile; Carlos Montúfar, militar equatoriano; Vicente Rocafuerte, mais tarde Presidente da República do Equador; Bernardo Monteagudo, estadista argentino; José Cecílio del Valle, político hondurenho eleito presidente daquele país, mas morto antes de tomar posse; Pedro José Caro, político cubano; Servando Teresa de Mier, jurisconsulto mexicano; José Miguel Carrera, primeiro presidente do Chile, entre outros.

Esse envolvimento maçônico nos processos de independência provocou algumas discrepâncias históricas que são observadas até hoje pelos historiadores. Uma delas é justamente a da personalidade enfocada neste capítulo, ninguém menos que Simon Bolívar, o líder revolucionário venezuelano que provocou a independência de diversos territórios espanhóis.

Antes de falar sobre Bolívar, terminemos de ver o panorama geral do período. A melhor maneira, na época, de se obter o apoio para uma causa era circular pela Europa em busca de simpatizantes. Assim foram instaladas Lojas filiais da Grande Reunião Americana em Paris e em Madri, que receberam o nome de Junta das Cidades e Províncias da América Meridional. Uma delas, em Cádiz, na Espanha, foi conhecida com o nome de Sociedade de Lautaro (nome do líder militar mapuche, protagonista da Guerra de Arauco, ocorrida no Chile em 1536) ou Cavalheiros Racionais. Teve uma grande importância no processo porque a cidade de Cádiz, localizada no sul da Espanha, e voltada para o Oceano Atlântico, era o ponto de ligação com a América do Sul. Era de lá que os participantes do movimento (geralmente chamados de patriotas) levavam e traziam notícias sobre a causa americana. Era de Londres, porém, que partiam as ordens do Plano Emancipador de toda a América Latina, segundo concepção do próprio Miranda.

Na Espanha, pelo menos, a Maçonaria sempre teve ferrenhos adversários. O rei Fernando VII (1784-1833) a odiava e sabia das manipulações que esta fazia para articular o processo de independência. Ele se preocupava com a versão espanhola da Ordem, que chegava a ter atuação marcante no país por meio da imprensa, seu principal veículo de divulgação das ideias de liberdade. Pesquisadores maçons ainda lembram que, pouco tempo antes, o maçom Pedro Pablo Abarca de Bolea, Conde de Aranda, que atuava como Primeiro Ministro de Carlos III, havia proposto dar independência para as colônias na América e deixá-las associadas à Espanha no que seria um tipo de *commonwealth* (sistema composto por uma associação de territórios autônomos, mas dependentes da Espanha).

A etapa seguinte mostrou que a Maçonaria não parava em suas atividades. Começou a articular ações no continente americano e a instalar várias Lojas que hoje são conhecidas como Lautarinas. Miranda chegou a viajar para os Estados Unidos e lá preparou a primeira expedição libertadora para a Venezuela, em 1806. Essa expedição fracassou, mas conseguiu comover o sistema colonial espanhol.

Um dos participantes mais importantes da causa no processo foi o general José de San Martín (1778-1850), argentino e o primeiro líder da parte sul da América do Sul a obter sucesso em sua empreitada. Depois de um período fora do país, retornou e constatou que o processo da independência já estava em andamento, o que fez que colocasse

sua espada a serviço da causa enquanto instalava uma Loja Lautarina em Buenos Aires juntamente com os também maçons Carlos Maria de Alvear e Matias

Zapiola. Naquele país, já existiam Lojas independentes dos Orientes da França e da Irlanda desde 1775, mas, até 1812, estavam desorganizadas.

O nome adotado originalmente foi Sociedade de Lautaro, mais tarde alterado para Loja Lautarina ou Lautariana. Tal designação surgiu numa conversa da qual Miranda havia participado, em Londres, onde o nome do chefe Lautaro havia sido citado como “exemplo de espírito libertador”, segundo alguns pesquisadores.

Muitos, inclusive, discutem até hoje se essas Lojas seguiam mesmo o espírito maçônico ou se apenas foram aglomerações que se aproveitaram da influência da Ordem para levar seus próprios planos adiante. Afinal, seu objetivo era lutar pela liberdade dos povos americanos. Eram completamente autônomas e não se submetiam a nenhuma potência maçônica regular. Tinham rituais semelhantes às lojas regulares e cinco graus, conforme descrição abaixo:

- a. No 1º grau, o iniciante comprometia-se, com a vida e seus bens, a trabalhar pela Independência Americana.
- b. No 2º grau, fazia confissão de fé democrática.
- c. No 3º grau, pedia-se ao filiando trabalhos de propaganda em prol dos novos ideais.
- d. No 4º grau o filiado era comissionado para influir sobre os funcionários públicos que, no momento supremo, poderiam favorecer a causa.
- e. No 5º grau, de caráter secreto e reservado aos grandes chefes, discutia-se a ação militar e a futura administração e governo político dos países a serem libertados. Esse grau tinha o nome de “Comissão do Reservado”.

Essas Lojas tinham sua ideologia simbolizada pelas letras UFV, que significavam União, Fé e Vitória. O regulamento e as obrigações dos maçons dessas Lojas eram rigorosos, em especial com a observação do segredo e da obediência às disposições da Loja. Aqueles que ousavam infringir essas questões eram punidos com pena de morte. Os inimigos da Maçonaria usam esse detalhe para apontar que essas Lojas só mantinham sua coesão por causa do medo de seus irmãos. As penas de morte, segundo o pesquisador argentino Bartolomé Mitre, eram mais de caráter simbólico ou moral, não correspondendo à realidade.

BIOGRAFIA

Assim, chegamos ao assunto principal deste capítulo. Analisar a biografia de Simon Bolívar é entrar na vida de um maçom famoso que teve influências fortes das Lojas Lautarianas. Ele era um aristocrata de origem basca, filho de Juan Vicente Bolívar y Ponte e de María de la Concepción Palacios y Blanco. Tinha três irmãos, de nomes María Antonia, Juana e Juan Vicente.

Seu pai morreu quando Bolívar tinha apenas três anos. Quando sua mãe também faleceu, em julho de 1792, foi levado para a casa do avô materno. Este também faleceu, e Bolívar foi morar com o tio, Carlos Palacios.

Quando completou doze anos, fugiu para a casa de sua irmã María Antonia, que era alvo de sua afeição. Por causa do ato impensado, quando descoberto, foi enviado para passar alguns meses com o pedagogo Simón Rodríguez, que se revelou uma grande influência e tornou-se seu amigo por toda a vida. Teve ainda outros tutores, dentre eles, o humanista Andrés Bello (1781-1865).

Anos mais tarde, ingressou como cadete no Batalhão de Blancos de los Valles de Aragua, o mesmo que, anos antes, seu pai fora Coronel. Era janeiro de 1797 e o jovem logo começou a se destacar por seu desempenho.

Dois anos depois, foi para a Espanha aprofundar-se nos estudos. Lá, obteve conhecimentos de História, Literatura, Matemática e Língua Francesa. Em Madri, casou-se com María Teresa Rodríguez del Toro y Alaysa, em maio de 1802, mas ela faleceu na Venezuela, pouco tempo depois, vítima de febre amarela.

Bolívar voltou à Espanha e optou por fixar residência em Paris. Foi lá que começou a participar da vida cultural e científica do país. Iniciou amizade com os naturalistas e exploradores como Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland. Lá, também reencontrou o tutor Símon Rodríguez, que foi seu companheiro de viagem para a Itália, em abril de 1805.

Em agosto daquele mesmo ano, ocorreu o chamado episódio do Juramento do Monte Sacro, quando jurou que não descansaria enquanto não libertasse toda a América do domínio espanhol. O historiador Voltaire Schilling assim descreve o episódio:

Com um empréstimo que a prima Fanny lhe alcançou, Bolívar, juntamente com seu preceptor Simón Rodrigues e com o amigo Francisco Rodrigues del Toro, rumou de Paris para uma longa viagem em direção à Itália.

Percorreram o caminho tanto de diligência como com boas caminhadas. O trio de amigos levou onze dias para atravessar os Alpes até chegar a Milão. Lá foram testemunhas da coroação de Napoleão como rei da Itália, ocasião em que, numa cerimônia militar impressionante, o general tomou para si a coroa de ferro dos monarcas lombardos (a mesma que encimara a cabeça de

Ataúlfo). Quando, por fim, chegaram a Roma hospedaram-se na Piazza di Spagna, bem perto da famosa escadaria. Alugando um coche os três passaram a fazer um tour pela cidade até que no dia 15 de agosto de 1805, passando pelos portões em direção à periferia avistaram o Monte Sacro. De imediato, veio à memória de Simón Rodrigues o feito dos plebeus da cidade que, nos tempos da Roma Republicana lá haviam acampado em sinal de protesto. No ano de 494 a.C., liderados por Sicino Belluto, o povo pobre da cidade de Roma manifestou sua desconformidade com as injúrias que sofria por parte dos patrícios, arrancando deles com uma longa greve um conjunto de concessões. O Monte Sagrado onde Bolívar estava era, pois, um local subversivo por excelência.

O juramento foi feito ao cair da tarde. Bolívar, tomado de emoção pela atmosfera do local histórico, que fora palco do protesto dos plebeus contra os aristocratas na Roma Antiga, prestou o juramento, cuja transcrição original está a seguir:

*¡Juro delante de usted; juro por el Dios de mis padres; juro por ellos; juro por mi honor, y juro por mi Patria, que no daré descanso a mi brazo, ni reposo a mi alma, hasta que haya roto las cadenas que nos oprimen por voluntad del poder español!*¹

Foi também na Itália que ele escalou o Monte Vesúvio, cuja erupção soterrou as cidades de Herculano e Pompeia em 79 d.C., em companhia de Humboldt e do físico Louis Joseph Gay-Lussac. Quando voltou a Paris, ingressou na Maçonaria.

No ano seguinte, ele tomou contato com os primeiros movimentos pela independência da Venezuela, liderados pelo general Francisco Miranda. Então, tomou a decisão de voltar. Quando Napoleão Bonaparte tornou seu irmão

José rei da Espanha e de suas colônias, em 1808, Bolívar passou a participar das juntas de resistência da América Espanhola. Uma delas, a Junta de Caracas, declarou a independência em 1810 e enviou Bolívar para a Inglaterra numa missão com fins diplomáticos. Quando voltou, o líder da Junta, Francisco de Miranda, rendeu-se às forças espanholas. Foi então que Bolívar fugiu para Cartagena das Índias, na Colômbia, onde redigiu um documento chamado *Manifesto de Cartagena*, cujo trecho encontramos a seguir:

Granadinos, eu sou um filho da infeliz Caracas, prodigiosamente, escapado das suas ruínas físicas e políticas, que sempre fiel ao sistema liberal e justo que a minha pátria proclamou, veio procurar aqui os estandartes da independência que tão gloriosamente tremulam nestes estados. Permitam-me que animado pelo zelo patriótico me atreva a dirigir-me a vós, para vos indicar as causas que conduziram a Venezuela à ruína: buscando dos acontecimentos, que ocasionaram a extinção desta república, as terríveis e exemplares lições que persuadam a América a aperfeiçoar a sua conduta, a corrigir os seus vícios e a procurar na unidade, na solidez e na energia os valores mais exaltados da sua governação. O maior erro que a Venezuela cometeu, ao surgir no teatro político, foi sem dúvida, a fatal adoção do sistema tolerante: sistema desaconselhado por débil e ineficaz, desde sempre, por todo o mundo sensato, mas tenazmente sustido ultimamente por uns tantos, doentes de uma cegueira sem exemplo. As primeiras provas de insensata debilidade que o nosso governo deu foram manifestadas com a cidade subalterna de Coro que, negando-se a reconhecer a sua legitimidade, o declarou insurgente e o hostilizou como inimigo.

O título de *El Libertador* só viria a ser a ele associado quando liderou a invasão da Venezuela em Mérida, em maio de 1813. A reconquista de Caracas aconteceu em agosto e a cidade foi proclamada a Segunda República Venezuelana. Bolívar passou então a comandar as forças nacionalistas da Colômbia. Capturou Bogotá em 1814, mas sofreu alguns reveses pouco depois e se viu forçado a fugir no ano seguinte. Na Jamaica, onde procurou refúgio, pediu ajuda ao então líder Alexander Sabes Petiún. Foi quando redigiu a Carta da Jamaica, chamada *Resposta de um americano meridional a um cavalheiro desta ilha*:

“Há três séculos” – afirma o senhor –, “que começaram as barbaridades que os espanhóis cometeram no grande hemisfério descoberto por Colombo”. Barbaridades que a época presente repeliu como fabulosas, porque parecem superiores à perversidade humana e nunca seriam críveis para críticos modernos se constantes e repetidos documentos, não dessem testemunho dessas tristes verdades. O filantrópico bispo de Chiapas, o apóstolo da América, Las Casas, deixou à posteridade uma breve relação delas, extraídas dos sumários que apareceram em Sevilha depois dos conquistadores, com o testemunho de quantas pessoas respeitáveis havia então no Novo Mundo e com o relato dos próprios processos que os tiranos promoveram entre eles, como consta através dos mais sublimes historiadores daquele tempo. Todos os espíritos imparciais fizeram justiça ao zelo, verdade e virtudes deste amigo da humanidade que com tanto fervor e firmeza denunciou perante o seu governo e perante os contemporâneos os atos mais horrorosos de um frenesi sanguinário.

Bolívar regressou ao combate em 1816, junto com a ajuda que tanto buscou na Jamaica. Logo de cara, capturou a cidade de Angostura, atual Ciudad Bolívar. Quando libertou Quito, apaixonou-se por Manuela Sáenz, uma revolucionária que se tornou sua amante com a alcunha de “Libertadora do Libertador”. Foi ela que, em 1828, o salvou de ser assassinado.

Pouco antes, em 1826, ele tentou uma ação com o intuito de integrar no continente os países vizinhos, numa espécie de ensaio para o que hoje conhecemos como Mercosul. Era o começo das chamadas Conferências Pan-Americanas, das quais participaram representantes dos governos do México, da Federação Centro-Americana, da Grã-Colômbia (Colômbia, Equador e Venezuela) e do Peru.

Seus intuitos, segundo declarações da época, eram: nações livres, sem o comando das metrópoles da época; independentes, tanto política como economicamente; união dos povos, tanto com objetivo de formar blocos, sejam políticos ou econômicos, como para discutir problemas de ordem mundial.

Àquela altura, os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, ecos de outras revoluções, já faziam parte dos ideais dos povos latino-americanos. Afinal, ele havia lançado um movimento coordenado em âmbito muito maior, a ponto de cada região ter seu próprio Bolívar, ou seja, uma pessoa que seria o “libertador”.

Ele não tinha intenção de constituir apenas um grupo de nações livres e independentes, mas também queria unir as nações emancipadas com vínculos de solidariedade, “como se fossem uma grande família sob o direito e a democracia, sendo a liberdade e a união a força motriz de seus projetos, sonhos e realizações”.

O COMEÇO DO FIM

Entretanto, como a maioria de nós tem noção, é mais fácil idealizar que executar. Com o passar do tempo, começou a haver divergências políticas em suas propostas e a quantidade de críticas aumentou muito. A pressão da Espanha, que continuava a enviar tropas para a América, não ajudou muito. Logo, os ideais de Bolívar começaram a se desvirtuar e ele começou a governar com mais autoridade e totalitarismo. Para ele, a América ainda estava fraca e era necessário um governo único. Uma de suas declarações nesse período reflete sua filosofia:

Cada dia torna-se pior o sul da América; no dia em que eu deixar o Peru ele volta a se perder: porque não há homens capazes de sustentar o Estado.

Como viu que não conseguia vencer os espanhóis, procurou ajuda externa com a Inglaterra, o que contrariava sua ideia, já que se tratava de uma metrópole monárquica, forma de governo ao qual ele era contra. Além disso, era um país que tinha um relacionamento com a Espanha. Nas regiões onde os conflitos se travavam o panorama geral era de devastação, pois havia problemas com a mão de obra, já que os homens com mais de 14 anos tinham de prestar serviço militar.

Por fim, ele renunciou, em abril de 1830, com a intenção de sair do país para se exilar na Europa, possivelmente na França. Chegou a enviar várias arcas com seus pertences antes mesmo de embarcar. Morreu depois de travar uma batalha contra a tuberculose, em dezembro de 1830, na Quinta de San Pedro Alejandrino em Santa Marta, aos 47 anos. Pediu para que seu ajudante, o general Daniel F. O'Leary, queimasse seus documentos. O general não cumpriu a ordem e seus escritos sobreviveram até hoje para nos passar a filosofia desse homem e maçom notável. Seus restos estão hoje no Panteão Nacional da Colômbia e a Quinta onde ele morreu tornou-se um museu em sua homenagem.

DESENTENDIMENTOS

Os pesquisadores maçons apontam para a presença da Maçonaria na obra de Bolívar; ressaltam que o revolucionário também foi vítima de sua própria glória. Afinal, quando se tornou envaidecido pelas suas vitórias, recorreu aos países aos quais concedeu a independência para que eles o ajudassem a manter a Confederação sob seu controle. Seus próprios comandados, porém, se voltam contra ele e realizam alguns complôs em meio a desavenças políticas.

O atentado mais sério ocorreu em setembro de 1828 e foi realizado por uma sociedade secreta menor, embora os registros se embaralhem um pouco para identificá-la. Bolívar se salvou e reagiu violentamente, ordenando o fechamento de todas as sociedades secretas, incluindo a Maçonaria. Todos os seus ministros, que eram maçons, tentaram argumentar contra essa resolução, mas ele se mostrou irredutível. Assim, acabou uma relação de longa data.

O escritor maçom francês Louis de la Croix deixou registros que falam que Bolívar reconheceu que ingressou na Maçonaria apenas por curiosidade e que recebeu seu grau de Mestre quando ainda estava em Paris, mas terminou por se afastar da Ordem. O que parece contradizer outros autores maçons, que falam sobre encontros entre Bolívar e outros líderes políticos maçons, como o já citado general José de San Martín. Tenório de Albuquerque fala em seu livro *Sociedades Secretas*:

Os profanos teceram fantasias, forjaram situações de irreconciliabilidade entre San Martín e Bolívar, baseando-se na brevidade da entrevista de Guayaquil (entrevista ocorrida entre os dois líderes em julho de 1822 em que trocaram cumprimentos maçons). Não observaram que foram dois irmãos que se encontraram, já predispostos a fazer concessões.

Na referida entrevista, os dois personagens se abraçaram e expuseram seus planos para as conquistas latino-americanas. Conversaram a sós, a portas fechadas. Discutiram como irmãos maçons e fizeram concessões recíprocas. Não podemos esquecer que Bolívar precisava muito do apoio de outras nações, principalmente daquelas que estavam no mesmo continente. Praticamente no dia seguinte, San Martín partiu para o Peru e Bolívar o acompanhou ao porto, onde lhe ofereceu um retrato com dedicatória.

A brevidade do encontro levantou suspeitas de que os dois não teriam se dado bem, mas a História conta outra versão. Dessa maneira, o contato entre os dois maçons revolucionários estava garantido para que ambos passassem à posteridade no panteão maçônico.

Tradução: “Juro frente a ti; juro por Deus e meus pais, juro por eles, juro pela minha honra e juro pela minha pátria, que não darei descanso ao meu braço nem repouso a minha alma, até que tenha rompido as cadeias que nos oprimem por vontade do poder espanhol!”